

Daniel Alencar

# NOVA PATÓPOLIS



Volume 02 - Origins

## **Nova Patópolis – Volume 02**

Daniel Alencar

Capas: Pink Ghost

Revisão Contextual: Pink Ghost

Críticas, elogios e sugestões: [agibiteca@gmail.com](mailto:agibiteca@gmail.com)

## **Nova Patópolis – Volume 02: Origens**

### **1º Edição – Janeiro de 2013**

Todos os personagens são de propriedade da Disney Inc. e utilizados sem a intenção de auferir qualquer valor a título de lucro direto ou indireto.

As histórias são de autoria exclusiva do autor e podem ser copiadas, divulgadas e disponibilizadas à vontade. O autor se reserva ao direito de pedir que as histórias não sejam alteradas.

Este livro virtual está disponível gratuitamente na Internet pelo site oficial:

<http://novapatopolis.blogspot.com>

E em diversos parceiros como:

<http://agibiteca.blogspot.com>

<http://chutinosaco.blogspot.com>

<http://quadradinhospatopolis.blogspot.com>

<http://gibisclassicos.blogspot.com>

**Proibida a venda** deste e-book ou sua versão impressa.

Para Sandra e Gabriel.

Quem poderia imaginar doze anos atrás, que o resultado seria este.

## Agradecimentos

Para facilitar, começo agradecendo a todas as pessoas já citadas anteriormente.

E termino agradecendo as pessoas específicas que me ajudaram durante o lançamento e divulgação do nosso volume 01:

- **Blog Chutinosaco:** Pela divulgação, entrevista e leitor online.
- **Pink Ghost:** Pela revisão contextual e capas.
- **Blogs Gibis Classicos, Quadrinhos Patópolis, EsquiloScans:** Pela divulgação.
- **Paulo Gibi:** Por uma resenha fantástica.
- **Fórums Calisota, A.R.R.A.F., Disney PT, PT Disney:** Pela divulgação.
- **Alessandra:** Pela divulgação no facebook e idéias.
- **Exilado de Marília:** Pela divulgação no facebook.
- **David:** Pelas ideias e correções.
- Todos os leitores que comentaram, fizeram sugestões ou enviaram um e-mail: Por nos ajudar a melhorar sempre.
- Todos os leitores que baixaram ou leram, me indicando que o livro agradou.

Se me esqueci de alguém, peço desculpas...

Um grande abraço a todos...

Daniel Alencar

## Índice

- Reflexões do Autor
- Informações
- Prólogo
- **Capítulo 01:** Solidão
- **Capítulo 02:** Ka K
- **Capítulo 03:** Vida a Dois
- **Capítulo 04:** Adeus
- **Capítulo 05:** Metralhas
- **Capítulo 06:** Pataji
- **Capítulo 07:** Toque de Midas
- **Capítulo 08:** Tranquilidade
- **Capítulo 09:** Incidente
- **Capítulo 10:** Traição
- Epílogo

## **Reflexões do autor**

### ***Sobre o ato de escrever e criar...***

Desta incursão literária em três atos, já tirei algumas lições:

- A angústia é o adubo da criatividade.

Impressionante a forma como uma aumenta a outra. Quanto mais amargurado estou, mais criativo me torno. Ouvi de uma pessoa muito sábia que “Nos momentos de angústia, paramos de ser importar com o exterior e nos voltamos para dentro de nós mesmos”.

- Consigo atingir o âmago de uma pessoa com apenas uma frase.

Posso citar diversos exemplos, mas dois foram emblemáticos. Alguém que se sente velho, ficando louco da vida com a simples possibilidade dos personagens Disney envelhecerem e uma mulher que se sente vazia no casamento, se identificar e se ofender com Margarida tendo uma vida conjugal infeliz.

- É muito fácil sofrer junto com o personagem

Diferentemente do primeiro, eu chorei diversas vezes enquanto escrevia este livro. O sofrimento é tão palpável que é impossível ficar indiferente. Imagino que causarei este efeito em alguns leitores.

Como diria meu pai, nove fora, está sendo uma experiência única.

Agradeço a oportunidade de dividirem ela com vocês.

### ***Sobre o livro...***

E aqui estou eu apresentando o volume 02.

Quando lancei o primeiro, juro que ficaria feliz com 100 leitores. Afinal, era meu primeiro texto colocado em público, não sabia se a ideia iria agradar, etc...

Mas após 30 dias do lançamento, estou passando de 1000 downloads e 6000 leituras online... E mais dezenas de comentários, curtidas, recados, e-mails, etc... E resenhas positivas de outros blogs amigos... Fui pego de surpresa, mas pelo menos confirmei o que eu pensava: A abordagem adulta faz falta em nossos heróis de infância.

Outro detalhe é que o primeiro livro agiu como um teaser. Histórias curtas e rápidas, muito mais perguntas do que respostas. Agora chegou a hora de algumas respostas.

No primeiro arco, temos a história de Karen. Órfã e sozinha, adotada com o interesse de transformá-la em uma “Lethal Weapon” (apesar de o filme ser chamado de Máquina Mortífera, a tradução seria Arma Mortífera). Claro que no caso dela, virou uma “Lethal Ducky” (Patinha de Borracha Mortífera).

Acompanharemos seu treinamento, suas missões, o motivo da parceria com Donald Duplo, seu interesse nele, seu ponto de vista da noite em que passaram juntos na França (que Donald não se lembra por ter enchido a cara) e o desfecho do caso de amor dos agentes.

No segundo arco a história de Pataji, uma patinha perdida nas ruas que foi acolhida por uma bruxa que vivia perto da cratera do monte Vesúvio. Qual a importância dela em nossa história? Digamos que ela é tão importante para a trama quando Donald e Tio Patinhas.

Duas mulheres tão diferentes com um objetivo em comum. Continuar a missão de quem elas mais admiravam.

E no terceiro arco, o início do incidente que culminará com a destruição da velha Patópolis.

Também veremos Jane Doe e seu emotivo médico Dr. Patico. Ela finalmente acorda, mas o mais importante, o quê lhe aconteceu?

E amargura, angústia, fome, esperança, choro, risada, vazio, felicidade, desespero, depressão, sacrifício, raiva, dedicação, promessa, perda, acolhimento, amor, medo, paixão e tantas outras sensações que fica difícil citar todas.

Com grandes participações de Ludovico Von Pato, Irmãos Metralhas, Margarida e Tio Patinhas. E pequenas participações de Dora Cintilante, Gastão, Peninha e muitos outros.

E depois?

No derradeiro volume, a perfeita antítese de nossa existência. Vida e morte, início e fim, alfa e ômega. Um ciclo termina e outro se inicia.

Nada será como antes...

Boa leitura,

Daniel Alencar



## Informações

Esta obra é direcionada para qualquer leitor que se interesse em ver os personagens de Walt Disney humanizados. O grande número de citações a obra de importantes autores, busca enriquecer o contexto e manter a coerência dentro deste universo ficcional.

Para compreender a maioria das citações, recomendamos a leitura das seguintes coleções (disponíveis na Internet):

- **O Melhor da Disney: As Obras Completas de Carl Barks**, Ed. Abril.

- **The Fine Art of Don Rosa**, Ed. EsquiloScans

Já a série Donald Duplo (Double Duck no original Italiano) nos apresenta “A Agência”, uma organização secreta ao melhor estilo James Bond.

Nesta série, Donald é convocado sem querer no lugar de um mercenário. Após uma análise de sua mente, o Diretor conclui que ele é apto a realizar uma missão.

Como o agente especial Donald Duplo, ele assume a identidade de Hook, um lendário jogador e se infiltra em uma ilha cassino para descobrir qual organização criminosa financia um trapaceiro, que precisa acumular cem milhões nas mesas de jogo.

Em outras missões, Donald Duplo faz parceria com a agente especial K Ká, uma patinha que sempre demonstrou uma simpatia exagerada por ele.

Para maiores informações, recomendamos a leitura de:

- **Donald Duplo Cronological Collection**, Ed. A Gibiteca

- **As Novas Aventuras de Donald Duplo 01 e 02**, Ed. Abril

- **Tio Patinhas**, Ed. Abril

## **Prólogo**

### ***Karen***

Uma órfã que teve seu destino decidido por estranhos. Deu um sentido a sua vida sendo a melhor no que faz para deixar alguém orgulhoso.

Ela só não esperava encontrar no caminho, o grande amor de sua vida.

### ***Pataji***

Uma criança de rua acolhida por uma estranha. Deu um sentido a sua vida lutando pelo sonho de quem a protegeu.

Ela só não esperava encontrar no caminho, alguém que impedisse os seus objetivos.

### ***Incidente Patópolis***

Uma sequência de circunstâncias que caminham para um desfecho trágico.

Após ele, nada será como antes.

Duas mulheres e várias histórias.

Às vezes, o motivo de tudo está no começo.

Está na origem.

# Capítulo 01

## Solidão

*"Em cada um de nós há um segredo.  
Uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de  
silêncio e paraísos secretos."  
Antoine de Saint-Exupéry*

## Há 22 anos...

Karen não se lembrava de quase nada daquela noite e nem do dia seguinte. Apenas de alguns flashes.

Com três anos, ela vivia em uma casa com muito espaço e brinquedos para todos os lados. Papai e mamãe a tratavam muito bem, mas era com papai que ela fazia o quê queria. Ele a chamava de princesinha.

Karen já tinha se acostumado que às vezes papai e mamãe ficavam vários dias fora. A sua babá, que ela considerava sua amiguinha, não era tão boazinha quanto o papai, mas seguia as ordens dele e a deixava bem à vontade.

O quarto dela era todo decorado com o tema das princesas dos contos de fada. A cama era da Branca de Neve, o papel de parede da Cinderela e existiam inúmeras bonecas de todos os tipos. Bichinhos de pelúcia nem se contam, pois ela adorava dormir em cima deles.

Naquela noite, Karen acordara com o barulho da campainha. Não podiam ser papai e mamãe, pois eles sempre entravam em silêncio.

Ela levantou-se da cama bem devagarzinho e seguiu até a porta. De lá, ouvia vozes na sala, tanto da sua amiguinha quanto de dois moços.

A sua amiguinha falava rápido e os moços falavam baixo. Ela não entendeu nada. O sono começou a falar mais alto e Karen voltou para cama.

No dia seguinte, a babá entrou no quarto com um copo de suco de morango (seu favorito) e alguns biscoitos. Karen tinha uma mesinha onde ela se sentava para fazer pequenas refeições. Ela estranhou que a babá não falou nada quando entrou ou saiu.

Karen estava tomando seu suco, quando ouviu a campainha de novo. Ela não se levantou da cadeira, mas ficou ouvindo atentamente.

- Nós vamos leva-la agora - dizia a voz de um moço.

- Mas eu ainda não arrumei as malas - respondeu sua amiguinha.

- Não importa. Monte uma sacola de roupas, outra de brinquedos e iremos em seguida. Depois buscamos o resto - concluiu a voz.

- Pobre menina - comentou a babá com uma voz triste.

Karen só entendeu algumas palavras. Mas preferiu dar atenção aos biscoitos naquele momento.

A babá entrou em seu quarto de novo e foi em sua direção.

- Karen, eu preciso te dizer uma coisa - disse a babá.

- Quê? - respondeu Karen, cuspingo alguns farelos de biscoito.

- Na sala tem um moço, que é amigo do papai e da mamãe. E ele vai te levar para passear e conhecer uma casa nova, bem maior que esta - continuou a babá, com a voz embargada.

- Mais não quero casa nova, quero casa do papai e da mamãe - respondeu a menina.

- Eu sei meu bem. Mas o moço vai te levar para esta casa e lá você vê se gosta. Por enquanto é só um passeio - mentiu sua babá.

- Intão tá. Posso levar meu dondin? - perguntou Karen. Dondin era o apelido que a menina dava para um cobertorzinho que sempre estava com ela.

- Pode querida - respondeu a babá - Vou arrumar uma malinha de roupas e uma de brinquedos para o caso de você precisar durante o dia, tá? - concluiu a babá, com os olhos marejados.

- Tá - disse a menina, comendo mais um biscoito.

A babá arrumou rapidamente as duas malas e levou para a sala.

Em seguida, trocou a menina com um vestidinho rosa comprido e um tênis rosa. O dia estava quente e não era necessária muita roupa.

- Agora vamos querida - disse a babá.

- Só vo passiá, né? - perguntou a menina.

- Sim, sim. Eu vou estar aqui te esperando mais tarde - mentiu novamente.

A babá encaminhou Karen para a sala. Lá chegando, viu um moço alto, todo vestido de preto e com óculos escuros esperando por ela.

- Olá Karen, tudo bem? - perguntou o moço.

- Tudo - respondeu timidamente a menina.

- Vamos passear um pouco? O papai e a mamãe me pediram para te levar para conhecer um lugar muito legal - continuou o moço – Lá você vai conhecer um monte de crianças.

- Depois eu volto pra casa do papai e mamãe, né? - perguntou a menina.

- Claro, claro - falou o moço sem muita convicção.

- Péra moço. Tchau amiguinha, vo passiá - disse Karen olhando para a babá.

A babá se ajoelhou e abraçou a menina com força. Bem baixinho, ela balbuciou: - Adeus, querida.

O moço de preto pegou Karen pela mão e gentilmente a levou até o carro estacionado na porta. Era um sedam preto, com os vidros bem escuros.

- Oia qui carro grande! - espantou-se a menina.

- É, e a casa será bem maior - complementou o moço.

O moço abriu a porta traseira, colocou Karen no banco de trás e a prendeu com o cinto de segurança infantil. Em seguida, fechou a porta e se encaminhou para o banco do motorista.

Dando a partida no carro, saiu bem devagar e foi em direção ao portão de acesso a rua.

- Chau, casinha, vo passia - disse a menina olhando para a porta de entrada e acenando.

De pé na porta, a babá não se segurou mais e começou a chorar. Pensava consigo mesma:

- Pobre menina, tão novinha.

Karen estava animada pelo passeio e olhava para sua casa se afastando.

Ela não poderia imaginar que nunca mais veria a sua amiguinha, nem o seu quarto de princesa, nem os seus brinquedos e muito menos o papai e a mamãe.

A partir daquele dia, Karen estava sozinha no mundo. E esta solidão seria sua única amiga por muito tempo.

## **Há 21 anos...**

Karen já estava a pouco mais de um ano naquele local. Realmente a casa nova era grande e tinha muitas crianças e brinquedos.

Nos dias seguintes a sua saída de casa, as noites eram longas e chorosas. Ela pedia para ver o papai e a mamãe, mas nunca deixavam.

Com o passar dos meses, Karen foi pouco a pouco esquecendo sua vida anterior. Na casa grande, ela tinha várias tias e horários para tudo.

Ela precisava acordar as 07:00 hs, escovar os dentes e ir tomar um copo de leite ou suco. Depois voltava para arrumar sua cama da melhor forma possível e seguia para algumas atividades.

Ela não tinha mais um quarto, apenas uma cama. E com mais de 50 crianças no mesmo local. De todos seus brinquedos, ela só conseguiu manter seu dondin e uma bonequinha. Os demais foram sendo usados pelas outras crianças e quebraram. Karen dormia com os dois todos os dias.

Ela almoçava as 12:00 hs e depois ficava a tarde toda na área de brincadeiras. Tinham algumas crianças legais, mas outras batiam nela e ela não gostava.

O jantar acontecia as 19:00 hs e após isto, as vezes as tias liam uma história. Karen adorava uma que contava que o príncipe encantado vinha salvar a princesinha. A palavra princesinha fazia ela se sentir bem.

E sua rotina se repetia continuamente.

Em um belo dia após o almoço, Karen estava sentada sozinha e brincando. Outra menina maior que ela apareceu e pegou a sua boneca.

- Dá minha boneca - pediu Karen.

- Agora é minha - disse a menina.

- Dá agora - insistiu Karen.

- Bléééééé... - foi a resposta com língua de fora.

Karen não falou mais nada. Simplesmente deu um chute na canela da menina e um soco em seu olho.

Pega de surpresa, a menina soltou a boneca e saiu chorando e gritando:

- Tiaaaaaaaa!

Karen não ligou. Pegou sua boneca de volta e continuou brincando tranquilamente. Ela sabia que a tia ia dar bronca, mas não importava. A boneca era dela.

À distância, dois homens observavam este pequeno conflito.

- Nervosa a menina, não? - disse o primeiro.

- Sim. O psicólogo acha que ela extravasa a agressividade com qualquer um que tente pegar algo dela - comentou o segundo.

- Mas tem solução? - perguntou o primeiro.

- Temos que compreender que esta menina foi tirada de seu ambiente seguro, dos seus pais, muito de repente - continuou o segundo – E perdeu seu quarto, brinquedos e todo o resto.

- Eu sei, eu sei. Me interessa saber se ela serviria. Senão, eu nem a tiro daqui - explicou o primeiro.

- Acredito que sim. Como ela tem uma carga de agressividade muito alta, você poderia direcioná-la para um objetivo - disse o segundo, pigarreando.

- Hmmm. Mas eu precisaria fornecer um ambiente idêntico a sua vida passada - comentou o primeiro - Preciso de um casal que a crie como uma filha legítima.

- É verdade. Mas o ideal mesmo seria esperar mais um tempo para ela esquecer completamente o pai e a mãe - disse o segundo.

- E quanto tempo você acha que ela precisa? - perguntou o primeiro, pensativo e com a mão no queixo.

- Hoje ela tem quatro anos. Eu esperaria até pelo menos os sete para leva-la para uma nova casa - arriscou o segundo.

- Vou seguir seu conselho. Nestes três anos, encontrarei um casal de agentes que queira uma filha, com o objetivo de treiná-la - concluiu o primeiro.

- Como o senhor preferir, Diretor - concordou o segundo.

- Então por hoje é só, Doutor. Muito obrigado - disse o primeiro, estendendo a mão e dando um aperto vigoroso.

- Disponha Diretor - completou o segundo.

À distância, Karen não tinha ideia que sua vida estava sendo decidida naquele momento. E para ela, o mais importante era que a tia estava chegando para dar a bronca.

O Diretor começou a se afastar de onde estava e se dirigiu para a saída. Atravessou um jardim, desceu as escadas e saiu do local cercado com vários portões.

- Esta menina tem potencial - pensou - Quem sabe eu ainda esteja vivo para tê-la sob minhas ordens, igual aos pais?

- Bom, tenho três anos para montar tudo - concluiu o Diretor, saindo em direção a rua onde estava estacionado seu carro.

Assim que passou pelo portão principal, olhou para trás uma última vez e viu a placa com o nome do local.

### **“Orfanato de Patópolis”**

- Que local triste - pensou o diretor, antes de se virar e andar em direção a seu carro.



## Há 18 anos...

Karen acordou normalmente naquela manhã. Se trocou e estava sentada na cama, quando viu uma das tias vindo em sua direção.

- Será que ela descobriu que eu joguei a calcinha da Berta na privada? - pensou Karen preocupada.

A tia seguiu até a cama dela e se ajoelha ao seu lado.

- Bom dia Karen, tudo bem? - disse a tia sorrindo.

- Tudo - respondeu a menina ainda desconfiada.

- Karen, eu preciso te fazer uma pergunta - continuou a tia, agora colocando a mão em seu ombro.

- Não fui eu que joguei a calcinha dela na privada, tia. Eu juro - respondeu Karen, quase chorando.

- Hmmm? Ah, tá. Calma querida, a pergunta é outra - tranquilizou a tia.

- Você gostaria de ir embora da nossa grande casa e ficar em uma casa menor com um papai, uma mamãe e seu próprio quarto? - perguntou a tia.

Karen não podia acreditar no que ouviu. Seu sonho sempre foi ter uma casa, um papai e uma mamãe.

- Sim, sim. Se meu papai e minha mamãe me levassem, eu prometo ser boazinha, comportada e obediente - respondeu a menina com os olhos cheios de esperança.

- Eu sei meu amor. Então venha comigo até a sala da supervisora - disse a tia se levantando e puxando Karen pela mão.

Karen não podia acreditar. Sempre ouviu das crianças que o dia mais importante da vida era quando eles ganhassem um papai e uma mamãe. Que eles dariam presentes, que os levariam para passear e fariam tudo que eles quisessem.

Ela seguiu a tia até chegar a sala da supervisora. A tia bateu na porta e aguardou a ordem de entrar. Após serem autorizadas, as duas entraram na sala.

Ao entrar, Karen viu a supervisora sentada e dois adultos de pé junto a mesa. O homem era alto, com os cabelos castanhos e usava uma roupa preta. A mulher era um pouco menor que ele e tinha longos cabelos dourados.

- Nossa, será que eles serão meu papai e mamãe? Como são bonitos - pensou a menina.

- Bom dia Karen - disse a supervisora.

- Bom dia. Eu já arrumei minha cama, me troquei, escovei os dentes e estou boazinha, obediente e comportada - disse rapidamente a menina para que seus novos pais não mudassem de ideia – E não fui eu que joguei a calcinha da Berta na privada - concluiu a menina.

Ouvindo isto, o casal não conseguiu conter a risada.

- Muito esperta esta menina - disse o homem.

- Realmente. Já parece sua filha - respondeu a mulher.

- Eu sei Karen, eu sei - respondeu a supervisora - Eu preciso te apresentar alguém.

A supervisora se levantou, saiu para frente de sua mesa e se aproximou da menina.

- Karen, estes são o Senhor e Senhora Duckhan. Eles querem ser seu papai e mamãe - falou a supervisora carinhosamente - E querem te levar para você ter seu próprio quarto cheio de brinquedos. Você quer ser a filha deles?

- Sim, sim, sim - respondeu bem alto - Eu prometo ser boazinha, comportada e obediente. E estou falando sério agora - completou a menina.

O homem começou a rir de novo e se ajoelhou para ficar na altura da menina.

- Oi Karen, eu vou adorar ser seu papai - disse ele com sinceridade.

A simpatia de Karen foi imediata. Ela se jogou em cima dele com um abraço, segurando-o pelo pescoço.

- E eu vou adorar que você seja meu papai. Prometo obedecer tudo, eu juro - disse a menina, emocionada.

- Pronto, já conquistou este pai babão - comentou a mulher.

A supervisora voltou para a sua mesa e sentou-se.

- Acredito que a parte difícil está resolvida. Como os trâmites já foram feitos, se ela não gostasse de vocês ou da ideia, precisaríamos de um tempo de adaptação - explicou a supervisora - Mas como não aconteceu, podem leva-la agora, depois montaremos sua pequena mala e vocês retiram amanhã.

- Que bom - respondeu o homem – Vamos para sua nova casa, Karen?

- Vamos, vamos, vamos - disse a menina empolgada.

Após se despedirem da supervisora e Karen se despedir das suas duas tias favoritas, eles saíram em direção ao portão. A menina não podia acreditar que sairia daquele lugar para sempre.

Já na rua, os dois seguraram Karen pela mão e a levaram até um carro sedam preto com os vidros escuros.

Ao ver o carro, Karen teve uma rápida sensação ruim. Mas não conseguiu definir o motivo. Como sua empolgação estava nas alturas, não pensou mais nisto.

Os novos pais de Karen a levaram para dentro do carro e seguiram até sua casa nova. A menina continuava não acreditando.

Após um trecho curto, pararam em frente a uma bela casa, pintada recentemente.

- Aqui é sua nova casa, Karen - disse seu novo pai.

- Nossa, que bonita - respondeu a menina com os olhos arregalados.

A nova família desceu do carro e seguiu até a porta. Após abrir, ele continuou:

- Aqui na entrada é a sala de estar e de jantar. Indo por aquele corredor, chegamos ao banheiro e em seguida aos três quartos. O primeiro é nosso, o segundo é o seu de dormir e o terceiro está vazio por enquanto. Pode ficar a vontade, querida.

Karen mal ouviu toda a explicação. A única coisa que importava era estar lá.

- Você não ouviu seu pai? Pode ficar a vontade - insistiu a mãe - Pode andar pela casa toda.

A menina não conseguia conter tanta felicidade. Então correu para abraçar o casal.

- Papai, mamãe, que lugar lindo - falou a menina, quase chorando - Eu quero ficar aqui sempre, tá? Eu prometo ser boazinha, obediente e comportada.

- Tudo bem querida. Agora vamos ver seu quarto - disse o seu novo pai sorrindo.

Ainda emocionada, Karen pegou na mão dele e seguiu até o quarto.

Os próximos dias seriam mágicos para ela. Conhecer sua nova casa, ganhar mais brinquedos do que ela imaginaria existir, ter o carinho de um papai e de uma mamãe.

Após tanto tempo, ela não estava mais sozinha.

## **Há 15 anos...**

Karen havia acabado de chegar da escola.

Como sempre, trazia o caderno na mão para mostrar para seu pai e mãe, que olhavam atentamente seus desenhos, exercícios de matemática e atividades de casa.

Ela entrou correndo em casa, chamando:

- Papai, mamãe. Cheguei...

Não houve resposta.

- Ué. Cadê os dois? - pensava a menina.

Seguiu até a cozinha onde havia uma saída para o jardim de trás. Ao chegar, escutou vozes exatamente no jardim. Seus pais não estavam sozinhos.

Karen ficou receosa. Sabia que o papai ficava muito bravo quando ela aparecia no meio dos adultos e entrava na conversa. Com esta certeza, se encostou à porta e escutou.

- Pode deixar Diretor. Vou falar com ela hoje - era a voz de seu pai.

- Conto com você - foi a resposta do moço, com uma voz alta que ela nunca tinha ouvido.

Após esta frase, Karen ouviu o portão de saída do jardim sendo aberto. A casa tinha esta saída pelos fundos além da entrada principal.

Seus pais se encaminharam para a cozinha e deram de cara com a menina agachada com a cabeça quase para fora, obviamente, tentando ouvir a conversa.

- Karen - falou alto seu pai.

- Aiiiiii!!!!!! Você me assustou – disse a menina querendo chorar.

- Desculpe, desculpe mocinha – derreteu-se seu pai, ajoelhando para olhar em seus olhos. – Mas o quê você está fazendo aí?

- Queria saber quando a conversa ia acabar para eu poder ir te ver - disse a menina, ainda sentida.

- Tudo bem, meu amor - interveio sua mãe. – Mas o quê você ouviu?

- Que vocês iam falar comigo - respondeu Karen, olhando para a sua mãe.

- Então tudo bem, mocinha - falou seu pai. – Agora vá até o banheiro, tome seu banho e depois do almoço nós conversamos no nosso “esconderijo secreto” - concluiu o pai, sussurrando as últimas palavras.

- Tá - respondeu a menina, ficando feliz de novo.

Karen adorava ir para uma casinha que ficava no jardim. Era o “esconderijo secreto” onde ela se escondia quando a mamãe queria dar bronca. Ela nunca a encontrava lá. O papai sabia dele, mas ele também não contava para a mamãe.

Ela tomou seu banho rapidinho e desceu para almoçar. A mesa já estava pronta e ela se deliciou com seu prato favorito, macarrão com molho e muito queijo. As vezes ela comia três pratos, mas como estava curiosa para falar com o papai, só comeu dois.

Karen saiu da mesa correndo e seguiu até seu esconderijo secreto. Entrou na casinha, onde seu papai já estava. Ela sentou no colo do pai e esperou a conversa.

- Então mocinha, eu queria te dizer umas coisas - começou o pai em tom sério.

- Tá - foi a resposta.

- Você sabe que o trabalho do papai é muito importante, não é? - perguntou em um tom mais sério ainda.

- Sei, sei. O papai já me disse que ele ajuda as pessoas - concordou a menina.

- Sim, ajudo as pessoas, derroto os malvados e deixo o mundo seguro para todos nós. Isto tudo você já sabe, não é? - perguntou novamente, passando a mão na cabeça da menina.

- Sei, sei. O papai é o meu herói - disse a menina, com os olhos brilhando. Ela realmente o admirava muito.

- Ótimo. O quê eu quero te perguntar é: Você gostaria de trabalhar na mesma coisa que o papai, ajudando as pessoas e tornando o mundo mais seguro? - questionou o pai com seriedade.

- Claro que sim! - gritou Karen, não acreditando no que estava ouvindo. A sua felicidade era contagiante.

- Calma mocinha, deixa eu te explicar - ponderou o pai.

- Para trabalhar igual ao papai, você precisa se dedicar muito, por muitos anos. Por isto estou perguntando, pois se você não quiser, nunca vai se dedicar o necessário - disse o pai em um tom grave.

- Não papai. Eu faço tudo que for preciso e vou me dedicar muito, prometo - respondeu a menina de forma sincera.

- Mocinha, eu estou falando de vários anos. Você precisaria desde já aprender defesa pessoal, tiro, primeiros socorros, esgrima, pelos menos três idiomas, natação e musculação - continuou o pai. – E você faria estes cursos a semana toda após a escola, ficando bem menos tempo em casa.

- Não tem problema papai, eu quero trabalhar igual a você - repetiu a menina.

- Então tá. Eu vou falar com o moço que estava aqui hoje e pedir para ele providenciar tudo - concluiu o pai.

- E então poderei trabalhar com o senhor? - perguntou Karen em um tom mágico, sem acreditar ainda.

- Sim, quando você estiver pronta - respondeu o pai, levantando-se e saindo do esconderijo secreto.

- E como vou saber que estou? - perguntou a menina, seguindo o pai pelo jardim.

- Estará pronta quando conseguir me derrubar ou me derrotar em uma luta, senhorita apressadinha - respondeu o pai.

- Ah, isto é fácil. Consigo te vencer agora – disse Karen, se agarrando na perna do pai e mordendo.

- Ai, ai, sua pestinha. Você vai ver - gritou o pai.

Ele tirou Karen de sua perna, colocou-a no chão e fez cócegas. Ela se debateu gritando, mas ele não parou. Quando ela estava totalmente sem fôlego, ele a soltou, deixando-a caída no jardim.

- Isto é para você aprender, sua petulante - disse o pai rindo e se afastando.

Para Karen, aquele momento era inacreditável. Mesmo caída e sem forças para levantar depois de tanta cócega, ela estava muito feliz. Além de amar muito seu pai, agora ela trabalharia com ele.

Ela se dedicaria o máximo possível para ficar pronta logo, de forma a poder ajudar seu papai no trabalho.

Mas para ela, os próximos anos seriam bem cansativos.

## **Há 10 anos...**

Karen estava em seu local favorito do sítio.

Um pouco afastado da casa principal, seu pai montou uma área para treinamento de tiro. Ela podia se posicionar a distância que quisesse para mirar em latas e alvos. Também havia uma máquina que lançava discos para treinar alvos móveis.

Com um fone de ouvido para se proteger do barulho dos disparos, ela se encontrava absorta e distraída em relação ao ambiente. Tanto que não percebeu seu pai chegando.

Ele ficou algum tempo observando Karen atirando com uma pistola semi-automática, sem fazer qualquer movimento. Quando pensou em falar com ela, pegou uma pedrinha e a lançou de forma a passar rente a seu bico.

- Ahhh! - Karen se assustou e voltou um passo para trás.

Já sabia do quê se tratava. A coisa que ela mais detestava em seu pai era a mania de assustá-la. As vezes tinha vontade de lhe acertar um murro.

- Paiiiii! Já disse que odeio quando faz isto - reclamou com raiva, tirando o fone de ouvido.

Mas esta raiva momentânea não a impediu de correr até ele, pular em seu pescoço e dar um abraço apertado.

- Calma mocinha - respondeu seu pai, se desvencilhando do abraço - Só estava testando seu reflexo - concluiu, rindo.

- Legal. Ao menos você viu que está bom, como tudo que faço - respondeu Karen orgulhosa.

- Sua mira está ótima como sempre. Mas ainda falta muito para você estar pronta, mocinha - disse seu pai em tom sério.

- Que nada! Encaro qualquer um agora - respondeu Karen em um tom desafiador – Minha mira é impecável, sou a melhor da turma de esgrima, já tenho a faixa preta de karatê. Ninguém pode comigo - concluiu de forma soberba.

- Ah, é? Vamos ver - disse o pai, andando em sua direção.

Karen ficou feliz que seu pai a desafiou. Em todas as lutas que eles simulavam, ela sempre perdia. Mas hoje seria diferente. Ela pretendia surpreendê-lo.

Ela o atacou com um golpe direto, estendendo o braço direito em excesso, deixando a defesa aberta.

Seu pai desviou facilmente. Pegou seu braço e girou o corpo para trás do dela. Em seguida a segurou pelo pescoço em uma gravata.

- Ora, ora... Você sempre perde, mas hoje foi muito fácil - disse o pai sorrindo - O quê está na cabeça da minha mocinha?

- A sua derrota - respondeu Karen.

Ela treinou esta posição muitas vezes. Primeiro, levantou a perna esquerda entre as pernas de seu pai, que se desequilibrou ligeiramente. Ao mesmo tempo, uma cotovelada com o braço esquerdo acertou-o na altura das costelas, o quê fez ela se soltar. Finalmente, com um giro rápido no corpo, acertou o rosto dele com um chute, derrubando-o.

Claro que os golpes não foram dados com toda a força. Karen não queria machucar (muito) seu amado pai.

- Consegui, consegui - vibrava Karen rindo. - Te derrubei papudo! E agora, quem não está pronta? - continuou ela animadíssima.

O seu pai estava caído no chão e não respondeu nada.

- Levanta pai. Admita que perdeu - disse Karen de novo.

Ele continuava imóvel e em silêncio.

- Pai, isto não é engraçado - disse Karen em um tom preocupado - Pai? Pai?

Silêncio.

- Ai, meu Deus! Será que ele bateu a cabeça? - pensou Karen nervosa e se ajoelhando ao lado do pai. Ela se agachou para levantar a cabeça dele e verificar.

No momento em que ela colocou a mão sob a cabeça do pai, ele segurou seu braço e acertou uma cabeçada em seu bico. A dor e a surpresa a derrubaram no mesmo momento.

Enquanto ela estava no chão gemendo com as duas mãos no bico, seu pai levantou-se. Em seguida, pegou uma braçadeira do bolso e se agachando rapidamente prendeu seus dois pulsos, deixando-a totalmente indefesa.

Finalmente retirou a faca da bainha presa a direita da cintura e se ajoelhou ao lado dela, que ainda gemia com a dor intensa.

- Bom, vamos ver. Se eu fosse um inimigo bonzinho, apunhalaria seu coração e você não sofreria por muito tempo - comentou seu pai, pressionando a ponta da faca no peito de Karen.

Ela ficou gelada ao sentir esta pressão.

- Mas se eu fosse um inimigo malvado, cortaria seu pescoço - continuou seu pai, pressionando o fio da faca abaixo de seu bico. Neste momento ele se aproximou mais do seu rosto e olhou direto dentro dos olhos assustados dela. – E enquanto você estivesse agonizando, afogando-se em seu próprio sangue, seria violentada – concluiu ele em um tom muito sério.

Assim que viu as lágrimas se formando nos olhos de Karen, ele sabia que a mensagem estava entendida. Desencostou a faca do pescoço dela e se levantou dizendo:

- Você é uma menininha ingênua de quinze anos, Karen. Só estará pronta quando não confiar em ninguém, não hesitar diante de nada e não tiver piedade do inimigo.



Com esta última frase, seu pai guardou a faca e se virou para sair de lá.

- Ah, mais duas coisas. Livre-se você mesma da braçadeira e o jantar será servido daqui a pouco – terminou o assunto, indo embora assobiando.

Karen ficou longos minutos deitada no chão. Seu bico ainda latejava de dor e as duras palavras de seu pai doeram mais ainda. Após cinco anos exaustivos de treinamento, seu pai a subjugou violentamente em menos de cinco segundos.

Ela chorava de raiva. Sua garganta estava fechando e as lágrimas não paravam de rolar. Mas a raiva era de si mesma. Com fortes mordidas, Karen cortou a braçadeira.

Após se soltar, Karen sentou-se inconformada. Ela se esforçaria mais do que nunca no treinamento. Seu pai se arrependeria do dia de hoje. Ela melhoraria muito e sabia que o venceria, ele não perdia por esperar.

O quê Karen não sabia era que ela somente ficaria pronta, três anos após aquele dia.

### **Há 7 anos...**

Karen estava dormindo em sua confortável cama. Apesar da noite não muito fria, ela adorava se enrolar toda no cobertor.

Seu pai tinha viajado em missão e ela estava em casa com sua mãe. Claro que amava a mãe, mas seu pai era seu favorito. Ela sentia constantes saudades quando ele saía por alguns dias. E obviamente esperava que ele voltasse a tempo do seu aniversário de 18 anos, que ocorreria em quatro dias.

Por volta das 03:00 hs da manhã o telefone tocou, mas isto não a acordou.

Após alguns minutos, Karen foi acordada com o quê parecia ser um grito abafado vindo da sala. Ainda dormindo, escutou um ruído constante no mesmo local.

Levantou-se com uma camisola quase transparente e mais nada. Vestiu um roupão para ir até a sala, pois poderia ser seu pai, que se irritava quando ela aparecia com pouca ou nenhuma roupa fora do quarto.

– Você já é uma mulherzinha Karen - ele dizia - Que tal começar a agir como tal? - como ele era chato, ela pensava.

Ela já tinha brigado muito com ele sobre este assunto e estava cansada.

Saindo do quarto, conseguiu discernir que o barulho eram soluços. E que havia um choro baixo e constante. Apressou o passo para chegar na sala.

Ao entrar, viu sua mãe sentada no canto esquerdo do sofá, de cabeça baixa e emitindo aquele choro.

- Mãe, o quê foi? - perguntou Karen preocupada.

- Karen? Eu, eu. Não era para te acordar - disse sua mãe levantando a cabeça e soluçando.

- Tudo bem. Mas por que a senhora está chorando? - insistiu Karen, ficando mais preocupada.

- Meu amor, senta aqui - disse sua mãe, tentando se controlar.

Karen seguiu receosa até o sofá. Sentou ao lado de sua mãe e segurando suas mãos, insistiu:

- O quê foi mãe? Pode falar.

- Karen, eles me ligaram. Seu pai, ele, ele. – balbuciou sua mãe, não conseguindo continuar, chorando e soluçando.

- O quê houve com o papai? - gritou Karen.

- Meu bem, você precisa ser forte - continuou sua mãe - Ele caiu em uma armadilha do inimigo e está morto - disse sua mãe, começando a chorar de novo.

- Não, não, deve ser algum engano – Karen começou a negar.

- Não, filha. Eles já recuperaram o corpo - confirmou sua mãe, tentando parar de chorar.

- Não, ele não pode ter morrido - insistiu Karen, começando a chorar - Ele prometeu, não lembra? Ele disse que nunca seria pego, que nunca me abandonaria. Lembra mãe? - disse Karen chorando cada vez mais.

Sua mãe continuava a chorar, o quê fez Karen perceber aos poucos o que realmente tinha acontecido.

- Não, não, não. Não pode ser – disse Karen negando e deslizando do sofá em direção ao chão.

- Ele não podia ter feito isto. Ele prometeu que nunca me abandonaria.

Karen deslizou até se deitar no chão. Em seguida, instintivamente ficou em posição fetal.

- Ele prometeeeeeeeeeu! - gritou em desespero.

Karen estava saindo da fase de negação e começando a entrar na de raiva.

- Desgraçado, desgraçado. Como ousa me deixar sozinha? - ela falava mordendo seus lábios com força.

- Como eu vou te mostrar agora? Como vou te mostrar que estou pronta?

- Como eu vou te derrotar e te deixar orgulhoso? – gritava Karen, sobrando agora apenas o desespero.

- Pai, pai... - repetiria Karen pelas próximas horas, chorando sem parar, abraçando suas pernas. Seu choro só terminaria ao amanhecer, quando ela se levantaria e consolaria sua mãe.

Foi naquele dia que Karen ficou pronta. Ela passaria a odiar o inimigo. Ela vingaria seu pai a cada inimigo morto. E seriam muitos.

Ela não confiaria, não hesitaria e não teria piedade.

Karen havia ficado sozinha novamente. E esta solidão seria sua única parceira dali em diante.

# Capítulo 02

## Ka K

***"Quanto mais suor derramado em treinamento, menos sangue será derramado em batalha."  
Dale Carnegie***

## Há 22 anos...

Os dois agentes sabiam que era o fim.

Aquela missão de infiltração estava comprometida desde o início. O inimigo havia sido avisado da presença deles por um traidor. Agora eles se esgueiravam por entre as árvores, tentando evitar sua captura inevitável.

A missão parecia simples. Acessar o acampamento dos narcotraficantes no meio da floresta equatoriana. Bastava entrar, conseguir alguns documentos que provassem o envolvimento de figurões do governo e sair.

Assim que pisaram naquela floresta, os inimigos já os esperavam com fuzis e granadas. O elemento surpresa havia sido totalmente perdido.

O único motivo para eles ainda estarem vivos, foi por conseguirem criar uma brecha no cerco, abatendo quatro inimigos quase ao mesmo tempo. A sincronização destes dois agentes tornava-os a dupla mais eficiente da equipe.

- O quê nós vamos fazer agora Te T? - perguntou a agente.

- Tentar sair vivos daqui, Re R. - respondeu o agente.

- E quais as chances? - insistiu a agente muito preocupada.

- Próximas à zero. - respondeu o agente com toda a sinceridade.

Como não adiantava falar mais nada, continuaram se escondendo dos guerrilheiros que se aproximavam. Os agentes não conheciam o terreno nem a floresta, portanto estavam em total desvantagem.

Eles sabiam que se pudessem os inimigos os capturariam vivos para conseguir informações. Utilizando as formas de tortura mais horríveis que se podia imaginar. Eles não pretendiam ser pegos vivos. Iriam fugir daquela floresta ou morrer tentando.

Após se esconderem atrás de uma árvore grande, conseguiram conversar por alguns minutos.

- Precisamos decidir uma coisa, Re R – começou o agente.

- Nós dois nunca sairemos daqui vivos. Mas se um de nós servir de isca, o outro pode conseguir fugir – finalizou.

- Claro que não, Te T. Sairemos daqui os dois, como sempre – respondeu a agente.

- Não temos tempo para discutir. A equação é simples. Sairá um vivo ou morreremos os dois nesta selva – insistiu o agente.

- Então morremos os dois juntos, querido – respondeu a agente, se conformando.

- Não diga isso. Você sabe muito bem que não é só a nossa vida que importa. Alguém precisa escapar para cuidar dela – disse o agente, olhando-a dentro dos olhos.

A agente lembrava-se dela. Na última vez que a viu, estava dormindo em sua cama das princesas, abraçando seu cobertorzinho.

- Mas eu não posso te deixar aqui – disse a agente, quase chorando.

- Você não tem escolha, amor – respondeu o agente – Você sabe que ela é mais importante. Por favor, faça-a ter uma infância boa e nunca deixe que ela entre nessa nossa vida. Não deixe que ela seja uma agente – ele implorou.

Ela não conseguia falar mais nada. Sabia que logicamente ele tinha razão. Seria necessário deixar seu grande amor morrer no meio deste mato, abatido por criminosos.

- Só me prometa que ela nunca será uma agente – ele pediu mais uma vez.

- Eu prometo – respondeu a agente tristemente.

- Ótimo. Agora eu irei para aquele lado – disse o agente apontando para uma área aberta – Assim que você ouvir os meus tiros, todos os inimigos correrão para lá. Eu vou segurá-los o máximo possível, então você corre para o outro lado. Com sorte, seu caminho estará livre.

- Está certo, amor – concordou a agente, abraçando seu marido, com a certeza que nunca mais o veria. Mesmo querendo gritar de forma histérica, ela foi treinada para manter a frieza em situações como esta.

- Cuide bem da minha princesinha - disse o agente abraçando sua esposa.

Eles se soltam e se preparam para realizar o plano.

- Adeus, amor – despediu-se a agente, com os olhos molhados.

- Te vejo na próxima vida, querida – respondeu o agente.

O agente Te T se preparava para seu ultimo ato. Andou devagar até uma árvore próxima, e escutava os inimigos se aproximando. Sacou sua Magnum calibre 44, retirou o silencioso e aguardou.

No momento que o primeiro inimigo apareceu, ele mirou e o abateu no mesmo instante. O barulho do tiro causou um alvoroço repentino de todos os lados, que começou a convergir na mesma direção.

Re R escutou o tiro e correu para o outro lado.

A medida que se afastava, continuava ouvindo os tiros da Magnum de seu marido e de diversos fuzis AK-47. Repentinamente, só sobraram os barulhos de fuzil, que também pararam na sequência.

Ela sabia que seu marido estava morto, mas não o deixaria morrer em vão. Ela escaparia dali e cuidaria da princesinha deles.

Após alguns minutos correndo na direção oposta, Re R escutou um sutil barulho ao seu lado.

Ela sacou sua arma e começou a levanta-la na direção do barulho, quando ocorreu um estampido.

Re R não teve tempo de reagir ou sentir qualquer coisa. O tiro foi profissional, acertando-a entre os olhos.

- Aqui amigos – gritou o atirador – Eu derrubei mais um.

O comandante saiu do meio do mato, feliz por ter antecipado a estratégia dos inimigos.

- Idiotas – diz ele – Acharam que eu não perceberia que o excesso de barulho daquele lado era para cobrir a fuga de alguém do outro lado?

- Comandante, devemos levar o corpo? – perguntou o guerrilheiro.

- Claro que não. Você quer dar um sepultamento digno a este lixo? – respondeu o comandante – Deixe que os bichos da floresta resolvam isto.

- Sim senhor – respondeu o soldado.

Os guerrilheiros se afastaram, abandonando os agentes abatidos.

A milhares de quilômetros de distância, Karen acabara de ficar órfã.

E a morte de seus pais desencadearia uma imensa sequência de eventos que culminariam no nascimento da agente especial Ka K.

## **Há 5 anos...**

Karen estava sentada em uma cadeira confortável, aguardando ser chamada.

Sua mãe havia lhe entregue uma carta. Nela, havia um pedido de seu comparecimento neste endereço para assunto de seu interesse. Apesar de sua mãe aparentar saber o motivo, ela não disse nada.

Uma moça bonita e bem vestida estava sentada na mesa a sua frente.

Passados mais alguns minutos de espera, o telefone tocou apenas como um aviso. Ela virou para Karen e disse:

- Por favor, pode entrar – indicando a porta adiante. – O Diretor vai recebê-la.

Karen se levantou e agradeceu com um aceno de cabeça. Encaminhou-se para a porta que estava fechada, girou a maçaneta e entrou em silêncio.

- Ah, Karen – falou o Diretor – Entre, entre, por favor. Sente-se – finalizou indicando uma cadeira.

O Diretor era um homem de certa idade, alto e forte. Seu rosto parecia mais velho do que sua idade, o que devia ser causado pelo excesso de preocupações.

- Posso saber o que estou fazendo aqui e como o senhor sabe o meu nome? – perguntou Karen, sentando-se e sem perder um minuto.

- Claro Karen. Como você não quer perder tempo, vamos lá – respondeu o Diretor, entregando duas folhas para ela.

Karen pegou as folhas e viu em cada uma a foto de um pato. Um homem e uma mulher. Aqueles rostos eram familiares, mas ela não conseguia se lembrar.

- E quem são? – perguntou Karen um pouco receosa.

- São os agentes Te T e Re R, seus pais verdadeiros – disse o Diretor calmamente.

Ela não esperava isto. O rosto dele estava se tornando mais nítido, olhando para ela e a chamando. Uma palavra surgiu no seu ouvido: - Princesinha.

Ainda olhando a foto, notou um carimbo vermelho que ocupava um terço dela e continuava a direita. Neste carimbo, podia-se ler a sigla **MIA** \*.

*\* Missing In Action: Perdido em Ação. Denominação de soldados desaparecidos em combate, sem confirmação visual do corpo.*

- E por que o senhor está me mostrando isto agora? – perguntou Karen nervosamente, entregando as fichas de volta a ele.

- Calma, tenho mais uma. Aqui está – falou o Diretor, entregando outra folha.

Karen sentiu-se esfriar. Era a foto do seu pai, com um carimbo vermelho onde lia-se a sigla **KIA** \*.

*\* Killed In Action: Morto em Ação. Denominação de soldados mortos em combate.*

- O que significa isto? – perguntou Karen, soltando as fichas em cima da mesa e sentindo sua garganta fechando.



- Significa que você está falando agora com o chefe dos seus pais verdadeiros e do seu pai adotivo – respondeu o Diretor – E aqui é onde eles trabalhavam. Nós chamamos de “**A Agência**”.

Karen não podia acreditar. Toda vez que perguntava a seu pai onde ele trabalhava, a resposta era vaga. E agora ela estava com o homem que mandava em tudo.

- E por que eu estou aqui? – perguntou Karen sem saber direito a sensação que estava em seu peito naquele momento.

- Por que eu preciso te perguntar uma coisa – respondeu o Diretor – Quero saber se você ainda quer seguir o trabalho de seu pai adotivo, aquilo para o qual você se prepara á dez anos.

Karen se assustou de novo. Ela achava que seu pai a introduziria neste mundo de espionagem.

- E se eu não quiser? – perguntou Karen, receosa.

- Basta sair por aquela porta antes que eu fale qualquer outra coisa – respondeu tranquilamente o Diretor – Mas se ficar, te contarei tudo que houve com seus pais, com seu pai adotivo, tudo que fazemos e tudo que você poderá fazer para tornar o mundo um local mais seguro.

Karen estava em conflito. Lógico que ela queria continuar o trabalho de seu pai. Mas na sua ausência, ela teria que confiar em estranhos de um local que nunca havia visto.

- Ah, que se dane – pensou ela.

- Lógico que eu quero, estou treinando a uma década. E agora quero vingar meu pai – respondeu Karen decidida.

- Muito bem – disse o Diretor com satisfação – Antes de qualquer coisa, escolha seu codinome.

- Não quero pensar muito nisto – respondeu Karen impacientemente.

- Se eu puder sugerir um, imite os codinomes de seus pais – continuou o Diretor – Como seu nome é Karen, que tal Ka K?

- Pode ser qualquer coisa – comentou Karen sem muito interesse.

- Então bem vinda, agente Ka K – finalizou o Diretor. Ele se levantou e saiu de trás da mesa.

- Agora venha comigo – falou o Diretor, seguindo para a saída – Sei que você tem dezenas de perguntas e eu tenho centenas de coisas para te mostrar. Vamos começar.

Karen se levantou e seguiu o Diretor para fora de sua sala.

Nos próximos dias, ela seria informada de toda a história de seus pais, as missões, o papel da Agência na segurança global, os próximos treinamentos que ela faria e muitas coisas mais.

Naquele dia, oficialmente nascia a agente especial Ka K.

### **Há 36 meses...**

Ka K estava em mais uma missão. Ela precisaria entrar em uma instalação militar daquele regime ditatorial calhorda.

A medida que se aproximava da cerca, procurava um trecho mais frágil ou uma abertura qualquer.

Ka K estava, nas suas palavras, **“Vestida para a guerra”**.

Uma roupa toda preta colante ao corpo, que lhe dava total autonomia e conforto na luta, com um colete a prova de balas fino e maleável. Seus diversos bolsos traziam explosivo plástico C4, granadas de fumaça e explosivas, muitos remédios, itens de primeiros socorros, rádio, sinalizador GPS, e diversas tralhas feitas pelo técnico Gizmo.

Sem contar que na cintura havia uma pistola Magnum com silencioso em um coldre a direita da calça. Uma 9mm compacta em um coldre abaixo da axila esquerda. E uma bainha para faca a esquerda da calça.

Nos bolsos da calça ainda haviam ganchos para escalada, doses mortíferas de venenos indetectáveis, binóculo, gazuas, chaves universais de carros e ferramentas em geral.

Ka K continuava procurando a falha, mas descobriu uma forma melhor de entrar. Em um canto longe dos muros, estavam três soldados inimigos conversando distraidamente.

- Eles me falarão como entrar – pensou Ka K, se preparando para convencê-los a colaborar.

Antes de aparecer, Ka K decorou a área onde eles estavam, verificou que as armas estavam em um local de difícil acesso e bolou a estratégia.

- Não pode haver disparos – decidiu-se, retirando suas armas e deixando-as escondidas ao pé de uma árvore. Se ela aparecesse armada, eles poderiam atirar primeiro e avisar a base inteira de uma vez.

Ela começou a se aproximar, preparando seu charme para pedir educadamente a informação.

- Olá rapazes – disse Ka K, saindo do mato repentinamente.

Os três soldados olharam assustados, mas não chegaram a pegar as armas. Como ela previu, uma menina indefesa não necessitava de atitudes drásticas.

- Quem é você? – perguntou o primeiro soldado, menos surpreso que os outros.

- Isto depende de vocês – respondeu Ka K de forma charmosa – Se responderem as perguntas que vou fazer, sou uma amiga que vai deixa-los irem embora daqui vivos. Se não responderem, sou a pessoa que vai mata-los – concluiu, em um tom amigável.

Os soldados demoraram alguns segundos para entender a mensagem. Aquela patinha magricela e frágil, sem arma alguma, os ameaçando? Os três começaram a rir.

- Olha menina, você deve ter cheirado alguma coisa – disse o segundo soldado - Mas fique tranquila, que somos bonzinhos, não somos rapazes? – questionou o soldado, olhando os outros dois.

Os demais ainda estavam rindo e não responderam.

- Eu vou mostrar para você o quê um soldado bonzinho faz quando aparece uma menina gostosa igual a você por aqui – falou o segundo soldado, se aproximando dela.

- Perfeito, só vão restar dois – pensou a agente.

Um leve sorriso sádico se formou no rosto de Ka K. Esta sensação a acompanhava sempre que ela iria matar alguém.

O soldado continuou se aproximando, sem Ka K esboçar qualquer reação.

Quando finalmente ele estendeu o braço, ela agarrou seu pulso e fez uma alavanca em seu próprio joelho, quebrando o cotovelo do inimigo com um movimento para baixo.

O soldado caiu urrando de uma dor que durou 3 segundos. Antes de ele chegar ao chão, Ka K já havia retirando a faca e passado em sua traqueia. Menos um.

Os demais soldados demoraram um pouco para entender o quê havia acontecido, dando tempo a Ka K de correr na direção deles. Um deles tentou avançar, mas ela saltou. Na descida e com um golpe certo, quebrou a tíbia de sua perna esquerda.

Como ela calculou, o soldado caiu para a frente gemendo. Antes de chegar ao chão, Ka K segurou sua cabeça entre os braços. Com um giro violento e um barulho seco, quebrou seu pescoço. Menos dois.

Havia sobrado um. Que ao ver os dois companheiros morrerem em segundos, não conseguia se mexer.

- Então rapaz – começou a falar Ka K, levantando-se com a faca suja de sangue na mão – O quê um soldado bonzinho igual a você vai fazer agora, que uma menina gostosa igual eu estou aqui?

O soldado estava imóvel. Acreditava que se fizesse qualquer movimento, seria morto. E estava certo.

- E-Eu, e-eu – gaguejava o soldado – Eu v-v-vou responder as suas p-p-perguntas.

- Bom menino – disse Ka K – Vamos conversar, então.

Com métodos tão convincentes, dificilmente Ka K não conseguia a informação que queria. Ela não sabia qual agente inventou o apelido Lethal Ducky, mas ele era 100% verdadeiro.

### **Há 36 meses, na semana seguinte a missão...**

Ka K estava entrando na sala do Diretor da Agência. Ele provavelmente reclamaria da contagem de corpos, mas a missão fora cumprida a contento.

- Ah, agente Ka K. Sente-se por favor – disse o Diretor ao vê-la entrando.

- Obrigada – respondeu Ka K sentando-se na cadeira em frente a ele.

- Em primeiro lugar, meus parabéns pela missão bem sucedida – começou o Diretor.

- Blá, blá, blá... – pensou ela

- Mas você precisava ter matado 18 soldados para realiza-la? – perguntou o Diretor gravemente.

- Sim – respondeu Ka K secamente.

O Diretor já havia conversado com ela tantas vezes sobre este assunto, que sabia que não resolveria. Por isto ele havia tomado uma decisão drástica.

- Ka K, não vou dizer pela milésima vez que você é uma agente fantástica – disse o Diretor, começando a bronca com um elogio – E também não vou dizer de novo que você precisa ser mais discreta.

- Que bom – respondeu Ka K cinicamente.

- E não é apenas na sua vida profissional. Sua vida pessoal é uma calamidade para as relações públicas – continuou o Diretor.

- Exagerado – disse Ka K cinicamente (de novo).

- Exagero? Vamos ver – falou o Diretor, pegando a pasta dela.

- Evento um – começou o Diretor – você estava no metrô quando alguém encostou-se em você. Resultado, um soco no estômago e um dente quebrado – falou o Diretor, virando a página.

- Evento dois, você estava na rua quando alguém passou a mão em você. Resultado, cinco dedos quebrados e um osso da face afundado – disse o Diretor, virando a página de novo.

- Evento três, você no carro de seu namorado. Segundo seu próprio depoimento, ele tentou avançar o sinal. Resultado, um braço torcido e o bico fraturado – disse o Diretor, fechando a pasta.

- Quer que eu continue? – perguntou o Diretor um pouco irritado.

Ka K ficou um pouco sem graça, pois achava que ele apenas citaria os episódios da missão. Não imaginava que ele se lembraria destes pequenos mal entendidos do dia a dia.

- Mas eu não matei ninguém – se justificou.

- Ainda bem, não? – disse o Diretor - Senão, ao invés de pagar para eles não te processarem, eu teria que te prender.

Ka K ficou quieta. Sabia que ele tinha um pouco de razão. Mas todos eles tentaram se aproveitar e isto ela não permitiria.

- Mas Diretor... – tentou se explicar.

- Silêncio, agente – cortou o Diretor. Ka K emudeceu depois desta.

- Considerando a sua falta de discricção e excesso de agressividade, eu tomei uma decisão – continuou o Diretor – E não estou te perguntando, apenas comunicando, entendido?

Ka K apenas concordou com a cabeça.

- Vou designar um parceiro para a maioria das suas missões – concluiu o Diretor.

- Mas... – tentou argumentar Ka K.

- Pela segunda vez, silêncio agente – disse o Diretor a interrompendo. Ka K aquietou de novo.

- Aqui está a ficha dele – completou o Diretor, colocando o documento de frente a ela.

- Mas que cara de pamonha – criticou Ka K, olhando a foto com desdém.

- Ótimo. Então você não precisará agredi-lo, concorda? – perguntou o Diretor.
- Está certo – concordou Ka K – E quantas missões ele já fez?
- Uma – respondeu o Diretor.
- O quê? É um novato – reclamou Ka K – E quantos anos de treinamento ele teve?
- Nenhum. Ele foi convocado sem querer – respondeu o Diretor, sorrindo.
- O QUÊ? – gritou Karen – Além de novato, é um incapaz? O senhor está louco? – reclamou começando a ficar realmente nervosa.
- Calma agente – respondeu o Diretor – Você foi treinada por uma década para ser uma máquina de matar. Ele já nasceu pronto. Este agente é o melhor que temos no sentido de encontrar uma solução urgente e discreta. E isto é o quê lhe falta – concluiu o diretor.

Ka K estava muito contrariada. Mesmo sendo a agente mais eficiente, ela teria que cuidar de um novato.

- Então agente Ka K, agora você vai pegar este DVD – continuou o Diretor, entregando um estojo com o disco – Irá ao encontro dele e entregará a ele para que o assista. Depois o trará aqui.
- E por quê? – perguntou Ka K.
- Por que ele passou por um procedimento Mnemônico parcial e não sabe que é um agente – respondeu o Diretor – Então a sua missão inicial é trazê-lo aqui, voluntariamente e sem violência.
- E como vou fazer isto? – perguntou Ka K.
- Utilizando outra coisa que lhe faz muita falta. Charme e persuasão – respondeu o Diretor sorrindo.

Ka K fulminou o Diretor com um olhar. Para não responder a esta infâmia, perguntou:

- E por que ele passou pelo procedimento?
- Se fosse para você saber eu já teria contado, concorda agente? – respondeu o Diretor.
- Sim, senhor – respondeu Ka K, extremamente mal humorada.
- Por enquanto é só, agente Ka K. Conto com você – dispensou o Diretor – E não esqueça, SEM VIOLÊNCIA! - terminou a frase, frisando isto.

Ka K não se deu ao trabalho de responder e saiu da sala do Diretor muito nervosa.

Ela não se conformava. Após dez anos de treinamento intenso, terminaria cuidando de um novato, especialista em dar jeitinhos nas coisas. E quê nunca foi treinado.

Mas tudo bem, ela o faria desistir disto. Alguns dias com ela o fariam ver que não é fácil ser um agente secreto. Pensando nisto, Ka K dirigiu-se a saída do QG da Agência, para encontrar este coitado.

Antes de sair, ela deu uma última olhada na ficha do seu futuro parceiro.

- Donald Duplo. Que nome ridículo – pensou consigo mesma.

### **Há 33 meses...**

Donald Duplo e Ka K corriam pela mata levando uma patinha de doze anos muito assustada.

Era a primeira missão em conjunto deles que envolvia um alto grau de periculosidade. Ambos estavam vestidos para a guerra com seus colantes pretos e completamente equipados.

Os guerrilheiros sequestraram a filha de um senador para forçar a soltura de alguns líderes de seu movimento. Os agentes conseguiram resgatar a menina e agora fugiam de dezenas de inimigos armados.

- A culpa é sua, DD – falou Ka K correndo por último do grupo – Se tivesse me deixado matar todos, eles não estariam atrás de nós agora.

- E se um dos seus tiros atingisse a cabeça do nosso objetivo? – respondeu Donald Duplo na frente da fila.

Ka K preferiu não responder.

Donald Duplo havia bolado uma forma de distração que permitiu resgatar a menina, mas não garantiu a fuga. E agora, todos eram alvos no meio daquela floresta.

- Eu sabia que você me mataria um dia, mas achava que demoraria mais – acusava Ka K com raiva – Assim que pusermos a cara para fora do mato para sermos resgatados, levaremos um quilo de chumbo nas costas.

- Calma Ka K, ainda não terminou – respondeu Donald Duplo – Creio que podemos dar um jeito.

Ativando seu computador portátil, Donald Duplo analisou a triangulação GPS, podendo ver onde eles estavam e para onde deveriam ir. Pensou durante um minuto, ativou seu rádio e falou:

- Torre, agente Donald Duplo solicita linha segura.

- Linha Jack Free confirmada agente Donald Duplo – respondeu a voz – Prossiga.
- Status, subtraímos o sujeito incólume do cativeiro. Situação, em fuga para o ponto de extração A, sofrendo perseguição hostil. Câmbio.
- Câmbio – respondeu a voz.
- Posição, novecentos metros com aproximação pelo sudeste. Requisito extração em oito minutos. Câmbio.
- Câmbio. Estou enviando a codificação para seu contato por rádio com o agente especial Black Bird – respondeu a voz – Alcance estimado em quatro minutos.
- Agradeço torre, Donald Duplo desliga – finalizou o agente, desligando o rádio.
- E qual o seu grande plano, senhor super inteligente? – perguntou Ka K sarcasticamente.
- Sairmos vivos daqui – respondeu Donald Duplo.

A refém não estava entendendo nada, mas como eles prometeram leva-la de volta ao seu pai, ela os seguia. Nisto a corrida continuava pela mata, com alguns tropeções e barulho de gritos se aproximando.

Após quatro minutos, acendeu-se no rádio de Donald Duplo um pequeno LED vermelho.

- Donald Duplo, aqui fala o agente especial Black Bird confirmando a extração em quatro minutos no ponto A, está na escuta? – foi a frase ouvida por ele – Não peguei trânsito, então estou no horário – concluiu o piloto, rindo.
- Na escuta Black Bird, obrigado. Prepare-se para ação de neutralização hostil – falou Donald Duplo ainda correndo.
- Com todo o prazer, Donald Duplo – respondeu Black Bird.

Após combinar todos os detalhes com Black Bird, Donald Duplo repassou o plano para Ka K.

- Ousado, mas pode dar certo – pensou a agente.

O grupo continuou correndo pela mata em direção ao local combinado, fazendo algumas mudanças de rumo e muito barulho. Viraram rapidamente para a direita, atiraram, correram para a esquerda, gritaram. E iam seguindo.

Em certo momento, eles avistaram a pequena clareira onde o helicóptero os resgataria.



Donald Duplo ligou novamente o rádio e falou:

- Black Bird, tenho confirmação visual do ponto de extração A. Início da ação autorizada.

- Confirmado Donald Duplo, alvo travado e aguardando – foi a resposta.

- Ka K, siga com o plano - disse Donald Duplo.

- Deixa comigo parceiro – respondeu Ka K com uma certa admiração.

Ka K foi até o local combinado e começou a atirar. Os inimigos convergiram nesta direção a partir de três pontos. Ao mesmo tempo ela corria para a clareira pelo outro lado.

Donald Duplo deu a volta e seguiu em direção a ela. Em um minuto, ambos se encontraram.

Da direção de onde Ka K vinha, os guerrilheiros se aproximavam cada vez mais.

- Lá estão eles – gritou o primeiro da fila. Foi sua última frase.

Três segundos depois, um míssil AGM-122A atingia o local onde estavam os guerrilheiros com uma grande explosão. Mais de vinte inimigos morreram na hora, ao mesmo tempo em que Donald Duplo e Ka K se agachavam para proteger a pequena refém dos estilhaços.

O helicóptero de resgate (um bólido cinza escuro com 950 kgs de armamento) modelo AH1-Super Cobra chegava pelo nordeste, posicionando-se sobre o ponto de extração. Fazendo um voo circular acima dos agentes, ativou suas potentes metralhadoras M197 de 40mm para dentro da mata em todas as direções.

A limpeza do local durou três minutos, com um saldo de dezenas de agentes inimigos abatidos. Ao final, lançou uma escada de corda para os três.

- Área limpa Donald Duplo. Acesso liberado – falou Black Bird pelo rádio.

Todos subiram rapidamente e em segurança. Primeiro a refém, em seguida Ka K e por último Donald Duplo.

- Obrigado Black Bird – disse Donald Duplo ao alcançar o helicóptero.

- Disponha, ainda mais para participar de um resgate tão inteligente – foi a resposta.

Donald Duplo havia desenhado seu resgate da seguinte forma:

Eles seguiriam para o local combinado pelo sudeste e pediriam que o helicóptero se aproximasse pelo lado contrário, o nordeste. Com barulhos nos locais corretos, fariam os inimigos se posicionarem de forma que o piloto poderia mirar um míssil a distância,

que deveria ser lançado no momento exato em que os agentes estivessem em segurança.

Após abater os que estavam na frente, as duas metralhadoras finalizariam o serviço com os demais. Ser atingido por um projétil de 40mm é suficiente para dividir a vítima em dois.

Donald Duplo combinou os pontos exatos de cada barulho ou mudança de rota com Ka K e Black Bird. E bolou esta estratégia em menos de um minuto.

A refém estava feliz de estar naquele helicóptero, pois além de ser legal, ela voltaria para casa logo, logo.

Donald Duplo mudou a frequência para falar novamente com o QG:

- Torre, sujeito adquirido e abandonando perímetro hostil.
- Parabéns Donald Duplo e Ka K. Câmbio e desligo – respondeu a Agência.
- Missão cumprida Ka K. Algum comentário? – perguntou Donald Duplo.

Ka K não respondeu. Ela não podia acreditar que este cara de pamonha havia bolado esta estratégia de fuga em questão de segundos. Todos estavam vivos agora graças a ele.

A partir deste dia, Ka K veria Donald Duplo com outros olhos.

E após tantos anos, ela tinha que admitir. O rato baixinho estava certo sobre este assunto. Era interessante a ideia de ter um parceiro.

## **Há 20 meses...**

Ka K já estava em missão a quatro dias com seu parceiro DD. Aquele hotel no litoral da França a fazia se sentir muito bem, pois ela adorava ver o mar pela janela e escutar as gaivotas de manhã.

Uma pena que Donald Duplo não parecia estar aproveitando tanto quanto ela. Ele parecia meio abatido e estava mais quieto que o normal. Mas ela não perguntou nada a respeito.

Apesar de detestar admitir, a companhia constante de DD era incômoda, pois ela o achava charmoso e interessante. Mas como ele infelizmente era comprometido, só lhe restava se resignar.

- Pelo menos uns beijos eu queria dar nele - Ka K pensava as vezes.

Naquela noite, após um dia de missão, eles jantariam juntos. Como sempre, ela resistiria e não daria qualquer indicação desta vontade.

Durante o jantar, uma surpresa. DD disse que havia se separado. E parecia estar exagerando na quantidade de vinho consumida. Era a sua terceira taça da safra trinta anos do Château Mouton-Rothschild.

Ele já havia bebido anteriormente duas taças de Château Petrus quarenta anos e uma taça de Richebourg trinta e cinco anos.

Ela acompanhava os brindes, mas bebia um pouco mais devagar. Era a sua quarta taça de Château Mouton-Rothschild trinta anos. Ela não gostava de misturar.

Enquanto ouvia-o falar, o vinho começou a deixá-la mais leve.

- Resista Karen, resista - ela pensava sem parar – Vai parecer que você está necessitada. Um colega fala que se separou e você vai atacá-lo?

- Mesmo por que ele está ficando um pouco bêbado. Após o jantar provavelmente subirá diretamente para o quarto – pensava ela para se tranquilizar.

- Ka K, vamos dar uma volta no parque em frente ao hotel? - disparou DD.

- Ai, ai, ai... De onde ele tirou isto? - pensou Ka K preocupada. - O quê ele pretende?

- Sim, vamos - respondeu Ka K

- Era melhor aceitar, vai que ele precise de alguém para apoiá-lo quando cair por aí de tanto que bebeu – pensou ela, se convencendo que este era o único motivo.

Ambos saíram do restaurante de braços dados em direção ao pequeno parque que fazia parte do hotel. Era uma área aberta com árvores, muito quieto e tranquilo.

A noite estava agradável e iluminada, com a lua cheia clareando o caminho. O local também contava com iluminação artificial, mas não tão forte.

Quase no centro do parque, DD parou e olhou direto nos olhos de Ka K, fazendo o coração dela disparar.

– O quê ele quer? Se fizer qualquer gracinha, eu quebro a sua cara - pensou Ka K, se enganando sobre a sua reação.

- Ka K - disse Donald Duplo sem muita firmeza.

- Sim? - respondeu Ka K, um pouco tensa.

- Obrigado por me fazer companhia. A Margarida sempre me deu tão pouca atenção, que não estou acostumado a ter uma moça linda igual a você me escutando - disse DD.

Ela esperava ouvir qualquer coisa, menos isto. Além de ele agradecer por ouvi-lo, ainda disse que ela era linda. Ka K sentia suas pernas tremerem.

- DD, eu, eu... – dizia ela, sem conseguir continuar.

- É sério. É muito bom estar com você. Além de linda, é inteligente e independente - continuou DD com toda a sinceridade e a voz um pouco embargada.

- Eu te admiro muito por tudo isto. E se estou sendo chato, me desculpe. A Margarida sempre me disse que eu sou. Eu nunca tive muita reciprocidade das pessoas ao meu redor - ele concluiu.

Sem querer, Donald Duplo a atingiu em cheio. Ka K não conseguia mais pensar claramente com tantos elogios vindo dele. Ela se aproximou do seu ouvido apenas para falar uma coisa:

- Você merece muito mais do que isto.

Ela tentou se afastar, mas já era tarde. A proximidade com DD a fez sentir seu perfume, e com uma pequena ajuda do vinho, Ka K sofreu um descontrole imediato. Ela o agarrou, abraçou e começou a beijá-lo intensamente.

DD retribuiu os beijos, mas perdeu o equilíbrio e caiu na grama. Ka K caiu junto com ele e ficaram mais de dez minutos apenas se beijando, rolando no chão.

Ka K não aguentava mais se reprimir. Seu autocontrole de tantos meses estava prestes a se acabar, com ela beijando o pescoço de Donald Duplo e abrindo sua camisa. Felizmente para ela, o barulho de várias pessoas se aproximando de onde estava a fez retomar o controle.

- Levanta DD. Vamos voltar para dentro do hotel - disse Ka K ficando de pé e tentando se recompor.

- Sim, sim. - respondeu DD meio tonto com a bebida e com os movimentos na grama. Sem contar que seu corpo estava todo dolorido.

As roupas deles estavam em frangalhos. Sujas, amassadas e até com alguns rasgos. O cabelo de Ka K parecia que havia passado por um furacão.

Ambos se encaminharam ao hotel e ao passar pela recepção, Ka K não pode evitar de notar os olhares e risadinhas dos funcionários. Mas ela não se importava.

Seguiram para o elevador, entraram e ela apertou o botão de seu andar. Nenhum dos agentes falou mais nada desde que deixaram o parque.

- Será que ele vai me convidar para entrar no seu quarto? - pensava Ka K com ansiedade. Apesar de nunca ter feito isso, ela realmente estava torcendo que sim e já imaginava não dormir aquela noite.

O elevador parou e ambos desceram. O quarto de Ka K vinha primeiro, mas ela gentilmente apoiou DD até a porta do dele.

Ainda meio tonto, ele passou seu cartão magnético, digitou a senha e abriu a porta. Entrou no quarto e se virou para Ka K.

- Ka K - disse DD.

- Sim? - respondeu Ka K sorrindo e quase saltando no pescoço dele.

- Boa noite, obrigado pela companhia - disse DD, fechando a porta.

Ka K não podia acreditar. Ela estava parada em frente a porta do quarto dele e não foi convidada para entrar.

- O quê eu fiz de errado? - ela começou a pensar, ainda parada.

- Será que ele achou que eu não queria? – pensava ela com uma preocupação que durou cinco segundos.

A porta do quarto de DD abriu de novo e ele disse:

- Ka K, preciso te perguntar uma coisa - falou DD com certa dificuldade.

Ele não conseguiu terminar a frase. Ka K entrou rapidamente no quarto dizendo:

– Sim!

Em seguida ela bateu a porta e perdeu de vez seu autocontrole.

Felizmente para Donald Duplo, ela não o deixou concluir sua pergunta. Ele só queria saber a que horas eles sairiam para a missão no dia seguinte.

## **Há 20 meses, uma semana após a missão na França...**

Karen estava finalmente chegando em casa.

Seu endereço era conhecido por pouquíssimas pessoas, incluindo o Diretor da Agência, que nunca o anotou em local algum.

Por ser filha de um agente, nunca se sabe o quê o inimigo pode ter descoberto a seu respeito. As famílias dos agentes costumavam ser anônimas, para evitar represálias.

Já fazia um tempo que Karen vivia sozinha. Como não tinha muitos motivos para permanecer na cidade, sua mãe mudou-se para o campo, passando a viver com alguns parentes.

Ela entrou em sua casa, devidamente limpa e arrumada.

- Contratar a Joana foi uma mão na roda mesmo – pensa Karen toda vez que chega e está tudo no lugar. Ela odiaria lavar a louça ou varrer o chão após ter abatido uma dúzia de inimigos.

Ela deixou as malas na sala e seguiu sem pensar muito para o banheiro.

Karen tinha o ritual de tomar um banho assim que chegava. Ela nem se sentava no sofá sem tirar a roupa que usara na rua.

Após um banho quente e demorado, onde ela também evitava pensar em qualquer coisa, secou-se e vestiu uma camisola de seda, leve e confortável.

Karen seguiu para a sala, espalhou-se no sofá e finalmente conseguiu pensar.

- Que loucura – diz para ela mesma – Eu fiquei uma semana dormindo com meu parceiro de missão. E agora nem sei o quê ele está pensando a meu respeito.

Karen se ajeita de lado no sofá, lembrando-se de cada detalhe.

- Hmmmm. Ele é tão carinhoso – continuava em devaneios – Charmoso, inteligente, bonito e com senso de humor. Que pato, meu Deus!

Para sua primeira vez, foi uma experiência muito melhor do que o esperado. Claro que ela não confessaria para Donald que era inexperiente e nunca tinha feito nada além de dar uns beijos. Por causa disto, no dia seguinte fingiu ser liberal e segura de si.

Ela não parava de pensar o quanto queria estar com ele ainda, algo que infelizmente não era possível no momento.

O único detalhe que Karen não entendia, era por que ela tinha sido tão atirada.

Seus últimos encontros e namoricos foram autênticos desastres, como bem sabia o Diretor da Agência. Toda vez que ela seria fichada por agressão, ele interferia e indenizava a outra parte. Ela nunca passou do carro do pretenso namorado. Uma mão em qualquer lugar já era motivo para um murro.

Mas com DD, não. Ele não precisou fazer nada, pois ela o atacou sem chance de defesa.

- Karen, Karen. – dizia para si mesma – Você está amadurecendo. Quem sabe este não é o início de um longo relacionamento.

Pelo menos neste dia ela conseguia ter um pensamento bom. Sempre que estava sozinha após alguma missão, Karen se lembrava do seu pai, dos treinamentos intensos e do sofrimento no orfanato. Pensar em seu parceiro DD estava atenuando um pouco todas estas péssimas recordações.

Ela só esperava que DD estivesse sentindo pelo menos um pouco desta sensação tão boa. E que ele não estivesse pensando nela como um brinquedo para algumas noites.

Karen não podia explicar totalmente o quê estava sentindo, pois era uma sensação nova. Sem saber, ela estava começando a se apaixonar por seu colega.

### **Há 15 meses, no dia seguinte ao seu encontro com Donald...**

Karen estava de volta a sua casa. Arrumada, limpa e vazia.

Muitas vezes chegar em casa e ver tudo absolutamente no mesmo local, era deprimente. Pelo menos uma vez, alguém poderia ter mexido em alguma coisa.

Mas não havia ninguém. Apenas ela, com suas fotos e lembranças.

Mesmo mantendo seu namoro com Donald, cada um continuava em sua casa. Eles estavam juntos a apenas cinco meses, mas ela sentia cada vez mais a sua falta.

Karen não cumpriu seu ritual do banho. Ela simplesmente se soltou no sofá, com a roupa que estava. Seus pensamentos estavam no encontro do dia anterior.

O parque, o lanche, as crianças, a tarde perdida nos braços dele. Tudo era bom de lembrar, mas apenas um item estava martelando agora.

- Eu te amo como nunca amei ninguém – ele disse.

Por que ele havia falado isto assim tão de repente? A cabeça de Ka K não estava pronta para esta frase.

Curiosamente, ela adorou ouvir. Na hora, o cobriu de beijos e foi dele mais do que nunca.

Mas agora a frase a incomodava.

Quando Karen pensava em “amor”, logo vinha a mente o relacionamento que ela considerava ideal, que via em seus pais adotivos.

Então se ela amasse Donald e ele a amasse, eles deveriam morar juntos, se casar e ter filhos. Este era o conceito de “amor” para ela.

Mas ela não se sentia pronta. Sabia que se fosse a esposa de Donald, tudo mudaria. Haveria horários, cobranças e responsabilidades que ela não queria ter, ao menos por enquanto.

E também o seu objetivo primordial era seu trabalho. Ela não podia ter um marido ou filho esperando ela voltar. E se não voltasse? Karen nunca faria com alguém o quê fizeram com ela.

Talvez por isto, ela não respondeu. Reagiu positivamente, mas não disse que o amava, nem que não amava.

Acreditava ter sido injusta com Donald, mas ela simplesmente não conseguiu juntar três palavras na boca de forma que saíssem em um tom audível. Ela nãoalaria “Eu te amo” nem para Donald, nem para ninguém.

- Espero que ele não insista – pensou Karen – Nossa relação está gostosa e divertida, não quero perder tempo pensando em amor agora. Amor me lembra a relação de meus pais, até serem tragicamente separados – finalizou o raciocínio.

Em seguida levantou-se do sofá para tentar esquecer tudo no banho. Saindo da sala, teve tempo para um último pensamento:

- Mesmo por que, não creio que o ame tanto assim.

Brevemente, Karen descobriria o quanto estava enganada neste ponto.

## **Há 12 meses...**

Ka K ouviu tudo que o Diretor tinha a dizer. Durante a explicação, não falou uma palavra. Mas agora uma angústia indescritível subia pela sua garganta.

- Tem que haver outra forma, Diretor – disse Ka K em um tom baixo.

- Não, Ka K. Já pensamos em todas as opções e apenas esta resolverá o assunto em definitivo – ponderou pacientemente o Diretor.

Ele sabia que não seria fácil, então teria toda a paciência necessária.

- Sempre existem possibilidades – retrucou Ka K.

- Não neste caso – respondeu secamente.

- Ka K, sei o quanto isto vai doer em você, mas não temos escolha. Eu nunca te pediria isto se não fosse absolutamente necessário – continuou o Diretor – Nestes quatro anos de serviço, alguma vez te exigi algo que não fosse importante?

Ka K balançou a cabeça negativamente.

Ela sabia que ele tinha razão. Se a situação havia chegado neste ponto, o número de soluções possíveis não era muito alto.

Mas o fato de seu cérebro aceitar a solução, não significaria que seu coração seguiria por este caminho.

- Diretor, você sabe que eu nunca recusei uma missão, por mais perigosa que fosse – disse Ka K.



- Eu sei – respondeu o Diretor, imaginando o tamanho do conflito pelo qual sua agente estava passando.

- Mas eram apenas perigosas. O senhor nunca me deu uma missão que me atingisse tão diretamente – continuou Ka K.

- Também sei disto – disse o Diretor, levantando-se da cadeira – Mas não achei certo passar esta missão a outro agente. Imaginei que você se ofenderia de não ser notificada antes. – continuou falando, andando para o lado da mesa.

- Por isto, estou te dando a opção de aceitar ou não. Mas a missão será realizada de qualquer forma – concluiu o Diretor.

Ka K estava parada em sua cadeira. Seu corpo não fazia qualquer movimento exceto a respiração. Sua mente estava em conflito aberto com suas sensações. Ela perderia algo importante de qualquer forma, e precisaria escolher o quê seria.

Passaram-se três tensos minutos, onde nem o Diretor sabia qual seria o resultado daquela terrível luta interna.

Por fim, Ka K levantou-se da cadeira e informou o Diretor de sua decisão:

- Missão aceita, senhor. CID \*.

*\* Consider it done – Considere feito.*

A missão viria em primeiro lugar, em detrimento de seus mais profundos sentimentos.

- Ótimo, agente Ka K – respondeu o Diretor, sem saber se ela havia tomado a melhor decisão.

- Aqui estão os detalhes e equipamentos necessários – disse o diretor, entregando um pacote com um timbre vermelho, onde podia-se ler a sigla **FYEO** \*.

*\* For Your Eyes Only (Apenas para os seus olhos) - denominação de ultra-secreto.*

Ka K pegou o pacote e se retirou da sala sem falar mais nenhuma palavra.

- Sinto muito, Ka K – pensou o Diretor.

Ka K não pensaria em nada. Se pensasse, as consequências para sua vida e carreira de agente secreto seriam imensuráveis.

Ela cumpriria a missão e somente após isto, se permitiria chorar ou sofrer.

Donald Duplo devia morrer. E seria ela que o mataria.

# Capítulo 03

## Vida a Dois

*"Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos na mesma direção."*

*Antoine de Saint-Exupéry*

Margarida havia acabado de se deitar no divã.

O seu ouvinte seria o famoso perito em absolutamente tudo, Professor Ludovico Von Pato. Ela aguardava a entrada do famoso professor em seu consultório.

Ludovico entrou na sala com o casaco verde de sempre, carregando alguns livros e já falando:

- Marrgarrida, querrida! Que bom vê-la porr aqui!

- Olá professor, eu precisava conversar um pouco – respondeu Margarida.

- Lá, iá – concordou Ludovico, sentando-se ao lado dela – É parra ista que estamos aqui.

- Eu quero conversar sobre o meu casamento com o Gastão – começa Margarida – Mais precisamente, sobre a nossa vida a dois.

- Clarro, querrida – responde Ludovico – Fique tranquila que sou perrita em “Marridos que não dão atenção a esposa”, “Esposas que gastam muito”, “Marridos que não trabalham” e mais cinco especializações nesta árrea – conclui ele, apontando para seus certificados e menções honrosas, que ocupavam três paredes inteiras.

- Eu não estou feliz, professor – disse Margarida – Imaginava que o dinheiro a vontade, as roupas de grife, o carro e as viagens me fariam bem, mas sinto-me vazia.

- Lá, continue – pediu Ludovico.

- Não posso dizer que a culpa seja do Gastão. Ele não me exige nada, não me cobra e nem me questiona. Eu deveria ser a esposa mais feliz do mundo – disse Margarida com o olhar distante.

- E como sabe que não está feliz? – perguntou Ludovico – dê uma exemplo.

- Eu estava na cidade pensando o quê ia comprar, até que vi a distância o Donald com um jeito triste e preocupado. Eu não sei do quê se tratava, só o vi triste. Após isto, não consegui comprar nada, então voltei para casa – disse Margarida.

- Continue – pediu o professor.

- Há algum tempo, estava também na cidade e vi o Donald vindo na minha direção. Eu queria acenar cordialmente, mas acabei brigando e gritando sem motivo com ele – contou Margarida, um pouco envergonhada.

- Entendo – comentou Ludovico – E quanta a sua vida a dois com seu marrido, como é no dia a dia?

- Eu não tenho hora certa para acordar – respondeu Margarida – Como o Gastão não trabalha, não temos rotina. Estando de pé, ele não me procura nem para conversar, fica apenas lendo o jornal vendo qual concurso ganhou no dia. Não nos falta nada, exceto cumplicidade.

- Hmmmm. Interessante – comentou Ludovico - E sobre a vida de casal, é satisfatória?

- Não. Como disse, ele não me procura para nada, muito menos isso. Eu sempre estou sozinha, desde a hora que acordo até quando vou dormir – conclui Margarida.

- Entendi. Minha querida sinto que você está em uma relação complicada. Não consigo entender apenas uma coisa. Por que você se casou com ele? – questionou Ludovico, indo ao ponto central da questão.

Margarida não respondeu imediatamente. Após alguns minutos, com um olhar triste, ela disse:

- Não sei.

- Não sabe ou não quer me dizer? – insistiu o Professor.

Mais alguns minutos em silêncio.

- Eu vou contar tudo desde o início professor – respondeu finalmente.

Margarida se ajeitou no divã e começou a contar para Ludovico:

- Após o Incidente, Donald nunca mais foi o mesmo. Toda aquela alegria, as trapalhadas e até seu jeito de ser mudaram.

- Alguns dias depois, ele me procurou e simplesmente terminou comigo. Sem explicações, conversas ou argumentos. Acabou e pronto. – Margarida falou com tristeza.

- Eu imaginava que ele só queria um tempo para por a cabeça no lugar. Então me resignei e aguardei.

- Passados alguns meses, eu fui visitá-lo e ele estava razoavelmente feliz. Imaginei que estava na hora de voltarmos, mas ele comentou alegremente que estava com outra pessoa.

- Eu perguntei quem era e ele respondeu que eu a conhecia, que já a tinha visto.

Margarida ficou com raiva, mas continuou:

- Só podia ser uma vadia que eu já havia visto agarrando ele alguma vezes. Uma pata alta, bonita e dissimulada.

Ludovico a interrompe para pedir um detalhe:

- Mas porr que ela erra dissimulada?

- Por que eles sempre negaram que tinham alguma coisa. Era apenas uma relação profissional. Mas eu tenho certeza de que estavam juntos me traindo e Donald terminou comigo para ficar com ela – respondeu Margarida começando a ficar alterada.

- Calma querrida. Mas Donald admitiu isto? – perguntou Ludovico.

- Não. Até hoje ele jura que só ficaram juntos meses depois que acabamos. Mas eu não acredito – respondeu Margarida apertando as duas mãos fortemente.

- Tudo bem Marrgarrida. Continue. – pediu Ludovico.

- E outras vezes eu o vi sozinho aparentemente feliz. Varias vezes vi os dois no parque parecendo felizes. E eu não me conformava, eu que devia ter feito o Donald feliz – disse Margarida tristemente.

- Se ele tivesse saído com ela apenas para se divertir, eu teria entendido. Ele estava mal, precisava por a cabeça no lugar e uma menina nova igual a ela é perfeita para isto. Mas não, ele estava feliz.

- Depois disto, tentava não pensar no assunto. Como estava meio abatida, não aceitava nem sair com o Gastão, apesar dele continuar insistindo.

- Um dia durante uma conversa com ele, surgiu o convite. Ele gostaria de se casar comigo. Claro que recusei na mesma hora.

- Após mais um tempo, cruzei com o Donald novamente e ele voltara a ficar abatido. Telefonei para os meninos e eles me disseram que ele ficou assim de repente. Imaginei que a vadia ou o tinha traído ou o abandonado e era bem feito.

- Então imaginei que ele viria atrás de mim para reatarmos. Mas eu nunca aceitaria ficar com ele apenas por que ela tinha ido embora, eu não sou resto ou segunda opção de ninguém.

Margarida se ajeitou de novo e continuou:

- Mas tinha medo que assim que Donald me procurasse, eu não resistiria e me humilharia aceitando ele de volta. Para evitar isto, conversei com o Gastão e aceitei seu pedido de casamento.

- Eu acreditava que estando casada e tendo tudo que sempre quis, eu esqueceria de tudo, inclusive do Donald.

- Esta é a minha história, professor – finalizou Margarida.

- Comprreendo – respondeu Ludovico – Posso fazerr uma teste em você parra responderr uma pergunta que me está encucando?

- É claro – disse Margarida.

- Feche os olhos, querrida – pede o Professor – Eu vou citarr um cenárrio e ao final, você me diz com toda a sincerridade o quê a Marrgarrida vai fazerr, entendeu?

- Sim professor, eu estou esperando – respondeu Margarida.

O professor começa a contar a história:

- Marrgarrida volta parra casa junto ao seu marrido Gastão. Ele está lá sentado lendo o jornal e nem reparra que ela voltou. Na verrdade, nem tinha reparrado que ela saiu.

- Marrgarrida segue até seu quarrrto e fica sozinha por horas. De repente, a telefone tocou.

- Ela atende e é seu primeirro grrande amorr, Donald.

- Donald diz parra ela sairr daquela casa imediatamente e irr até a casa dele, porr que ele a ama e está com saudade.

- O quê Marrgarrida faz? – perguntou o professor.

Margarida abre os olhos chorando e responde:

- Ela vai correndo para os braços de Donald, sem pensar em nada.

- E porr que? – insistiu o professor.

- Por que ela o ama e nunca conseguiu esquecê-lo – respondeu, chorando mais ainda.

- Obrrigado, querrida. A questão está respondida – finalizou o professor.

Margarida demorou quase meia hora para se acalmar e parar de chorar. Enquanto isto, Ludovico fazia anotações, pensava muito e ficava conversando e discutindo sozinho.

- Professor, eu creio que já vou – disse Margarida pronta para voltar para casa.

- Clarro querrida – respondeu Ludovico – Agorra que tenha a resposta da questão principal, acredito que vamos avançarr mais rapidamente.

- Obrigado professor. O senhor não imagina o quanto as nossas conversas me fazem bem – disse Margarida.

- Disponha Margarrida, até semana que vem no mesmo horrário – respondeu o professor.

- Até lá então – finalizou ela, saindo do consultório.

Margarida voltou para a rua e começou a seguir para casa.

- Se ele me ligasse, eu voltaria correndo na hora – pensou ela – Isso é humilhante, eu não posso agir assim.

Mas Margarida estava enganada. Bastaria uma palavra de Donald para ela esquecer seu orgulho e aceita-lo de volta. Ela se separaria de Gastão no mesmo dia.

Seu maior sonho era ter uma vida a dois, mas tinha que ser com Donald.

# Capítulo 04

## Adeus

***"É tão absurdo dizer que um homem não pode amar a mesma mulher toda a vida, quanto dizer que um violinista precisa de diversos violinos para tocar a mesma música."***  
***Balzac***



## Há 13 meses...

Donald estava arrumando a casa, pensando na visitante que chegaria mais tarde.

Quando Karen aparecia, ele gostava que tudo estivesse no lugar e limpo. Seria uma situação bem chata alguém delicada como ela chamar a sua atenção por causa de sujeira ou bagunça. Não que ela tenha feito isso um dia, mas ele não queria arriscar.

Os meninos estavam acampando com os escoteiros, então a casa inteira seria deles.

Donald até gostaria de apresentar Karen aos seus sobrinhos, mas como ela ainda não tinha respondido a sua declaração de amor, ele acreditava que era melhor ter cautela. Quando ela confirmasse sentir o mesmo, o romance seria imediatamente assumido perante a família.

A Agência não andava lhe convocando a certo tempo, mas também não importava. Só a companhia de Karen já fazia a vida valer a pena após tantos percalços que ele já havia enfrentado.

Depois de algum tempo, a campainha tocou. Era ela.

Donald seguiu apressado até a porta e ao abri-la, falou com muito gosto:

- Seja bem vinda, minha lindinha.

Karen entrou na casa com um sorriso, dando um beijinho nele.

- Sentiu minha falta, querido? – perguntou ela de um modo dengoso.

- Sempre – respondeu Donald em um tom inebriado.

- Hoje sou toda sua – respondeu Karen, passando os braços pelo pescoço dele.

Donald colocou a mão em sua cintura e a puxou contra seu corpo. Em seguida, aproximou-se de sua cabeça e sussurrou em seu ouvido:

- Eu te amo, sabia?

Karen não respondeu, simplesmente o abraçou e começou a beijá-lo.

No meio da tarde, estavam tomando um banho enquanto Donald massageava as costas dela. Aproximou-se pela direita e repetiu:

- Eu te amo tanto...

Ela se virou sorrindo e sem uma palavra, o beijou novamente.

Após algumas horas ambos já estavam quase dormindo, sendo que cada um se perdia em seus próprios pensamentos.

- Espertinha, não respondeu nem sim nem não. Uma hora eu consigo te dobrar – pensava Donald.

- Espertinho, ele falou “eu te amo” sete vezes, sempre na hora em que estou mais indefesa, de forma que eu não possa fugir. Mas se deu mal de novo – pensava Karen.

- Uma hora ela vai ter que responder – pensava Donald.

- Uma hora eu vou ter que responder – pensava Karen.

Com estes pensamentos, eles adormeceram abraçados naquela noite agradável.

Ambos estavam certos, a resposta de Karen viria em breve. Infelizmente, durante uma situação bem desagradável.

## **Há 12 Meses...**

Donald Duplo finalmente havia recebido uma nova missão.

Após alguns meses de espera, recebeu ordens de invadir uma velha fábrica abandonada, onde encontraria um contato que daria novas instruções.

Pena que era uma missão solo, sem a sua querida Ka K. Mas não se podia ganhar todas.

Donald Duplo passou tranquilamente pelos portões, utilizando um pequeno alicate portátil para cortar as correntes. Ao entrar na fábrica, ele seguiu para o último andar, conforme havia sido ordenado para esperar a chegada de seu contato.

Após alguns minutos, ele ouviu passos se aproximando discretamente. Donald Duplo olhou em direção a porta e quem entrou, seria a última pessoa que ele esperaria ver naquela hora.

- Ka K - disse Donald Duplo surpreso.

Ela entrou na sala de forma decidida e vestida para a guerra, com seu colante preto.

Ka K não imaginava o efeito que aquela roupa preta colante causava em Donald. Para ele, não seria possível ela estar mais sexy. Mas agora não era hora de pensar nisto.

Donald Duplo seguiu até onde estava Ka K, perguntando rapidamente:

- Você veio participar da minha missão?

- Não, DD. Vim executar outra - respondeu Ka K seriamente.

- E posso saber qual seria? - perguntou Donald Duplo sem entender.

- Matar você - respondeu Ka K, retirando sua Magnum do coldre que estava na cintura e apontando para ele.

Donald Duplo demorou alguns segundos para entender a frase e notar que ela estava falando muito sério.

## **Há 10 meses...**

No Hospital Geral de Patópolis, Doutor Patico continuava sua rotina diária.

Já havia passado do 1° ao 4° andar, e agora subia a escada de emergência em direção ao 5°.

- Finalmente – pensou ele – Vou vê-la novamente.

Naquele dia ele não pode trocar as escadas, pois um dos diretores estava visitando o hospital. Se ele olhasse sua prancheta e notasse que ele visitou os andares fora da ordem, Patico estaria encrencado.

Mas isto não o impedia de ir primeiro no quarto 518 antes dos demais. Afinal, a regra só citava a sequência de andares.

- Bom dia minha querida – falou Patico entrando no quarto e muito feliz ao ver sua patinha favorita.

Após seguir metodicamente todo o procedimento, ele voltou a dizer:

- Queria tanto que você abrisse seus olhos. Devem ser tão lindos.

Patico realmente não entendia o quê via naquela moça, mas só a presença dela o deixava muito feliz. Ele não tinha muita experiência com mulheres, afinal, passou boa parte de sua vida estudando.

E agora, tinha que cuidar da patinha mais linda que ele já tinha visto. E nem sabia seu nome.

- Foi bom te ver querida, mas preciso continuar meu trabalho – concluiu o doutor, se virando para sair do quarto.

Após dar dois passos, ele ouviu um pequeno gemido. Patico congelou. Nunca tinha ouvido qualquer barulho dentro daquele quarto.

Rapidamente, virou-se de volta e aproximou-se da paciente.

- Será que ouvi certo? – pensou o doutor.

Ele ficou mais de cinco minutos encarando o rosto da paciente, procurando por qualquer movimento.

De repente, as pálpebras se mexeram um pouco.

Patiko estava tão concentrado que este leve movimento o assustou, fazendo-o dar um passo para trás.

- Sim, sim – falava, não contendo a felicidade – Você está acordando, finalmente.

O médico reparava em todos os movimentos faciais e dos olhos, mesmo fechados. Ele sabia que o processo de volta do coma tendia a ser demorado.

Com uma felicidade sincera, Patiko estava acompanhando a paciente em seu retorno ao mundo dos vivos.

Uma hora e dezoito minutos após o primeiro movimento, o doutor viu os olhos dela se abrindo.

Jane Doe caso 518 estava com os olhos abertos. E olhava diretamente para ele.

## **Há 12 Meses...**

Após ouvir uma ameaça de morte vindo da mulher que amava, Donald Duplo estava tentando raciocinar.

- Espere Karen - disse Donald Duplo nervosamente, gesticulando as mãos - Me explique o quê está acontecendo.

- Não me chame assim! - gritou Ka K - Eu sou a agente especial Ka K.

- Sem problemas Ka K - corrigiu Donald Duplo, mais nervoso ainda - Mas por favor, me explique o motivo disto.

- É muito simples, DD - respondeu Ka K - Você está demitido da Agência. E você sabe muito bem que só saímos de duas formas. Esquecendo tudo ou morrendo - concluiu Ka K.

- Então minha missão é obrigá-lo a passar por um procedimento Mnemônico completo, para que se esqueça de tudo. Caso você não aceite, não terei escolha a não ser matá-lo – explicou Ka K friamente.

- Mas por que tudo isto? - perguntou novamente Donald Duplo sem entender.

- Não interessa, DD - respondeu Ka K sem demonstrar qualquer emoção - Vou lhe entregar o aparelho para o procedimento e você esquece tudo. Só te importa saber isto.

- Mas se apagar minhas memórias da Agência, pode ser que eu me esqueça de você também – argumentou Donald Duplo.

- E daí? – respondeu Ka K secamente.

- E se eu não quiser? - perguntou Donald Duplo de forma desafiadora.

- Leva um balaço na cabeça - respondeu Ka K, apontando a arma em sua direção novamente.

Donald Duplo não estava preocupado com a arma, e sim com os olhos dela e um discreto sorriso em seu rosto. Toda vez que ele a viu assim, algum inimigo morreu na sequência.

- Espere Ka K - disse Donald Duplo, tentando ganhar tempo - Me explique toda esta história, eu prometo que vai ficar tudo bem.

- Promete? PROMETE? - gritou Ka K com muita raiva - Promessas são apenas palavras vazias que não valem nada. Eu ODEIO pessoas que prometem o quê não podem cumprir - finalizou Ka K muito nervosa, engatilhando sua arma.

Donald Duplo percebeu que havia cometido um erro. Os olhos dela estavam cheios de ódio agora e o dedo indicador pressionava o gatilho. Se ele não pensasse rápido, seria o seu fim.

## **Há 7 anos...**

Karen estava sentada no sofá da sala variando os canais de televisão. Era um dos poucos momentos em que estava em casa, cansada dos treinamentos da semana.

Ela havia conseguido a faixa preta de Karatê, então agora treinava Krav Magá. Era a melhor na aula de esgrima, agora treinava arco e flecha. Parecia que não teria fim.

Karen preferia não se preocupar com isto, então continuava vendo TV aleatoriamente, sem se concentrar em nenhum programa específico.

De repente, seu pai apareceu na sala carregando uma mala. Aparentava estar tenso.

- Oi papi - disse Karen para animá-lo.

- Oi mocinha - respondeu o pai, meio acabrunhado.

- Posso saber por que meu querido pai, herói e bonitão está com esta cara? - perguntou Karen.

- Nada, apenas estou saindo em missão - respondeu o pai - e estou um pouco cansado.

Karen se levantou do sofá, foi até ele e se pendurou em seu pescoço com um abraço. Isto sempre o deixava feliz.

- Mas eu sei que o melhor agente de todos vai tirar isto de letra - disse Karen, fazendo um cafuné em seu pai.

- Eu sei - respondeu o pai com um sorriso.

- E não se esqueça de que daqui a duas semanas, eu faço dezoito anos. Não ouse faltar - disse Karen seriamente, soltando o pescoço do pai.

- Claro que não, mocinha - tranquilizou o pai - Até já comprei seu presente.

- Aiiii! Seu chato - disse Karen - Agora eu vou ficar curiosa. Eu te odeio às vezes - concluiu emburrada.

Seu pai riu muito com a cara que ela fez. Karen ficou feliz de vê-lo mais animado.

- Então, meu herói vá para a missão, faça tudo direitinho, fuja dos homens maus e volte para entregar o presente da sua filhinha linda e esforçada - ordenou Karen sorrindo.

- É claro. Pode ficar tranquila - respondeu o pai - Eu nunca deixaria que um homem mau me pegasse. E nunca vou abandonar você sozinha na sua festa. Afinal, se algum engraçadinho chegar perto, eu preciso quebrar a cara do sujeito - concluiu ele, dando risada.

- Então me promete isto - pediu Karen.

- Ok, mocinha - respondeu o pai, levantando o braço direito em posição de juramento - Eu prometo solenemente que nunca vou ser pego e que nunca vou te abandonar. Tá bom assim?

- Tá ótimo - disse Karen, abraçando seu pai de novo - Eu te amo, pai. Volta logo pra mim, tá?

- Claro meu amor - concluiu seu pai com um abraço forte - Agora, me deixa ir por que o taxi está esperando e já cobrando.

- A vontade, senhor super agente secreto sério e bonitão - respondeu Karen cinicamente.

Seu pai andou em direção a porta e saiu rapidamente. Lá fora, um taxi o aguardava para levá-lo ao aeroporto.

Karen notou que a sua mãe acompanhou o final da conversa deles. E ela parecia um pouco apreensiva.

- Ele prometeu. Claro que vai voltar bem - pensou Karen, sem nenhuma preocupação.

O quê Karen nunca imaginaria, era que aquela havia sido a última vez que ela veria seu pai vivo.

## Há 12 Meses...

Donald Duplo sabia que não havia qualquer possibilidade de vencer Ka K em uma luta corpo a corpo. E com ela armada, suas chances eram iguais a um mosquito enfrentando um touro enlouquecido.

Aparentemente ela não queria conversa, apenas executar a sua missão. E ele não aceitaria esquecer tudo, sem ao menos saber o quê estava acontecendo, pois ele poderia esquecer a sua amada Karen também. Alguém da Agência pagaria muito caro por isto um dia.

Donald Duplo não era considerado o melhor agente no quesito "encontrar a melhor solução urgentemente" a toa. Sua mente estava trabalhando a toda velocidade para bolar uma estratégia que o permitisse escapar.

O primeiro estalo veio em segundos. Ele precisava tirar a arma da equação.

A inteligência venceria a força bruta. Afinal, para um mosquito derrotar um touro bastaria picar os olhos dele. Donald Duplo picaria o coração de Ka K.

- Então está certo, Ka K - disse ele de forma decidida - Como é sua missão, pode me matar. Atire.

Ka K não esperava ouvir isto. Pareceu surpresa por alguns segundos, mas voltou rapidamente.

- Não fale besteiras, DD. Já disse que basta passar pelo procedimento Mnemônico - respondeu Ka K em um tom pouco amigável.

- Não posso Ka K - respondeu Donald Duplo.

- E posso saber por quê? - perguntou Ka K, incrédula com o quê ouvia.

Estava dando certo. Ele ganhava tempo e agora se aproximaria.

- Por que se eu te esquecer junto a minha história de agente secreto, minha vida vai acabar. Eu te amo, lembra-se? - respondeu Donald Duplo, dando um passo em sua direção.

- Fique aí, DD - disse Ka K apontando a arma - E daí que você me ama? Eu não te amo mesmo - respondeu em um tom de desdém.

Donald Duplo não gostou de ouvir isto, mas fingiu não se importar. Dando mais um passo, insistiu:

- Não tem problema, pois eu te amo como nunca amei ninguém. Você me faz feliz como eu nunca fui. Então, se for para te esquecer, eu prefiro morrer.

Ka K estava imóvel, travando uma batalha interna. Donald Duplo notou esta pequenina hesitação e deu mais um passo.

- Já mandei ficar aí, DD - disse Ka K com menos convicção. Ela não se mexia, então Donald Duplo se aproximava continuamente.

- Fique tranquila Ka K. Eu nunca te machucaria. Só estou me aproximando para facilitar sua vida, garantindo que não erre o tiro - continuou Donald Duplo, dando mais um passo.

Ele notou que a raiva dela havia sumido. E só o fato de não aumentar a distância entre eles, indicava o conflito pelo qual passava. Donald Duplo faria sua última jogada agora.

- Mesmo por que, tanto faz eu te esquecer ou você me matar. Nossos filhos nunca vão nascer assim - disse ele, dando mais um passo.

Esta frase destruiu a resistência de Ka K. Ele percebeu o corpo dela relaxado e o indicador soltando o gatilho.

Neste pequeno instante, Donald Duplo deu mais um passo e com um movimento rápido, tirou a arma de sua mão. Deu vários passos para trás, desengatilhou, soltou o pente da arma automática e a lançou vazia para longe. Com isto a arma saiu do meio deles.

- Agora que você não me aponta uma arma, será que podemos conversar? - perguntou Donald Duplo calmamente.

Ka K estava imobilizada. Ela não sabia o quê estava sentindo, só tinha a certeza que havia falhado. O Diretor tinha razão, Donald Duplo era um agente melhor do que ela, apesar dos seus dez anos de treinamento.

E ela hesitou. Seu pai ficaria decepcionado se tivesse visto isto.

- DD... - começou a falar Ka K.

Não houve tempo de terminar a frase. Um barulho de tiro atrás de Donald Duplo preencheu o ambiente.

Ka K arqueou o corpo com o impacto, ficou alguns segundos de pé sem entender o quê tinha acontecido e em seguida desabou no chão, como um fantoche sem cordas.

- KAREN! - gritou Donald Duplo, começando a correr em sua direção.

- Opa, opa – gritou uma voz as suas costas - Não se mexa e nem se vire agente Donald Duplo, a não ser que queira ir para o inferno junto com esta vagabunda.



## Há 10 meses...

O doutor Patico não conseguia acreditar.

Finalmente sua paciente favorita havia acordado. Como ele pensava, ela tinha lindos olhos.

- Calma senhorita – começou o médico – Não se esforce em demasia, nem precisa falar nada. Você está bem e internada no Hospital Geral de Patópolis. Meu nome é Doutor Patico, seu médico a quase dois meses.

A patinha parecia não estar entendendo. Seus olhos indicavam confusão.

- Não se preocupe, está tudo bem – continuou o médico – Você ficou em coma por um bom tempo e é normal a volta ser confusa. Sem contar todos os remédios que foram ministrados nos últimos tempos.

Patico retirou a lanterna e se aproximou da paciente. Ligou e desligou diversas vezes, apontando para os olhos dela.

- Ótimo, as pupilas estão reagindo – pensou ele – Ela está próxima de ficar consciente.

- Senhorita, se estiver entendendo o que estou dizendo, pisque os olhos para indicar um “SIM” – disse o médico.

Após alguns segundos, ela piscou.

- Maravilha – pensou ele.

- Senhorita eu preciso testar sua sensibilidade. Se sentir uma picadinha, pisque os olhos – continuou o médico.

Ele foi até a gaveta de materiais e pegou uma agulha de injeção subcutânea. Retirou o lençol de cima da paciente com delicadeza e começou a testar seus reflexos.

Com pequenas espetadas, confirmou que ela sentia os braços e pernas.

- Graças a Deus, sem sequelas permanentes – pensou o médico - Ela não está paraplégica.

- Senhorita, você está ótima – concluiu o médico – Agora é só aguardarmos que você se reestabeleça completamente, mas o pior já passou.

A paciente tentou um pequeno sorriso, indicando que entendeu a frase.

- Uqip acuiuqyu – balbuciou a paciente.

- Calma senhorita, não se esforce – intercedeu Patico.
- Uqup acunqueu – insistiu.
- Uqui acunceu – tentou de novo.
- Você está perguntando o quê aconteceu? É isto? – perguntou Patico.

Uma piscada indicou que sim.

- Ela não se lembra? Então o trauma foi muito forte, é melhor sedá-la – pensou o doutor.
- Só um minuto senhorita – disse o médico.

Patico seguiu até a mesa de remédios e retirou uma dose de Cetamina. Em seguida andou até o lado da cama e colocou a seringa no acesso abaixo do soro de hidratação.

Após injetar a solução no acesso, a paciente recebeu o sedativo em questão de segundos. Delicadamente, fechou os olhos de novo.

Agora sua paciente favorita estava dormindo. Mas ela acordou e é isto que importa.

Patico saiu apressado do quarto para reportar o status ao seu supervisor. Ele se sentia muito feliz.

- Agora falta pouco, querida – pensou o médico – Daqui a pouco, saberei seu nome.

Ele saiu com tanta pressa, que nem percebeu a pessoa que estava parada em frente ao quarto. Se tivesse notado, veria que este indivíduo havia acompanhado tudo que ocorreu lá dentro.

## **Há 12 meses...**

Donald Duplo não se mexeu. Se alguém atrás dele estava armado, qualquer movimento faria ele receber o próximo tiro.

- Quem é você, por que fez isto? – perguntou.
- Eu sou um agente da Organização. E atirei por que minha missão é matar esta vagabunda que já matou dezenas dos nossos – respondeu o inimigo – Nós recebemos a posição dela de um agente infiltrado.
- Por que esperou tanto para atirar? – perguntou Donald Duplo.
- E se eu não acertasse? Precisava deixar você tirar a arma dela primeiro – respondeu o inimigo.

Donald Duplo estava encurralado. A mulher que ele amava estava no chão agonizando e ele não podia fazer nada.

- E por que você não atirou em mim? – perguntou, tentando ganhar tempo.

- Por que se você passasse pelo procedimento Mnemônico, seria inofensivo. Nós não matamos ninguém a toa. Quem acha que somos? – perguntou o agente em um tom ofendido.

- Mas como não passou, você ainda é um perigo. Portanto... – finalizou o agente, engatilhando a arma e apontando para a cabeça de Donald Duplo.

Donald Duplo não sabia o quê fazer. O tiro seria inevitável e ele não poderia reagir de forma alguma.

De repente, o barulho de um tiro quebrou o silêncio do local.

Donald Duplo não sentia nada. Olhou para baixo procurando o ferimento, mas não encontrava. Em seguida, o som de um corpo caindo atrás dele, indicava a morte do agente inimigo.

Ele olhou para Ka K, que estava apoiada em seu cotovelo, segurando uma arma. Em seguida, correu na direção dela.

- Tudo bem Ka K? – perguntou Donald Duplo.

- Amador – respondeu Ka K, com dificuldade – Além de não me matar imediatamente, como ele podia ter certeza que eu não tinha outra arma?

Ele sentou-se no chão, pegou a cabeça dela e a apoiou em seu colo. Só agora reparou que apesar de vestida para a guerra, Ka K não estava com o colete a prova de balas.

- Sua relaxada, por que quebrou o protocolo? – perguntou Donald Duplo de forma nervosa.

- É minha especialidade. Lembra quando invadi sua casa? E também sabia que você não atiraria em mim – respondeu Ka K tentando sorrir – Mas fique tranquilo, a dor está passando.

- Isto não é bom – pensou ele.

- Deixe-me ver o ferimento – disse Donald Duplo, erguendo a blusa ensanguentada e pegando a lanterna portátil.

Ele apalpou as costas e percebeu que a bala havia saído. Menos um problema. Em seguida, analisou a secreção e confirmou ser apenas sangue. Então não havia perfurado o fígado, rim, vesícula ou pâncreas.

Pela posição, parecia ter atravessado uma alça intestinal. Nada que uma boa dose de antibióticos e uma pequena cirurgia não resolvam. Mas ele precisava parar a hemorragia agora.

Donald Duplo começou a procurar nos bolsos de Ka K e foi retirando a autêntica farmácia disponível para os agentes. Ela gemia um pouco e não conseguia se mexer.

Todos os remédios ficavam a disposição em pequenas ampolas com agulhas embutidas, de forma que era fácil o próprio agente se aplicar.

Primeiro, uma dose de Crioprecipitado fator VIII, que potencializaria as plaquetas.

Em seguida, uma ampola de Ivabradina para diminuir o ritmo do coração e baixar a pressão, fazendo o sangue circular mais devagar.

Mais uma dose de Penicilina para evitar uma infecção.

E finalmente, uma ampola de Morfina para diminuir a dor.

Para concluir o processo, Donald Duplo pegou o grampeador de pele portátil e fez alguns pontos na altura do abdômen e outros nas costas, fechando o ferimento e forçando a coagulação. Era o máximo que ele podia fazer e agora a levaria para o hospital.

- Meu amor, precisamos ir. Seja forte – disse Donald Duplo.

- Espere DD. Responda-me uma coisa antes – disse Karen com a voz um pouco mole. As drogas injetadas estavam fazendo efeito.

- Pergunte então – disse ele.

- Tudo que você falou era apenas para me desarmar ou era sério? – perguntou Ka K com dificuldade.

- Mais sério e sincero seria impossível, meu amor – respondeu Donald Duplo.

- Eu sabia – disse Ka K gemendo um pouco – Preciso te falar uma coisa e pedir outra, por favor .

- Fale logo, temos que ir – apressou Donald Duplo.

- Quando acordamos juntos na França após aquela noite, você estava sem graça e tentando se explicar – falou Ka K devagar e baixo

– Eu também estava sem saber o quê fazer, mas preferi fingir ser dona da situação. Quero que saiba que foi a minha primeira vez. Ter sido com você foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Donald Duplo se surpreendeu com esta declaração, mas ao mesmo tempo ficou muito feliz.

- Tudo bem, depois falamos sobre isto – respondeu.

- Última coisa, eu te disse que odeio pessoas que não cumprem as promessas que fazem – continuou Ka K sentindo-se mais leve – Me promete fazer uma coisa que eu vou te pedir?

- Prometo meu amor. Pode pedir qualquer coisa, que eu farei – respondeu Donald Duplo.

Ka K puxou a cabeça dele em direção a seu bico e sussurrou algumas frases. Em seguida colocou a mão dele em cima de um de seus bolsos. Com este esforço, desmaiou em seus braços.

Donald Duplo ficou em silêncio. Ele nunca esperaria que ela pedisse isso.

- Meu amor, por que me pediu isso? – disse ele de forma triste.

Ele sempre percebeu que Karen guardava segredos e mágoas bem lá dentro. Mas ela quase nunca se abria, então não era possível saber o tamanho da sua dor.

- Mas eu prometi que faria – pensou Donald Duplo – Não importa o quê estou sentindo.

Rapidamente ele abriu o bolso indicado, retirou o aparelho de procedimento Mnemônico e posicionou na cabeça dela. Visualmente, parecia um fone de ouvido ligado a uma caixinha branca com apenas um botão no meio.

Sem hesitar Donald Duplo apertou o botão, realizando o procedimento em sua amada. Ele não tinha certeza do quê ela esqueceria, mas não poderia ignorar o quê foi pedido.

Ele só ignorava um detalhe terrível. Ka K havia acabado de entrar em coma, pois o procedimento não deveria ser feito em conjunto com os remédios aplicados em seu organismo.

- Eu te amo mais do que tudo, Karen – disse Donald Duplo se levantando e pegando-a no colo para leva-la ao hospital.

## **Há 10 meses...**

O doutor Patiko estava no quarto 518 novamente.

Após reportar que a paciente saiu do coma, estava autorizado a acordá-la ou mantê-la sedada pelo tempo necessário.

Ele aguardava a hora em que a última dose de sedativo perdesse o efeito. Aconteceria a qualquer momento.

As enfermeiras sempre movimentavam os pacientes em coma para evitar a atrofia muscular. Mas como ela não falava e nem engolia a muito tempo, ele teria que ter muita paciência para conseguir uma conversa.

Repentinamente, as pálpebras da paciente começaram a se mexer de novo. Ela estava acordando.

Assim que abriu os olhos, viu novamente o seu médico.

- Bom dia senhorita – começou o médico – Como eu disse, não precisa se esforçar muito, nem falar nada se não quiser, tudo bem? Por favor, pisque se tiver entendido.

A piscada ocorreu mais rapidamente desta vez.

- Ótimo, o tempo de reação melhorou – pensou Patiko.

- Então vamos com calma. Você havia perguntado o quê aconteceu, não é? – perguntou delicadamente.

Outra piscada rápida.

- Este é um problema, senhorita. Nós esperávamos que você nos falasse – afirmou Patiko.

- Poqew? – balbuciou a paciente.

- Por que você chegou aqui sem documentos e em coma. Não sabemos seu nome, nem o quê aconteceu com você – finalizou o médico.

A paciente parecia surpresa.

- Você se lembra do quê aconteceu antes de você vir para o hospital? – perguntou Patiko.

Ela não piscou.

- Lembra-se de algum trauma, assalto, queda ou qualquer ocorrência? – insistiu o médico.

Sem resposta também.

- Você se lembra do seu nome, senhorita? – tentou Patiko novamente.

Ela piscou rapidamente.

Patiko não resistiu e falou:

- E você pode me dizer qual é?

- Karn... – Karnn... – Krenn – falou a moça.

- Karen? – perguntou o médico.

Ela piscou novamente.

- Muito prazer Karen. É uma imensa satisfação conhece-la – finalizou o médico, alegremente.

Karen esboçou um sorriso.

Ela sabia seu nome, mas não se lembrava de mais nada. Não conseguia se lembrar do quê aconteceu para ela estar lá, não se lembrava do tiro, da Agência, dos seus pais adotivos, do treinamento, de todo o sofrimento no orfanato e nem das missões.

Mas o pior, não se lembrava do pato por quem estava apaixonada.

Ela se esquecera de Donald.

## **Há 12 meses...**

O diretor do Hospital Geral de Patópolis, Doutor Hoduck, estava cansado.

Após um dia exaustivo de trabalho, era chegada a hora de ir para casa, tomar um banho e cair na cama. Ele esperou por isto o dia todo.

Chegando ao estacionamento, seguiu até seu carro estacionado na vaga exclusiva a qual tinha direito. Existia uma placa indicando seu lugar.

Hoduck abriu a porta do carro e jogou sua maleta no banco do passageiro. Entrou, fechou a porta, colocou a chave na ignição e se preparou para dar a partida.

- Fique calminho doutor – disse uma voz atrás dele, encostando algo gelado em sua nuca.

Hoduck ficou imóvel.

- Será um assalto ou um sequestro? - pensou ele – Pode levar tudo, minha carteira, o carro, o quê quiser – falou o médico assustado.

- Não se vire e fique tranquilo, não estou aqui para lhe fazer mal, só vim pedir um favor – disse a voz em um tom amigável – Mas claro que depende de sua colaboração, pois eu detestaria ter que te matar para pedir este favor para seu sucessor – concluiu a voz, seguida de um barulho de arma sendo engatilhada.

- Claro, peça o quê quiser – respondeu nervosamente o médico.

- Muito bom. Não fale nada até eu acabar. Aqui no banco de trás, existe uma futura paciente – explicou a voz misteriosa.
  - Ela é uma pessoa que foi ferida em combate. Eu já parei o sangramento e a ponteei. Mas ela precisa de cuidados intensivos, pois esta desmaiada e perdeu muito sangue – concluiu a voz.
  - Mas como eu vou fazer isso? – perguntou o doutor com medo da resposta que viria.
  - Com isto – disse a voz, lançando um envelope no banco do passageiro.
  - Dentro deste envelope tem meio milhão de Patacas – explicou a voz – Digamos que é um fundo de emergência.
  - O senhor é o diretor do hospital, conforme a placa da vaga de estacionamento diz. Então pode me fazer o favor de receber esta paciente? – perguntou a voz.
- O médico não estava entendendo nada, mas não queria contrariar alguém que tinha uma arma encostada em sua cabeça.
- Mas você não vai me explicar nada? – perguntou o médico.
  - Para sua segurança, não – respondeu – Diga que o senhor encontrou esta moça baleada e sem documentos, fez os primeiros socorros e a trouxe ao hospital, pois de forma altruísta, decidiu pagar a conta dela em um quarto particular. E o quê sobrar de troco é seu. Não é um bom negócio?
  - Claro que é – pensou o médico. Na verdade ele mandaria e ninguém questionaria.
  - Está bem, eu vou ajudar a moça – respondeu Hoduck, ficando mais calmo.
  - Ótimo. Só não se esqueça que sempre estarei por perto. Se o senhor encaminhá-la para o serviço público de saúde, nós nos veremos de novo – ameaçou a voz.
  - Pode ficar sossegado. Esta moça só sai daqui curada – garantiu o médico.
  - Então combinado. Agora eu vou sair do carro e não ouse olhar para trás por alguns minutos – ordenou a voz.
  - Claro. Estou parado e assim vou ficar – respondeu o médico.
  - Então até breve doutor. Se eu precisar falar com o senhor, meu nome é DD – terminou a voz. Em seguida, a porta traseira do carro se abriu e ele escutou alguém se afastar.

Após dois minutos, ele olhou para trás e viu o corpo de uma moça bonita, vestida de preto e desacordada. Em seguida, abriu o envelope deixado e conferiu que havia muito dinheiro lá dentro.



O doutor Hoduck saiu correndo do carro em direção ao Pronto Socorro.

- Maldita placa de vaga exclusiva para o diretor. Amanhã mesmo eu vou mandar tirá-la – pensou consigo mesmo.

Ao entrar no Pronto Socorro, chamou uma enfermeira e disse:

- Atenção! Encontrei uma moça lá fora baleada e fiz os primeiros socorros. Ela está desacordada e precisa ser atendida. Mas está sem documentos, então abra uma ficha como Jane Doe e coloque-a no melhor quarto particular que tivermos livre. E deixe a conta em meu nome.

A enfermeira não entendeu o motivo, mas não lhe cabia questionar.

- Sim senhor – respondeu rapidamente, correndo na direção das macas.

- Pronto senhor DD. Sua amiga está em boas mãos – pensou o médico.

Após alguns minutos, Karen estava sendo retirada do carro e colocada em uma maca. Ela teria o melhor atendimento médico que o dinheiro poderia pagar. E o fundo emergencial que os agentes recebiam para uso em último recurso cumpriria sua utilidade.

A distância, Donald Duplo acompanhava a movimentação.

A partir de hoje, ele sempre viria neste hospital até ter certeza que ela estava bem e recuperada.

## **Há 11 meses...**

O Diretor da agência já havia tomado muitas decisões difíceis. Mesmo quando eram estritamente necessárias, não significava que não doíam.

Mas enviar sua melhor agente para neutralizar seu melhor agente, sabendo que eles estavam apaixonados, havia sido a pior de todas até hoje.

As fichas dos dois agentes estavam em cima de sua mesa. Ele olhava as fotos lado a lado.

Ele havia tentado fazer o melhor, salvando a vida de seu agente. Os chacais da Organização não parariam enquanto não o matassem, então ele precisava apagar sua mente.

Donald Duplo era o único que viu o rosto do grande líder da Organização, e isto fez sua cabeça ficar a prêmio todo este tempo. Um agente infiltrado havia informado que eles pretendiam uma ofensiva para mata-lo de qualquer forma.

E se na hora do ataque ele estivesse com sua família, todos seriam mortos.

Portanto, Donald Duplo deveria “morrer” para que Donald pudesse viver.

O Diretor também acreditava que Ka K não aceitaria a missão e que outro agente cuidaria disto. Mas ela aceitou e seguiu para apaga-lo de sua vida.

- Que menina dedicada – pensou o Diretor.

O amor entre eles também pegou o Diretor de surpresa. Ele havia colocado Donald Duplo como seu parceiro para completa-la. Mas não neste sentido.

Devia ter imaginado que alguém carente e sofrida quanto Ka K entraria de cabeça na relação quando encontrasse alguém. Por isto ela agredia tanta gente, pois não queria se envolver com ninguém.

Agora, ele não tinha mais notícias de nenhum dos dois a semanas. Ele estava na dúvida se Ka K havia conseguido realizar a sua última missão.

O Diretor esperava de coração que ambos tivessem decidido abandonar esta vida louca de agente secreto. E também aproveitado esta chance para fugirem juntos.

- Que sejam felizes – pensou o Diretor.

Para encerrar o assunto, o Diretor abriu sua gaveta e retirou uma almofada de carimbo com tinta vermelha. Em cima da almofada, um suporte continha cinco carimbos com siglas diversas.

Ele encontrou o carimbo certo, molhou na almofada e carimbou as fotos nas fichas dos agentes.

- Pronto. Assim ninguém mais vai atrás de vocês – se conformou o Diretor ao perder tão bons agentes.

Nos cantos direitos das fotos de Donald Duplo e Ka K, podia-se ler em vermelho vivo a sigla **MIA**.

### **Há 10 meses...**

Doutor Patico descobriu o nome dela ontem. Hoje a paciente do quarto 518 estava bem melhor.

Com a ajuda das enfermeiras, conseguia ir até o banheiro, o quê permitiu a retirada da sonda vesical.

Já comia uma papinha de frutas e bebia um pouco de água. Até então, só recebia alimentação por sonda enteral, soro fisiológico e vitaminas por acesso intravenoso.

Ela estava consciente e a dor de garganta estava diminuindo, o quê deixava que ela falasse um pouco. E para compensar o tempo que esteve deitada, foi recomendado que ela ficasse sentada.

- Bom dia Karen – bradou o Doutor Patico entrando no quarto.

- Bom dia – respondeu de forma rouca.

- Você está ótima como sempre – continuou o médico – Vim conferir seus exames.

Karen não sabia por que, mas a voz de Patico a tranquilizava. Possivelmente por ser a única voz que ela ouviu por quase dois meses.

Claro que ele também era simpático e sorridente. Uma companhia agradável.

- Seus exames estão ótimos, senhorita Karen – confirmou o médico – Então, hoje se lembrou de alguma coisa?

Karen balançou a cabeça negativamente.

- Tudo bem, sem pressa – comentou o médico – Depois faremos alguns procedimentos burocráticos, mas podem ser daqui a uns dias.

Karen sorriu para Patico.

Aquele sorriso fez o coração do médico quase saltar pela boca.

Enquanto conversava com sua paciente, Patico não notou que alguém estava parado em frente ao quarto observando tudo.

Ele ia diariamente para confirmar que Karen acordaria. Agora que ela acordou e estava bem, ele deveria ir embora.

Ele pensava nas últimas palavras dela sussurradas em seu ouvido naquele dia fatídico:

- Querido, eu hesitei em minha missão. Você provou que eu não sirvo para ser uma agente.

- Eu gostaria muito de viver ao seu lado, mas a dor em meu coração é muito grande. Por favor, se você me ama de verdade livre-me desta dor. Liberte-me das lembranças que me assombram todo dia até quando estou dormindo. Por favor, deixe-me viver sem estas memórias.

- Eu te amo muito, muito, mui...

Karen finalmente havia respondido a declaração de Donald, admitindo que o amava.

Ao mesmo tempo, indicava o bolso com o aparelho de procedimento Mnemônico. Enquanto falava as últimas palavras, desmaiara nos braços dele.

Ele a libertou das lembranças a custa do seu amor. Graças a ele, Karen agora poderia viver em paz. Ela recebeu uma segunda chance.

Donald soltou um longo e triste suspiro, se virando em direção ao elevador.

Antes de ir, olhou por cima do ombro pela última vez e com uma lágrima se formando, balbuciou:

- Adeus Karen.

# Capítulo 05

## Metralhas

*"Seja lá o que você fizer, seja bom nisso."  
Abraham Lincoln*

## **Há 42 anos...**

O patriarca dos Metralhas observava os berços de seus netos.

Ele tinha apenas três filhos, número insuficiente para realizar grandes roubos ou conseguir o dinheiro daquele muquirana miserável.

Com uma pequena persuasão, os três se casaram e tiveram diversos filhos, que hoje estão dormindo tranquilamente.

Apesar do extenso trabalho que seria ensinar a todas estas crianças a nobre arte do assalto, daqui a alguns anos, eles aterrorizariam Patópolis com roubos cinematográficos.

O patriarca mal podia esperar. Aquele pato miserável iria se arrepender de tê-lo mandado para a cadeia. E seriam os seus netos que proporcionariam isto.

## **Há 23 anos, 21 anos, 20 anos, 20 anos, 18 anos, 16 anos, 14 anos, 12 anos e muitas outras vezes mais...**

Mais um plano dos Irmãos Metralhas terminou em fracasso.

Ao final, Patinhas conseguiu manter seu dinheiro a salvo dos ladrões e eles terminaram na cadeia municipal de Patópolis.

Mas na próxima vez, eles tinham certeza que conseguiriam colocar as mãos no dinheiro do velho muquirana.

## **Hoje...**

Patinhas estava um pouco animado.

Apesar de não acreditar, o pedido do seu analista, Dr. Ego, havia funcionado.

Após diversas visitas a seus familiares, Patinhas estava mais feliz, mais leve e até descobriu algumas histórias bem engraçadas.

Sua visita favorita tinha sido Donald e seus sobrinhos. A quantidade de histórias e locais que eles conheceram com seu pai era algo absurdo. Quisera ele ter ido a 10% destas jornadas.

Gastão não foi nada interessante, pois aparentemente o rapaz só pensava em seu próprio umbigo. E a esposa, parecia um pouco abandonada.

Ele ficou com vergonha de visitar Peninha, considerando que indiretamente o havia demitido.

Vovó Donalda foi outra visita fantástica. Ela conhecia seu pai desde que ele comprou o lote que continha a Colina Mata-Motor. O irmão de Donalda, Patus Quela, não tinha dinheiro para voltar do garimpo e o vendeu.

Seu pai havia chegado a Patópolis com suas irmãs Hortência e Matilda e conheceram a família de Vovó Donalda, com seu marido Tomás e os filhos Patricia, Patolfo e Pato. E Donalda era neta de Cornélio Patus, fundador da cidade.

Realmente foram ótimas visitas, mas faltava uma. Não eram da família, mas Patinhas queria conhecer algumas pessoas que foram muito citadas no diário de seu pai, os Irmãos Metralhas.

Eles haviam saído do presídio de Patópolis recentemente e moravam em uma casa nos limites da cidade. É para lá que ele se dirigia.

O local não era a área mais nobre possível, considerando que muitas pessoas de má índole costumavam andar por lá. Mas isto não o impediria.

O GPS o levou direto para frente da casa. Era pequena e simples, com um quintal feito de grama e portão baixo. Patinhas parou seu carro e desceu.

Seguiu até o portão e apertou a campainha.

Um dos Metralhas, de número 176-671 abriu a porta de má vontade e falando:

- O quê foi?

- Boa tarde, vim fazer uma visita.

- Hã? Alguém veio nos visitar? E quem é você? – perguntou o Metralha, surpreso.

- Patinhas – foi a resposta.

O Metralha não acreditou. Olhou bem para o pato parado em seu portão e entrou sem dizer nada.

Após alguns minutos de intenso debate, o Metralha 176-761 seguiu até o portão.

- Olha, não sei o quê você quer, mas não fomos nós. Faz muito tempo que não roubamos nada, exceto algumas galinhas quando a fome apertou - justifica-se o Metralha.

- Só quero conversar. E se vocês me derem um pouco de atenção, posso arrumar um dinheiro que pagará um jantar completo para todos - foi a resposta do quaquilionário

Ouvindo a palavra “dinheiro”, o Metralha tornou-se muito educado.

- Entre, entre. Nossa humilde casa está a sua disposição – falou o Metralha, abrindo o portão e indicando a entrada da casa.

Patinhas seguiu pelo pequeno caminho da entrada e acessou a casa pela porta da frente que estava aberta.

O cenário da casa é um tanto desolador, pois tem poucos móveis, não estava muito limpa e nem seus habitantes estavam de bom humor.

O único local mais apresentável era a mesa onde faziam as refeições, com seis cadeiras e nada em cima.

Como Patinhas contou cinco Metralhas, de números 176-671, 176-761, 176-167, 176-617 e 176-716, seria perfeito sentar-se aquela mesa para uma conversa.

- Posso? – perguntou Patinhas apontando para uma cadeira.

- Sim, claro. Fique a vontade – respondeu o anfitrião 176-761.

Todos os demais sentaram um tanto quanto desconfiados.

- Então do quê se trata? – perguntou o Metralha 176-716.

- Eu queria conversar com vocês sobre o meu pai, Patinhas Mac Patinhas – respondeu o visitante.

A citação do nome do velho muquirana causou muitos sentimentos nos irmãos. Medo, raiva, admiração, saudade, tristeza e outros diversos, mas ninguém falou nada.

- E depois, nos dará uma grana? – perguntou 176-617.

- Depois não, darei agora para vocês ficarem mais a vontade – respondeu Patinhas, retirando um maço de Patacas do bolso e jogando em cima da mesa.

Os cinco irmãos avançaram no dinheiro. E imediatamente pensaram em toda a comida que poderão comprar esta noite. Os últimos tempos andavam difíceis e eles passavam necessidades.

- Meu amigo, pode falar o quê quiser agora – disse 176-761, muito feliz.

- Eu gostaria de ouvir de vocês algumas histórias de quando tentavam roubar o meu pai – disse Patinhas.

Os Metralhas não sabiam o quê pensar, mas se aquele maluco pagaria para eles contarem histórias, o problema era dele.

- Bom, teve uma que o muquirana, digo, o senhor Patinhas escondeu todo seu dinheiro em uma represa – começou 176-671 – Nós conseguimos derrubar os pilares com super-cupins e toda a fortuna caiu nas nossas terras. Mas ele nos mostrou que nadava em dinheiro e quando tentamos, arrebentamos a cabeça.



- É, tenho marcas até hoje – completou 176-761.

- Interessante, continuem – pediu Patinhas.

- Em outra ocasião, nós compramos um farol e conseguimos emprego como lobos do mar – disse 176-167 – De lá, montamos um navio de borracha do pirata Malatesta e conseguimos vários navios do miserá..., digo, do senhor Patinhas. Mas no dia que íamos zerar o investimento, os maldi..., digo, os sobrinhos dele o ajudaram a nos prender.

- Hum, hum... – respondeu Patinhas.

- Depois montamos uma super máquina derrubadora de árvores, a Paulo Bunian, mas o velho, digo, o senhor Patinhas mudou toda a sua fortuna para as árvores de uma floresta – conta 176-617 – Sem querer nós fomos contratados para derrubar as árvores para uma represa e quase chegamos ao dinheiro. Ele criou outra máquina Bunian e detonou a nossa.

- E as tentativas de nos enganar para economizar dinheiro com escoltas? – disse 176-716 – Primeiro ele escondeu ouro junto ao milho. Depois o Rubi Listrado no meio de balas de menta.

- Muito bom – falou Patinhas.

- Mas a pior foi a dos ovos – comentou 176-167 – Se tivéssemos mandado ovos de lebre selvagem de verdade ao invés de ovos de galinha, toda a fortuna dele teria sido nossa legalmente.

Patinhas foi percebendo que a cada história, os irmãos iam ficando mais abatidos. Realmente não eram coisas a se orgulhar, considerando que eles só se davam mal.

- Mas digam, por que estão ficando tristes? – perguntou Patinhas mesmo imaginando a resposta.

- Por quê? Talvez por que o muquirana sempre se deu bem em cima da gente – respondeu com raiva 176-716 - Este motivo não é o suficiente? Patinhas devia nos considerar uns idiotas.

- Nisto posso afirmar que vocês estão errados – respondeu Patinhas.

- E podemos saber por quê? – questionou 176-617.

- Eu tenho acesso ao diário de meu pai. Em várias passagens, ele os citava como um grande desafio – respondeu Patinhas – Claro que ele queria ganhar, mas existia um pouco de respeito pelos seus “grandes inimigos”.

Os Metralhas não estavam acreditando. Aquele muquirana miserável os respeitava um pouco, ao menos como inimigos dignos deste nome?

- E por que você veio falar conosco, ouvir histórias e agora está dizendo isto? – perguntou 176-167.

- Por que talvez eu possa oferecer algo para vocês fazerem que se encaixaria perfeitamente com suas habilidades. – respondeu Patinhas.

- O quê? Você quer que a gente trabalhe? – bradou 176-671. Os demais também resmungaram e falaram o quanto esta ideia era absurda.

- Mesmo por que o **SILABACAPAG** \* proíbe qualquer forma de trabalho honesto – concluiu 176-671.

*\* Sindicato dos Ladrões, Batedores de Carteira, Punguistas e Arrombadores no Geral.*

- Claro que não – respondeu Patinhas – Seria uma ofensa sugerir isso para pessoas tão talentosas no ato de roubar.

- Minha proposta é mais simples – continuou o quaquilionário – Eu quero contratá-los para que me roubem.

Os Metralhas não entenderam nada. Estavam olhando para Patinhas como se ele fosse um louco.

Patinhas não se abalou e continuou falando:

- Deixe-me explicar. Grandes empresas de tecnologia contratam hackers para invadirem seus sistemas e mostrarem as falhas. É isto que eu quero de vocês.

- Combinamos o local a ser invadido. Dentro dele, deixarei um saco de dinheiro com uma quantia variável de acordo com o grau de dificuldade. Vocês tentarão “roubar” este dinheiro de todas as maneiras. Se conseguirem é de vocês. Senão, eu pagarei um pequeno fixo como ajuda de custo.

- E de qualquer forma, vou aprimorando a minha segurança. O quê vocês acham? – finalizou Patinhas.

Os Metralhas estavam mudos. Não podiam acreditar que aquele maluco estava oferecendo pagar para ser roubado.

- Podemos responder amanhã? – perguntou 167-716.

- Claro – respondeu Patinhas – Me telefonem diretamente neste número – concluiu, deixando um cartão em cima da mesa.

- Bom, a conversa está muito agradável mas preciso ir. Fico aguardando o contato de vocês – disse Patinhas se levantando.

- Claro, claro – respondeu 167-617, ainda sem acreditar muito.

Patinhas seguiu até a porta, que foi aberta rapidamente pelos anfitriões. Em seguida, despediu-se com um aceno e foi até seu carro.

Os Metralhas viram o maluco se distanciando e não sabiam o quê dizer, até que 167-176 lembrou do dinheiro e gritou:

- Vamos comprar comida!

Os irmãos correram para a rua em direção ao mercado. Com certeza poderiam pensar melhor no assunto de barriga cheia.

Patinhas seguia com seu carro pela rua. Estava feliz por ter entrado em mais um capítulo da vida de seu pai.

- Eles vão aceitar sim – pensou consigo mesmo.

- E meus sistemas de segurança serão os mais eficientes do mundo – concluiu o raciocínio.

Com estes pensamentos, associado a sua satisfação pessoal e um resultado empresarial que renderá dividendos no futuro, Patinhas voltava cantarolando para sua mansão.

# Capítulo 06

## Pataji

*"Às vezes, vencer é saber esperar."  
Getúlio Vargas*

## Há 30 anos...

A Vila de Pommoli era apenas mais um agrupamento de casas irregulares formando um povoado nas proximidades da base do monte Vesúvio.

A cidade mais próxima era Nápoles e estava a cerca de dezoito quilômetros de lá.

O governo Italiano proibia o assentamento de moradias tão próximas ao vulcão mais assassino da história, mas isto não impedia as pessoas de construírem suas casas ou barracos naquela região.

Desde a antiguidade o Vesúvio estava ativo, matando milhares de pessoas em violentas erupções. As cidades de Pompéia e Herculano são as suas vítimas mais famosas, sendo soterradas por metros e metros de lava e cinzas.

Como os governos federal e provinciano não desejavam incentivar as pessoas de viverem nas proximidades, tornando impossível uma eventual evacuação, eles não reconheciam estes povoados e nem repassavam verbas humanitárias.

E neste vilarejo pobre e miserável, uma patinha de seis anos de nome Pataji vivia nas ruas, pedindo e até implorando por um pedaço de pão. Ela era muito magra e tinha os olhos tristes.

Ela não sabia por que estava nas ruas e nem por que vivia naquele povoado perdido. E nenhuma pessoa nunca havia se dado ao trabalho de lhe contar ou ajudar.

Pataji só conhecia seu próprio nome, por que um dia uma moça boazinha o leu bordado em um lenço que sempre estava com ela.

Pelo menos ela tinha uma roupa mais ou menos do seu tamanho, pois a medida que crescia, alguma moça boa sempre lhe presenteava com um vestidinho usado. Pena que não a alimentavam na mesma frequência.

Naquela dia quente de verão, o vestido era suficiente. Em dias frios, ela precisava se enrolar com papelão ou com algum trapo que podia usar como cobertor. Em dias de chuva, só lhe restava ficar abrigada em baixo de alguma quina de casa ou árvore.

E dia após dia, Pataji procurava algum moço ou moça bonzinhos que lhe dessem algo para comer.

A grande maioria dos habitantes a desprezava ou a mandava ir embora. De vez em quando, uma boa alma lhe entregava alguns restos de sua própria refeição. Quando não conseguia nada, só lhe restava vasculhar as latas de lixo atrás de qualquer coisa.

Pataji não conhecia o conceito de três refeições diárias, pois era muita sorte ter uma. No resto do tempo, comia qualquer coisa que ganhava ou achava no chão.

Após uma manhã azarada, Pataji tentaria conseguir alguma coisa a tarde, depois das pessoas saírem de suas casas.

Ela viu um casal bonito saindo e vindo em sua direção. Seria a sua primeira tentativa.

- Moça, me dá algo para comer? – pediu Pataji com seus olhinhos tristes se aproximando do casal.

- Desculpe minha filha, hoje não temos nada – foi a resposta da moça.

Ela não desanimou. Pelo menos eles não gritaram, xingaram ou bateram nela. Ela preferia pedir para as moças, que normalmente a tratavam melhor.

Um outro casal com uma criança pequena vinha do outro lado.

Pataji correu até eles e pediu de novo:

- Moça, me dá qualquer coisa para comer?

A moça nem respondeu. E ainda pegou seu filho no colo para ela não se aproximar. Em seguida, continuaram andando.

Mais adiante ela reconheceu um velhinho. Para ele era melhor não pedir nada. Da ultima vez, ele a chamara de “menina suja” e bateu com sua bengala em suas pernas.

Existiam algumas casas em que ela também não ousava chegar perto. As vezes as pessoas não gostavam que seu lixo fosse remexido. Claro que era mais fácil expulsar a menina e não ver isto ao invés de lhe fornecer um pouco de comida para que ela não precisasse mexer no lixo.

A tarde ia passando e a fome aumentava cada vez mais. Seu pequeno estômago doía e ela se sentia fraca.

Um pouco depois, ela viu uma moça andando com uma sacola de compras. Era nestas situações que as chances de conseguir alguma coisa aumentavam.

Pataji correu em direção a moça e tentou de novo, com os olhinhos chorosos:

- Moça, me dá qualquer coisa para comer? Minha barriga tá doendo.

Pataji deu sorte, a moça se comoveu.

- Claro querida, um momento – respondeu a moça, colocando a sacola na chão e se agachando.

A moça retirou da sacola uma fatia de pão, um pêssego e um figo. Em seguida entregou para a menina.

- Brigada, moça – Pataji agradeceu correndo para longe.

Ela seguiu até um dos becos que usava como esconderijo. Estes locais eram seguros para dormir a noite ou se esconder de pessoas que queriam bater nela.

Pataji não podia acreditar. Era tão difícil conseguir um pêssego.

Ela foi em direção ao fundo do beco e sentou-se rapidamente. Comeu avidamente o pão e suas frutas tão duramente conquistadas.

Seu estômago havia parado de doer e ela conseguira comida por mais um dia.

Pataji saiu de seu beco e agora poderia andar pela cidade. Talvez encontrasse alguma criança que derrubaria alguma coisa e ela poderia aproveitar.

As vezes ela via crianças felizes com seus pais e não entendia. Simplesmente não sabia qual era a sensação de ter um adulto cuidado dela, protegendo e sustentando.

Caminhando pelas ruas, encontrou com um grupo de meninas bem arrumadas e limpinhas, brincando com suas bonecas. O maior sonho de Pataji era ter uma.

- Posso brincar com vocês? – ela perguntou.

- Sai daqui sua suja – respondeu uma das meninas – Se eu te entregar minha boneca, você vai roubá-la.

- Não, só quero brincar – foi a resposta.

- Pai! Tem uma menina aqui querendo nos roubar – gritou a menina.

Pataji sabia que iria apanhar se permanecesse lá. Após este grito, saiu correndo de volta para seu beco.

Ao entrar, viu um gatinho magricela se lambendo.

- Oi amiguinho – disse Pataji. Ela se aproximou e ficou alisando o gato por algum tempo.

Os bichinhos eram seus únicos amigos, que a aceitavam como ela era.

Ela ficou com o gatinho por horas, até anoitecer e ele seguir para cima das casas. E como estava acostumada a ficar sozinha a noite, não se importou.

Pataji foi até o lado das latas de lixo, onde estava seu papelão que era usado como colchão. A noite estava quente e estrelada, então dormiria agradavelmente.

Ela estava deitada e olhava para o céu, pensando quando teria a sorte de conseguir um pêssego novamente.

Após alguns minutos, adormeceu.

Pataji havia sobrevivido mais um dia. Amanhã começaria tudo de novo.

## **Há 29 anos...**

O inverno daquele ano estava mais rigoroso do que o normal.

Pataji estava passando frio há alguns dias. Seu bico entupido e a garganta doendo indicavam que poderia adoecer a qualquer momento.

Se durante o dia já era frio, a noite ela precisava de várias camadas de jornal para se aquecer.

Mas o pior é que nos dias frios as pessoas saíam menos de casa. Então não havia tanta gente para pedir comida. Além do frio, ela estava com muito mais fome do que o habitual.

Fazia dois dias que ninguém lhe dava nada, o que a obrigou a vasculhar as latas de lixo para conseguir alguma coisa. Sua única refeição no dia anterior foi meia fatia amassada de pão com manteiga e algumas cascas de melão.

Hoje não havia encontrado nada ainda.

Pataji precisava comer alguma coisa, então começou a seguir para outros becos. Na terceira tentativa, encontrou uma sacola jogada com alguns legumes crus.

Ela os comeu depressa, como se fossem a melhor refeição do mundo.

Um pouco antes de acabar, escutou uma série de miados baixos vindo do fundo do beco. Com curiosidade, foi ver de onde vinha.

Lá chegando, viu uma família de gatos com a mãe e cinco filhotes que tremiam de frio.

- Que bonitinhos – falou a menina – Vocês estão com frio igual eu, né?

Pataji sentou no chão ao lado dos gatinhos, pegou todos e os abraçou em seu colo. A mãe notando que ela não faria mal a eles, deitou-se em cima de suas pernas.

Com isto, os pequenos filhotes pararam de tremer.

Sem querer, Pataji havia salvado aquela família de gatos. Eles não teriam sobrevivido aquela noite fria. Em agradecimento, eles a esquentavam também.

Durante todo o inverno ela morou naquele beco, mantendo os gatinhos aquecidos e se esquentando também. Como sempre, os bichinhos eram seus únicos amigos.

## **Há 28 anos...**

Pataji estava novamente sentada em seu beco.



Ultimamente a fome estava tão intensa, que ela havia começado a fazer algo que não considerava errado. Quando os vendedores de frutas não estavam vendo, as vezes ela pegava uma e corria para comer no beco. Não tinha sido flagrada até então, mas eles não gostavam de vê-la por perto.

Uma semana antes de começar a fazer isto, havia pedido por algo para comer a um moço com uma sacola cheia. Ele se negou.

Um pouco mais adiante, a alça da sacola arrebentou e derrubou parte do conteúdo. Como ela estava acostumada a pegar comida do chão, correu até lá para pegar alguma coisa.

O moço a viu se aproximando e se agachando para apanhar uma fruta. Antes que ela pegasse, ele acertou um tapa com a mão aberta em sua cabeça.

- Sai daqui, sua ladrazinha – ele gritou.

Pataji correu para chorar em seu beco. Ela realmente não sabia que ele ainda queria a comida que caiu no chão.

A partir deste dia, ela percebeu que bastava pegar a comida sem que ninguém visse. E assim começou a roubar frutas dos comerciantes.

Agora ela estava com fome novamente e precisava pegar alguma coisa.

Pataji andou até uma das bancas de frutas, que estava lotada de pêssegos, sua fruta favorita. Quando estava pensando em como pegar, viu dois meninos se aproximando pela direção oposta da sua.

Correu até eles e fez um acordo rápido. Mesmo com oito anos, ela conseguia convencer meninos bem rapidamente.

Os dois se aproximaram da mesa direita do vendedor e começaram a se empurrar, derrubando algumas frutas. O vendedor correu em direção a eles, gritando:

- Seus moleques, cuidado com as frutas.

Enquanto ele corria para a direita, Pataji chegou pela esquerda, colocando rapidamente nove pêssegos em seu vestido. Antes que ele voltasse, ela já estava de volta ao beco.

Dois minutos depois, os meninos chegaram onde ela estava. Ambos não viviam na rua, mas eram pobres e quase nunca comiam pêssegos. Deviam ter cerca de dez anos.

- Olha, ela conseguiu – disse o primeiro.

- Com nossa ajuda, é claro – respondeu o segundo.

- Os de vocês estão aí – disse ela, apontando para dois montinhos de três cada. Enquanto isto, já estava comendo o seu segundo.

Os meninos não falaram mais nada. Sentaram e comeram os pêssegos com muita vontade.

Com todos satisfeitos, os meninos se simpatizaram com esta patinha magra e esperta. Com certeza ficar próximo a ela seria bem compensador.

- Mas onde é a sua casa? – perguntou o primeiro.

- Aqui mesmo – respondeu ela sem qualquer emoção.

- Por que você mora aqui? – perguntou o segundo.

- Não sei e não importa – respondeu.

Os meninos nunca tinham conversado com alguém que vivia na rua. Mas parecia ser legal não ter que obedecer ao pai e a mãe.

- Que legal – disse o primeiro – Mas você não tem medo da bruxa?

- O quê é uma bruxa? – perguntou Pataji.

- Minha mãe disse que é uma mulher malvada – respondeu o primeiro com um certo receio – E se eu chegasse perto dela, seria levado para fazer poções.

- E como vou saber que é a bruxa? – questionou Pataji com interesse.

- Eu já vi ela – respondeu o segundo – É alta, esquisita e usa uma roupa toda preta. Sempre carrega uma bolsa no braço com coisas horríveis. E mora em uma cabana na subida do vulcão, perto do topo – disse ele, frisando esta parte final.

Pataji ficou assustada. Ninguém morava tão perto da cratera. Se ela vivia lá sozinha, certamente era uma pessoa ruim

- Eu que não quero ver esta bruxa – falou ela um pouco receosa.

- Então cuidado. Se você a vir, corra para longe – disse o segundo.

- Vamos agora? – perguntou o primeiro – Nossas mães devem estar esperando.

- Tá bom – ele respondeu – Garota, nós sempre passaremos por aqui, você conseguiu dois amigos para pegar as frutas, tá?

- Tá bom – respondeu Pataji. Ela ficou feliz, finalmente teria dois amiguinhos.

Os meninos foram embora para suas casas e a deixaram sozinha na rua. Pataji estava pensando sobre o quê contaram da bruxa.

- Se ela aparecer, eu corro – pensou a menina, antes de voltar para dentro do seu beco.

## **Há 27 anos...**

Pataji estava muito feliz nestes últimos dias.

Uma moça bondosa tinha dado a ela um vestido novo na semana passada. E era bonito e colorido.

Ela só não entendeu o quê a moça havia falado:

- Você já está virando uma mocinha. Fique longe de algumas pessoas. E nunca entre na casa de ninguém, tá bom?

Pataji concordou para agradá-la, mas não compreendeu por que não devia entrar na casa de ninguém. Ela nunca foi convidada para entrar em lugar algum, por que agora seria diferente?

Ela estava na entrada do seu beco e um moço parou de frente a ela. Era um moço alto, não muito jovem e estava bem vestido.

- Oi garotinha, você quer ganhar pão e suco? – perguntou o moço.

- Quero, quero – respondeu Pataji.

- Mas você só vai ganhar se prometer ser boazinha – disse o moço.

- Eu prometo que serei boazinha – respondeu a menina, já sentindo o sabor do suco.

- Mas aqui eu não tenho nada, vamos até a minha casa – disse o moço.

Pataji se lembrou da recomendação da moça bondosa, mas a vontade de tomar suco falava mais alto.

- Vamos – disse a menina, indo atrás do moço.

Ambos seguiram pela rua até chegar em uma viela. No final dela o moço abriu o portão da casa que ficava a direita.

Pataji entrou na casa muito feliz. Com certeza o moço a convidou por que o vestido novo era bonito e estava limpo.

- Sente-se minha filha - falou o moço, que trancou a porta sem ela notar.

Ela não acreditava. Além de entrar, podia se sentar no sofá? Era muito bom para ser verdade.

O moço bondoso foi até a cozinha e retornou com um prato com várias fatias de pão e um pedaço de bolo. Também trazia um copo grande de suco de uva e duas fatias de melão.

Ele deixou tudo na mesinha de centro da sala e disse:

- Pode comer minha filha.

Pataji estava quase chorando de emoção. Nunca havia visto tanta comida boa ao mesmo tempo e nunca havia sido tão fácil de conseguir.

Ela se sentou no chão e comeu tudo rapidamente. Ao final, estava satisfeita de uma forma inédita.

- Obrigada moço – disse a menina, muito feliz.

- Não tem de quê minha querida – disse o moço sentando-se no sofá – Se quiser ganhar muita comida, basta ser boazinha.

- Eu serei tudo que o senhor quiser – respondeu a menina ingenuamente.

- Muito bom. Sente-se aqui no meu colo – falou o moço.

Pataji não se importou. Sempre via os filhos no colo de seus pais. Será que este moço bondoso queria ser o pai dela? Ela sentou sorrindo.

Assim que se sentou, o moço colocou a mão na perna dela.

Pataji não sabia explicar por que, mas ficou muito incomodada com a mão dele. Mas como não queria magoar o moço bondoso, simplesmente pediu:

- Tira a mão.

O moço não tirou. Ela tentou empurrar a mão dele, mas ele manteve mesmo assim.

Ela se levantou do colo com uma sensação ruim, mas o moço agarrou sua nuca e a puxou de volta dizendo:

- Você prometeu ser boazinha.

Pataji não estava entendendo nada, mas não queria mais ficar lá. Debateu-se e caiu no chão. Quando o moço se levantou, ela correu em direção a porta trancada.

Ela chegou à porta e tentou abrir. Como não conseguiu, correu em direção a janela que ficava a direita e rapidamente pulou para fora. Em alguns segundos, voltou à rua.

O moço ainda foi até a janela e disse:

- Tudo bem menina, pode voltar para comer quando quiser.

Pataji não ouviu a frase, já estava correndo a toda velocidade descendo a viela e voltando para o seu beco. Ela chegou rápido e correu para o fundo, onde estava seu papelão que servia como cama.

Sentou-se no papelão sem fôlego. Sem saber por que, começou a chorar violentamente.

De repente, ela ouviu passos entrando em seu beco. Será que era o moço de novo? Pataji estremeceu com a possibilidade de ele por a mão nela de novo.

Não era. Na verdade era uma mulher alta, toda vestida de preto.

- Tudo bem, querida? – perguntou a mulher.

Pataji não sabia quem era, mas correu em sua direção e a abraçou. Em seguida continuou chorando muito.

A mulher se ajoelhou de forma a abraça-la. Ela a tinha visto pular a janela daquela casa e sair correndo. Deduziu o quê tinha acontecido pela fama do morador.

- Tudo bem, meu amor. Pode chorar – falou a mulher.

Pataji chorou por mais cinco minutos até se acalmar. Em seguida, falou:

- Eu não sei o quê eu fiz de errado.

- Não fez nada, fique tranquila – disse a mulher – Vamos fazer um acordo?

- O quê? – a menina disse.

- Não peça mais comida, não pegue mais nada e nem vá atrás de ninguém. Quase todo dia eu trarei uma sacola de comida e água e você ficará comendo aqui no beco tranquilamente – propôs a mulher.

Pataji não acreditou. Esta bela mulher a alimentaria dali em diante.

- Tá. Então a senhora quer que eu coma apenas a comida que me trouxer? – quis confirmar a menina.

- Isso meu bem. Amanhã mesmo eu trago a primeira sacola, tá? – respondeu a mulher.

Pataji concordou com a cabeça.

A mulher se levantou e começou a ir embora.

- Então está combinado, querida. Amanhã eu volto – finalizou ela.

Pataji acenou com um sorriso.

Que dia maluco, a menina pensava. Ela encontrou um moço estranho que achou ser legal, fugiu dele e agora achou uma mulher legal de verdade. E que a alimentaria. A menina estava feliz e mal podia esperar pelo dia seguinte, quando a mulher voltaria.

Pataji talvez não ficasse tão feliz, se soubesse que esta mulher legal era a bruxa que morava perto da cratera do Vesúvio.

## **Há 26 anos...**

Pataji finalmente tinha uma vida boa. Após tantos anos de privações e fome, aquela mulher cumpriu sua promessa de levar comida para ela quase todo dia. E já o fazia a meses.

Não apenas comida. Ela trouxe roupas, um cobertor e até uma bonequinha.

A menina continuava vivendo no beco. Ela havia se tornado amiga dos pombos também, pois sempre jogava migalhas de pão para eles.

Durante algum tempo após sua péssima experiência de visitar aquele moço, Pataji tinha receio dele reaparecer e chegar perto dela. Mas felizmente, nunca aconteceu.

Conforme prometeu para a mulher, Pataji não pedia nada para ninguém e nem pegava frutas dos comerciantes. Até dispensou seus dois parceiros.

Várias vezes a mulher se sentava com ela no beco e lhe contava histórias dos heróis do passado.

- Hércules era um homem muito forte que precisou realizar doze trabalhos...
- Ulisses navegou pelo mundo antigo enfrentando toda a sorte de monstros...
- Jasão conquistou o velo de ouro enfrentando um dragão...
- Teseu entrou no labirinto do Minotauro...
- Aquiles era invencível e lutou na guerra de Tróia...
- Ícaro criou asas e voou muito alto, em direção ao sol...

Pataji não entendia uma boa parte das histórias, mas ouvia atentamente e sonhava como seria legal conhecer o mundo todo e enfrentar todos aqueles monstros.

E hoje seria o dia que ela receberia mais comida, fresquinha e gostosa.

Após algumas horas, a mulher vestida de preto entrava no beco dela.

- Oi querida, tudo bem? – falou a mulher.

- Sim, melhor agora – respondeu Pataji com sinceridade.

- Que bom. Aqui está sua refeição – falou a mulher, estendendo uma sacola com frutas, pão, uma garrafa de água, azeitonas e até um bolo doce delicioso.

A menina já havia montado sua mesinha (na verdade um caixote) e esvaziou a sacola em cima dela.

Pataji sentou-se e começou a comer com vontade. Ofereceu um pouco para sua amiga, mas ela não aceitou.

- Bom proveito, querida. – disse a mulher.

Assim que acabou de comer, Pataji relaxou apoiada na parede. Como sempre, a comida estava deliciosa e ela ficara muito satisfeita.

A mulher sentou-se ao lado dela e disse:

- Querida, você gosta de morar aqui no beco?

- Sim, é claro – respondeu a menina.

- Mas você não gostaria de morar em uma casa de verdade? – perguntou a mulher.

- Não sei como é – respondeu Pataji sem dar muita atenção.

- E se eu te oferecesse para morar comigo? – insistiu ela.

- Acho que com você seria legal – respondeu a menina, sem empolgação.

- Então está convidada – finalizou a mulher.

- Sério? Posso conhecer sua casa? – perguntou a menina, agora com os olhos brilhando.

- Sim. É uma cabana bem bonita no alto do monte Vesúvio.

- Como assim? Lá só mora a bruxa. – falou a menina com a voz assustada e se levantando.

- Bem, na verdade sou eu que sou chamada de bruxa – respondeu a mulher.

Pataji realmente havia se assustado agora. Ela correu até o fundo do beco tremendo.

- Calma querida, não vou te fazer mal – tranquilizou a mulher.

- Me disseram que você era ruim e levava crianças para sua casa para fazer maldades – falou a menina, quase chorando.

- Pataji, algum dia nestes meses todos, eu te fiz algum mal? – perguntou a mulher.
- Não – respondeu a menina ainda assustada.
- E estas pessoas que te falaram isto já te ajudaram de alguma forma?
- Não.
- E então por que você acredita mais em quem nunca te ajudou? – perguntou de novo em um tom ofendido.

Ela tinha razão. Esta mulher foi a única pessoa que trouxe comida para ela. E seu maior sonho, a bonequinha.

- Você promete que não quer me levar para fazer maldades? – perguntou a menina.
- Claro que prometo – respondeu a mulher – Eu quero te levar para te dar um teto, uma cama confortável e para que eu possa te ensinar tudo que sei, de forma que você se defenda deste mundo ruim em que vivemos.

Parecia ser uma coisa boa. E realmente Pataji nunca a viu fazendo mal a nada nem ninguém. Ela sempre a ajudou em tudo. E deu a boneca.

- Mas eu posso levar meu cobertor, minha boneca e meu gato? – perguntou a menina.
- Claro querida. Arrume tudo e vamos – respondeu com um sorriso.

Pataji estava animada. Pegou seus poucos pertences, enrolou no cobertor e deu um nó para fechar tudo. Pegou seu gatinho, o deitou em seu colo e foi até a mulher.

- Mas eu nem sei seu nome – disse a menina.
- Basta me chamar de “mestra” – respondeu a mulher.
- Tá bom, mestra – concluiu ela.

Pataji não estava tão animada, pois realmente não sabia como era diferente viver em uma casa e dormir em uma cama. Mas aprenderia rápido.

As duas seguiram para fora da cidade em direção ao monte Vesúvio. Cerca de quarenta minutos depois, chegariam até a cabana da bruxa, onde existiam coisas que ela nunca imaginaria.

Apesar do pouco animo no momento, Pataji mudaria de ideia nos dias seguintes. Morar em uma casa era a melhor coisa que poderia ter acontecido com ela.



# Capítulo 07

## Toque de Midas

***"Não são as ervas más que sufocam a boa semente e sim a negligência do lavrador."  
Confúcio***

## Há 22 anos...

Pataji já era uma mocinha.

Havia feito 14 anos há algumas semanas e sua mestra fez questão de fazer um bolinho e cantar parabéns. Ela havia escolhido uma data qualquer e comemoravam seu aniversário nela.

Na primeira vez em que ela fez a festa, Pataji não entendeu o motivo e também não conhecia a música de aniversário. Após quatro delas, já tinha se acostumado.

Ela estava morando na cabana próxima a cratera do Vesúvio.

Não era nenhuma mansão, mas a mestra fazia questão de deixar tudo arrumado e limpo. Se alguém quisesse visita-las, a casa estaria sempre pronta. Mas nunca vinha ninguém.

Ao entrar na casa, a área que seria a sala era tomada por mesas com ervas, potes, livros e pergaminhos. Desta sala seguindo por um corredor, a cozinha ficava a direita e dois quartos a esquerda.

No segundo quarto, Pataji vivia com apenas uma cama, uma cadeira e alguns badulaques de sua pobre infância, como a bonequinha que ela tanto queria. Seu gato andava pela casa com total desenvoltura.

A estada naquela casa era mil vezes melhor que seus tempos na rua. Não faltava comida, no frio ela tinha dois cobertores e no calor podia tomar um banho refrescante.

Sua mestra vivia de fazer poções do amor, ler a sorte e desfazer mandingas no geral. As pessoas tinham certo receio de ir até a casa dela, mas a procuravam na rua e pagavam sempre direitinho. Pataji tinha a impressão que ninguém tinha coragem de não pagar.

Além das compras que ela trazia do mercado, a mestra plantava uma pequena horta e sempre tinham legumes frescos. E a água Pataji trazia com baldes a partir de um poço que ficava bem mais embaixo de onde elas estavam.

Seria impossível ter água no meio do vulcão, mas quando chovia, diversos baldes recolhiam e estocavam esta água.

O dia a dia de Pataji não variava muito. Ela acordava cedo, comia algumas frutas, arrumava um pouco a casa e ia buscar água. Após o almoço, começavam seus treinamentos para a profissão de bruxa.

A mestra a ensinou o grande poder das plantas. Descendo pela encosta norte do Vesúvio, uma pequena floresta fornecia toda a matéria prima necessária.

Pataji aprendeu a reconhecer frutos comestíveis dos venenosos. Os venenosos nunca tinham picadas de pássaros ou áreas devoradas por formigas.

A mestra também criava e a ensinou a fazer emplastos para machucados, perfumes ambientais, temperos e dezenas de outros itens, todos utilizando ervas.

Pataji se esforçava como aluna. Cada aprendizado era mais uma lição de como se virar sozinha neste mundo.

Mas a parte mais interessante eram as magias que ela via a mestra fazendo. Ela tinha uma varinha que conseguia fazer coisas que a maioria das pessoas não acreditariam. Pataji não podia mexer com isto, mas sempre admirava o resultado.

Grandes clarões, controle de animais, fazer chover e ventar, saber se alguém estava se aproximando. Tudo era tão inacreditável e muito legal.

Um dia a tarde, após a sua série de treinamentos, a mestra veio em sua direção e falou:

- Pataji, você é uma excelente aluna. Aprende rápido e se esforça.

Pataji ficou tímida com aquele elogio, mas não quis demonstrar.

- Eu só faço o quê a senhora manda – respondeu a menina – É o mínimo que posso fazer por me acolher e cuidar de mim quando ninguém mais queria.

- Não se preocupe – disse a bruxa – Se eu não tivesse você, todos os meus segredos se perderiam para sempre. Eu preciso deixar uma sucessora.

- Deixe de besteiras, mestra – disse Pataji – A senhora vai viver muito ainda.

- Mas não para sempre, minha querida – respondeu de forma melancólica – Mas isto não importa agora, eu vim aqui te falar outra coisa.

- Pode dizer – respondeu a menina, prestando atenção.

- Se você quer ser uma bruxa de respeito, tem que ter um nome que evoque isto. Pataji é muito inocente e bonitinho – disse a bruxa.

- Bom, já que a senhora tocou no assunto, eu queria te dizer uma coisa – respondeu a menina meia sem graça.

- E o quê seria? – perguntou a Bruxa.

- Eu não queria ter o nome de “bruxa”. Pelo que li (a mestra havia ensinado), as pessoas não as respeitam e sim perseguem. Desde a caça as bruxas da época medieval. – disse Pataji timidamente.

- Essa é boa – respondeu a bruxa, com certo desdém – E qual nome você quer usar?

- O bruxo mais respeitado da história foi o Mago Merlin – explicou a menina com a cabeça baixa – Então eu queria usar o nome “Maga”.
- Que gracinha. E você acha que Maga Pataji evoca respeito? - perguntou a bruxa.
- Não, mas eu poderia mudar o nome também – respondeu a menina.
- Hmmm. O problema é que o nome Pataji é muito bonitinho. Para ser uma bruxa de respeito, o nome teria que ser mais altivo, ter mais lógica. – respondeu a bruxa, pensando a respeito.
- Lógica, lógica... É isto – disse a bruxa – Que tal Maga Pata-Lógica?
- Maga Pata-Logica? – disse a menina – Parece esquisito, mas é legal.
- Então está decidido – respondeu a bruxa – E você altera a forma de escrever e ficará mais bonito ainda. Seu novo nome será Maga Patalójika.
- Gostei – disse a menina – Hoje a pobre, ingênua e sofrida Pataji sumiu. E em seu lugar, surgiu uma nova mulher, Maga Patalójika.
- Com este nome pomposo e seu talento, esta menina vai longe – pensou a bruxa.

E ela tinha razão. No futuro, o mundo todo ouviria falar dos feitos da terrível feiticeira Maga Patalójika.

## **Há 20 anos...**

A feiticeira adolescente estava na pequena floresta recolhendo ervas e raízes.

Como sempre, cumpriria sua obrigação antes de retornar a cabana. Um pequeno cesto em seu braço direito estava cheio e seria esvaziado para ela poder levar as ervas pedidas pela mestra.

Chegando próxima as árvores, a feiticeira descobre o cesto e começa a realizar seu trabalho.

Migalhas de pão para os pássaros e sementes e restos de frutas para os esquilos. Este era o conteúdo do cesto.

Maga Patalójika sempre vinha alimentar os animais. E eles a reconheciam e corriam em sua direção.

Após esvaziar o cesto, ela ainda ficava vendo os bichinhos comerem. Alguns chegavam bem perto e ela conseguia tocar rapidamente com um carinho.

Os animais sempre foram seus únicos amigos. Agora que a vida lhe havia sorrido, nada mais justo que dividir um pouquinho com quem sempre lhe aceitou. Maga considerava sua mestra uma mãe, mas os bichinhos ainda eram seus únicos amigos.

Terminando a comida, a maioria voltava para suas tocas, árvores ou casas. Agora Maga poderia cumprir suas obrigações.

Enquanto recolhia as ervas, ouviu um piado bem baixinho a certa distância. Parou o quê estava fazendo e seguiu em direção ao som. Se agachando, viu um filhote de passarinho no chão.

- Tadinho, caiu do ninho – pensou Maga.

Ela o recolheu com todo o cuidado, subiu na árvore em frente e recolocou-o em seu lugar.

- Não saia mais daí, amiguinho – disse a feiticeira.

Após salvar o passarinho, Maga voltou a seu trabalho. Recolheu raízes, ervas e alguns frutos.

Confirmando que não havia esquecido nada, ela se pôs a caminho da cabana. Ficava imaginando quando voltaria para ver seus bichinhos queridos.

Chegando, sua mestra estava lá fora esperando por ela.

- Que demora Maga – resmungou a bruxa.

- Desculpe mestra – respondeu prontamente – Eu estava alimentando meus amigos.

- Vocês e estes bichos – reclamou a bruxa – Como você quer ser poderosa e temida desta forma?

- Eu quero ser temida pelos homens que nunca me ajudaram, não pelos animais – respondeu Maga.

- Eu sei – comentou a bruxa, conformada – Não quero discutir com você. Pode continuar alimentando seus “amigos”.

- Obrigada mestra – disse a feiticeira.

- Bela aprendiz – pensou a bruxa entrando na cabana, balançando a cabeça.

Mas Maga não se importava. Os bichinhos sempre foram seus amigos e continuariam sendo. E ela nunca faria mal a eles.

## **Há 9 anos...**

Maga Patalójika estava levando um prato de legumes cozidos para sua mestra.

Nos últimos dias ela estava um pouco doente, só deitada e com uma aparência abatida.

Maga não tinha certeza da idade dela, mas devia ser bem avançada. Mesmo com a pele do rosto bonita e a aparência jovem garantida pelas poções e cremes, algumas manchas e rugas aprofundadas nos punhos e pescoço indicavam sua idade real.

Não que a mestra um dia tenha contado sua idade. Mas aparentemente, desde que recolheu a pobre Pataji das ruas a dezessete anos atrás, ela já tinha medo da idade avançada. E hoje Maga Patalójika era uma mulher de vinte e sete anos.

- Com licença mestra, posso entrar? – perguntou Maga de frente a porta.

- Claro querida – respondeu a bruxa com uma voz cansada.

- Eu trouxe um prato de legumes – disse a feiticeira.

- Obrigada, pode deixar em cima da mesinha – pediu a bruxa.

Maga estava com pena de sua mestra. Aquela mulher tão ativa e independente estava prostrada em uma cama na sua frente.

- Existe algo que eu posso fazer pela senhora? – perguntou a Maga.

- Não querida. Meu problema é velhice – respondeu a bruxa.

- Mas eu queria aproveitar que está aqui para te contar uma história que você não conhece – disse a bruxa, aparentemente mais animada.

Maga ficou feliz. Fazia muitos anos que a mestra não lhe contava uma história. Ela lembrava-se dos heróis como Hércules e Ulisses e dos deuses da mitologia como Zeus, Hades, Apolo e tantos outros.

Ela aproximou-se da cama e sentou-se em uma cadeira.

A bruxa se ajeitou melhor e começou a narrativa:

- Há quase três mil anos, existia um rei chamado Midas.

- Um dia os servos do palácio levaram a presença deste rei um velho bêbado de nome Sileno. O rei o reconheceu como mestre de Baco, o deus do vinho. Sabendo quem o velho era, Midas tratou Sileno muito bem por dez dias, até levá-lo para seu filho Baco no décimo primeiro dia.

- Muito feliz pela atitude do rei, Baco permitiu que ele escolhesse qualquer recompensa que quisesse. O rei sem pensar, pediu que tudo que ele tocasse deveria virar ouro. Baco atendeu ao pedido preocupado.

- Midas voltou feliz ao palácio, tocando em pedras, gravetos e até terra. Tudo virava ouro em suas mãos.

- Chegando ao palácio, pediu uma suntuosa refeição. Com grande terror, descobriu que a comida e o vinho viravam ouro antes dele comer. Tentou abraçar sua filha e ela virou uma estátua de ouro.

- Midas implorou para Baco retirar o dom. Com benevolência, o deus do vinho ordenou que ele mergulhasse em água corrente tudo que havia transformado em ouro, para que voltassem ao normal. O rei obedeceu, conseguiu se livrar do dom e teve sua filha de volta.

- O quê acha querida? - perguntou a bruxa.

- Muito legal – respondeu Maga – Mas por que a senhora está me contando esta história?

- Já vai saber. Pegue um pequeno baú que está embaixo de minha cama – pediu a bruxa.

Maga se abaixou e encontrou um pequeno baú de madeira fechado. Não existia cadeado, apenas a própria tampa. Era um pouco pesado e ela o colocou em cima da cama.

- Agora outra história – disse a bruxa.

- O rei Midas continuou sua vida normalmente sem o dom de Baco. Mas um pouco da magia que foi colocada em seu corpo permaneceu lá para sempre.

- Este rei teve diversos descendentes e a magia foi repassada a todos eles. Em doses pequeníssimas.

- Até hoje, os descendentes de Midas estão entre nós. São as pessoas que transformam em ouro tudo que tocam. Os negócios avançam e o dinheiro se multiplica. São os chamados milionários.

- E que tal esta parte? – perguntou a bruxa.

- A senhora quer dizer que os milionários têm um pouco do toque de Midas dentro deles? – espanta-se a feiticeira.

- Sim. E segundo meus estudos, toda vez que um destes descendentes toca em algo de metal, que é o material mais próximo do ouro, um pouco da magia de Baco passa para ele – respondeu a bruxa.

- E se conseguíssemos cinquenta peças de milionários diferentes, poderíamos fundir o metal em um amuleto que teria uma porção da magia suficiente para ser utilizada pelo portador – concluiu.

- Então se pegarmos cinquenta moedas de milionários diferentes, poderíamos ser ricas com esta magia? – perguntou Maga mais interessada ainda.

- Sim. Mas eu não consegui – respondeu a bruxa – Abra o baú que você pegou.

Maga levantou a tampa do pequeno baú. Seu conteúdo se revelou, sendo várias moedas.

- Eu consegui trinta e oito moedas de milionários diferentes. Para conseguir o amuleto, faltam doze. E eu não tenho mais forças para consegui-las – disse a bruxa.

Finalmente Maga entendeu por que sua mestra as vezes se ausentava por meses da cabana. Estava correndo o mundo atrás destas moedas. E ela a conhecia o suficiente para saber que não era brincadeira.

- E a senhora quer me passar esta missão? Que eu encontre estas doze moedas e nos deixe ricas? – perguntou Maga muito animada.

- Mais ou menos – respondeu a bruxa com uma voz cansada – Mas não ache que será fácil. Você não imagina tudo que eu passei para conseguir estas moedas. E no fundo do baú tem a lista dos donos destas, para você não ir atrás de uma repetida.

- Pode contar comigo mestra. Nós vamos planejar tudo e escolher os milionários. Eu vou conseguir as moedas. Farei isto pela senhora, como um agradecimento por tudo que já fez por mim – disse Maga com toda a sinceridade.

- Claro querida. Agora me deixe sozinha que eu preciso descansar – pediu a bruxa.

- Sim, sim. Eu vou guardar o baú de volta no local e já vou sair – falou a feiticeira.

Após guardar o baú no local, Maga Patalójika sai do quarto de sua mestra, imaginando tudo que faria quando fosse rica:

- Eu vou comprar uma casa decente para a mestra e ela vai ter uma enfermeira para cuidar dela...

A bruxa havia ficado sozinha. Ela havia contado tudo para Maga, exceto que não estaria lá para ajuda-la nesta jornada ou mesmo para aproveitar as riquezas que ela conquistasse.

Além do baú de moedas, Maga receberia sua varinha de magias, que estava em cima da cama em sua mão.

O cansaço das décadas estava cobrando seu preço e a bruxa sentia que tudo acabaria muito em breve.

Em seguida, ela se ajeitou na cama e adormeceu.

Duas horas depois e com toda a tranquilidade, a bruxa exalaria seu último suspiro.



## Há 6 anos...

Maga Patalójika já havia se decidido.

Ela estava sozinha a três anos, desde a morte de sua mestra. No dia mais triste de sua vida, Maga encontrou-a no quarto quando foi levar um copo de água pela manhã.

Maga se desesperou quando percebeu estar sozinha. A bruxa havia deixado tudo para ela, inclusive sua varinha de magias, que ela nunca foi autorizada a tocar.

Após algum tempo de choro e indecisão, Maga concluiu que não poderia abandonar sua mestra daquele jeito. Ela a enrolou em um lençol e com muita dificuldade a levou para a floresta que ela tanto gostava.

Chegando lá, demorou várias horas para cavar uma sepultura funda o bastante para que sua mestra descansasse em paz. Não fez qualquer marca ou cruz, para evitar que alguém da cidade a encontrasse. Mas ela sabia o local exato para visita-la quando quisesse.

Os dias seguintes foram tristes. Maga não tinha vontade de comer, sair de casa, arrumar suas poções e ervas ou qualquer outra atividade. Sem ela saber, estavam aparecendo os primeiros indícios de uma tendência depressiva muito intensa.

Ela não via sentido em nada. Após tantos anos lutando, sua mestra morreu sem conseguir realizar seu objetivo. E havia deixado Maga sozinha contra o mundo.

O objetivo da bruxa sempre foi este. Mas por mais que soubesse, Maga não conseguia aceitar. Estava tão perdida como quando foi encontrada naquele beco sujo.

Passados alguns meses, Maga começou a reagir devagar. Preparava novas fórmulas, ia atrás de clientes e guardava o dinheiro, pois poderia ser útil um dia. Os animais da floresta continuavam recebendo suas visitas.

Após um ano sozinha, Maga provou seu talento melhorando e muito as receitas da mestra. Agora o número de clientes crescia a cada dia, principalmente para as poções do amor. Maga estava ganhando muito, mas não tinha com o quê gastar.

A tristeza continuava, mas uma força invisível a empurrava para frente sem descanso.

Passado mais um ano, a fama da curandeira e feiticeira Maga Patalójika já havia saído de seu antigo povoado, chegando a Nápoles e outras cidades. Ela recebia visitas de muito longe atrás de suas poções “milagrosas”.

A bruxa teria ficado orgulhosa. Além de aprender e melhorar tudo, Maga se saia muito bem comercialmente, aumentando o preço de acordo com a demanda.

Passados mais seis meses, a feiticeira mudou o foco de sua atenção.

Como estava ganhando muito dinheiro e poderia bancar várias viagens, começou a pensar que já era hora de se planejar. Conforme prometeu a sua mestra, ela iria concluir o amuleto e ficaria rica. Ela aproveitaria todo o esforço dela, sendo uma pessoa feliz e sem preocupações.

Durante os meses seguintes, além do trabalho normal, a feiticeira estudou os milionários do mundo para analisar a viabilidade de conseguir as moedas. Não devia ser nada tão difícil, ela pensava erroneamente.

Hoje, ela estava com as malas prontas para iniciar sua jornada.

Depois de muito estudo, a feiticeira estava com a lista de doze milionários que ela visitaria para conseguir as suas moedas:

- |                                |                                   |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| - <b>Banqueiro Bufunfa</b>     | (Paris / França)                  |
| - <b>Duque Di Balela</b>       | (Amsterdã / Holanda)              |
| - <b>Lord Leitão</b>           | (Londres / Reino Unido)           |
| - <b>Banqueiro Spaguetti</b>   | (Milão / Itália)                  |
| - <b>Marajá do Longistão</b>   | (Longistão / Índia)               |
| - <b>Maraja de Ramadutra</b>   | (Ramadutra / Paquistão)           |
| - <b>Maraja do Olhistão</b>    | (Olhistão / Paquistão)            |
| - <b>Pão-Duro Mac Mônei</b>    | (Vale do Limpopo / África do Sul) |
| - <b>Álvaro Ferradura</b>      | (Washington / Estados Unidos)     |
| - <b>Longilíneo Trepadeira</b> | (Texas / Estados Unidos)          |
| - <b>John Patacôncio</b>       | (Patópolis / Estados Unidos)      |
| - <b>Patinhas MacPatinhas</b>  | (Patópolis / Estados Unidos)      |

A feiticeira seguiria esta ordem, para aproveitar datas de embarque e climas de acordo com a região.

Estes milionários eram os que mais se aproximavam do necessário, pois seus negócios andavam em alta e ganhavam cada vez mais dinheiro.

Como estava na Europa, Maga Patalojika começaria com viagens curtas em países próximos. Voltaria para casa, ganharia mais dinheiro e recomeçaria a busca em países mais longínquos.

Ela imaginava que em alguns meses, teria cumprido seu objetivo. Na realidade seriam dois anos até conseguir onze moedas e chegar ao último.

Seguindo até o povoado, conseguiu um táxi que a levaria até o aeroporto mais próximo, que ficava a setenta quilômetros de sua cabana.

Após uma breve viagem, chegara ao seu destino.

Desceu do táxi e seguiu para o terminal de voos internacionais. Fez o check-in e acessou a área de embarque. Após passar pela alfândega foi até o local de espera do portão 05.

Maga também devia a sua mestra a possibilidade de fazer esta viagem. Sem ela saber, a bruxa a tinha adotado legalmente e tirado todos os seus documentos, inclusive o passaporte. Maga os encontrou enquanto arrumava o quarto da bruxa.

Sentada, ficou imaginando o quanto seria legal conhecer o mundo.

- Voo FRJA-421 com destino a Paris, França. Embarque imediato no portão 05 – falou uma voz que ressoava no aeroporto.

Maga levantou-se e seguiu até o portão. Exibiu a passagem, entrou no avião e acomodou-se na poltrona numerada.

Após cerca de trinta minutos, o avião taxiou na pista e posicionou-se na cabeceira.

- Senhores passageiros, aqui fala o comandante – foi a voz que ela ouviu no avião. Maga gostava de tudo que ocorria naquele dia. – Por favor apertem os cintos e se preparem para a decolagem. Assim que alcançarmos a altitude de cruzeiro, eu informarei as condições climáticas. É um prazer recebe-los em nossa companhia.

O avião começou a correr. Foi cada vez mais rápido até que conseguiu sua sustentação aerodinâmica e venceu a gravidade.

Maga Patalójika estava fascinada. Quem diria que aquele monstro metálico voava tão fácil.

Ela também estava feliz. Após encontrar-se com doze milionários, teria o poder do toque de Midas, tornando-se rica e feliz.

Infelizmente, as únicas recompensas pela sua busca incansável seriam humilhações, frustrações e ao final, depressão.

## Capítulo 08

# Tranquilidade

*"Não é merecedor do favo de mel aquele que evita a colmeia  
porque as abelhas têm ferrões."  
William Shakespeare*

## Há 24 meses...

Patinhas estava sentando tranquilamente no sofá da sala.

O clima nesta época do ano em Vancouver estava menos frio do que o habitual. O aquecedor não estava ligado e ele não necessitava de muitos agasalhos. No inverno de verdade, a cidade praticamente congelava.

Sendo um final de semana, seus únicos dias de descanso, ele podia se dar ao luxo de parar um pouco.

Seu trabalho consistia em gerenciar fusões e aquisições de empresas. As vezes era fácil com apenas a junção das operações e sistemas, as vezes era difícil pois tinha que cortar quase todo mundo da empresa adquirida.

No início ele se sentia muito mal em demitir centenas ou milhares de funcionários. Hoje, sabia que a culpa não era dele e que eles saíam de qualquer forma. O melhor que podia ser feito era oferecer um PDV (Programa de demissão voluntária) com vários benefícios e auxílios para quem aderisse.

Claro que Patinhas não era exatamente bem visto pela grande maioria dos demitidos. Na região, seu apelido era “foice”.

Mas no seu raro período de descanso, isto não fazia diferença. Apenas o sossego e o conforto de sua casa eram importantes no momento.

Sem ter nada para fazer, Patinhas começou a pensar longe.

Como sempre, seu primeiro pensamento foi para a mãe que ele quase não via. Mesmo assim, sentia um grande carinho por ela. Convites para morar com ele não faltavam, mas ela sempre preferiu se manter naquele fim de mundo.

Em algumas ocasiões especiais, ela vinha visita-lo e havia uma pequena reunião de família com ele e sua tia que morava próxima.

A última havia sido no Natal. Patinhas comprou o maior peru que conseguiu e montou uma ceia farta para receber sua mãe. Ela estava acostumada a comer bem, então ele não ousaria fazer menos que isto.

Sua tia (e mãe de criação) era bem mais simples pessoalmente. Apesar de ser irmã de sua mãe, a personalidade de ambas eram totalmente diferentes.

Ele nunca havia entendido exatamente o motivo que levou sua mãe a deixa-lo com sua tia. E ela não gostava de falar sobre isto. O máximo que conseguiu arrancar foi que seria muito difícil cria-lo no ambiente em que ela vivia.

Deveria ser mesmo. Uma mulher conviver com dezenas de mineiros rudes, sujos e procurando ouro não devia ser nada agradável. Como sócia do salloon da cidade de Dawson e uma das principais artistas, seu tempo era curto.

Outro detalhe que o incomodava era a ausência de informações sobre seu pai. Todas as vezes que Patinhas tocava no assunto, ela se esquivava. E se insistisse, o nervosismo era imenso.

Ele até chegou a pensar na possibilidade de sua mãe ter sido forçada. Afinal, como poderia confiar em um mineiro? Mas preferia não pensar muito nisto. Se fosse verdade, sua mãe o manteve apenas por amor, mesmo sua origem vir de um ato tão hediondo.

Qual seria outro motivo para sua mãe nem citar seu pai? Era melhor deixar para lá.

Já a tia sempre o tratou muito bem. Patinhas brincou muito, se divertiu, foi para a escola, formou-se e começou a gerenciar empresas. Com um faro incrível para negócios, especializou-se na fusão de empresas. E como o resultado sempre foi satisfatório, sua comissão normalmente era bem alta.

Ele vivia razoavelmente bem. Mas mesmo ganhando tanto, não fazia questão de ter nenhum luxo. A maioria dos seus trocados era guardada no banco, pois ele sempre foi econômico. Alguns amigos o definiam como pão-duro.

Patinhas já estava cansado de não fazer nada. Pegou o controle remoto e ligou a televisão aleatoriamente. Estava em um canal de notícias.

- ...todos os eventos dos últimos sete dias que ficaram conhecidos como “Incidente Patópolis” terminaram. Após a devastação da cidade, agora o que vemos é uma autêntica praça de guerra – falava uma repórter rapidamente com muitos escombros ao fundo.

Patinhas havia ouvido falar do Incidente Patópolis. Foram tantas ocorrências durante uma semana, que o mundo inteiro se interessou. Ele não havia acompanhado todos os detalhes, mas realmente ocorreram coisas bem estranhas naqueles dias.

- A Guarda Nacional e a Cruz Vermelha estimam as vítimas fatais em centenas. Grande parte da cidade havia sido evacuada durante os primeiros dias, mas muitos habitantes permaneciam em suas casas.

- O Presidente decretou luto oficial de três dias. O Governador está nos acampamentos de refugiados para dar apoio à população. Entre os desaparecidos, está o famoso...

Patinhas desligou a TV. Para um dia de descanso, estas notícias tristes eram bem incômodas.

- Pobre povo desta cidade – pensou ele – Mas não posso ajudar.

Ele seguiu até a cozinha, abriu a geladeira e retirou uma caixa de suco de uva. Era uma de suas bebidas favoritas. Serviu-se de um copo e retornou a sala.

Sentando-se no sofá, Patinhas pensava em como sua vida era boa.

Repentinamente, o telefone tocou.

Ele levantou-se rapidamente e atendeu no terceiro toque.

- Alô? – disse Patinhas.

- Oi filho – falou sua mãe do outro lado da linha.

- Mãe. A quanto tempo – disse Patinhas com satisfação.

- Eu sei, eu sei. Deixa eu te falar uma coisa. Eu estou no aeroporto de Vancouver. Acabei de sair da área de desembarque – disse sua mãe rapidamente.

- O quê? Como assim? – falou Patinhas muito surpreso.

- Eu estou em Vancouver e estou indo te ver – respondeu a mãe.

Patinhas não estava entendendo nada. Ela nunca aparecia para visita-lo e agora surgia de surpresa?

- Eu vou busca-la no aeroporto então – ofereceu Patinhas.

- Esqueça filho. Até você chegar aqui e já estarei aí – ela respondeu.

- Tudo bem, mas a senhora nunca me visitou de surpresa. O quê aconteceu? – questionou Patinhas preocupado.

- Fique tranquilo, não é nada sobre saúde ou sobre mim. Não aconteceu nada – respondeu a mãe.

- Como não aconteceu nada? Me diga por que está aqui – insistiu Patinhas irritado.

- Eu preciso conversar com você, apenas isto. E estou indo para sua casa – foi a resposta.

- Pode vir, mas me diga o assunto – insistiu de novo.

- Eu te digo aí, filho – ela respondeu um pouco constrangida.

- Não. Diga agora. A senhora aparece de surpresa e quer que eu fique louco de preocupação até que você consiga chegar aqui? Sobre o quê é? – insistiu já nervoso.

- Tá bom, filho. Eu preciso falar com você sobre o seu pai – ela disse finalmente.

Silêncio.

- Quando chegar eu lhe contarei tudo. Até mais tarde – ela disse, desligando o telefone.

Patinhas estava congelado, com o telefone no ouvido. Após alguns segundos, conseguiu recolocar o fone no gancho.

Ele andou até o sofá e sentou-se. Não estava falando ou pensando em nada.

Nas centenas de vezes que Patinhas perguntou sobre seu pai, a resposta sempre foi vaga ou nervosa. E agora ela aparece de surpresa dizendo que precisa falar sobre isto?

Não fazia sentido. Mas ele a aguardaria e tentaria entender tudo.

Sem saber, este dia havia sido o último de sua vida com uma dose razoável de tranquilidade. Após a visita de sua mãe, a vida de Patinhas Cintilante nunca mais seria a mesma.



# Capítulo 09

## Incidente

***"Somos moldados e guiados pelo que amamos."  
Johann Wolfgang Von Goethe***

## Há 24 meses...

Tio Patinhas estava na sala de preocupações da caixa forte. O ato de andar em círculos criou um caminho fundo no chão, como se fosse uma trilha.

De tão preocupado, não percebeu Donald e seus sobrinhos se aproximando.

- Oi tio – falou Donald.

- Ah? Olá Donald – respondeu tio Patinhas.

- Por que o senhor está tão preocupado hoje? – perguntou Huguinho.

- Eu estou a vários dias sem notícias dos meus espiões que vigiavam Maga Patalójika – respondeu um pouco angustiado.

- Eles podem ter desistido – arriscou Zezinho.

- É. Ou ela pode ter dado cabo deles – respondeu tio Patinhas irritado.

- Mas o senhor acha que ela chegaria a tanto? – perguntou Luisinho.

- Não sei. Ela abandonou o médico e a terapia para a depressão – foi a resposta, enquanto continuava a andar.

- Como o senhor sabe? – perguntou Donald espantado.

- Não importa. Deixem-me ficar preocupado em paz. – respondeu tio Patinhas, passando a ignorá-los.

Donald e os trigêmeos acharam que ele estava exagerando. Decidiram sair da caixa forte e deixá-lo sozinho.

Tio Patinhas tinha toda a razão para ficar preocupado. Longe dali, no aeroporto, a feiticeira acabara de desembarcar do avião.

Maga Patalójika não tinha qualquer bagagem. Somente sua bolsa com documentos, dinheiro e a varinha negra.

Ela saiu do aeroporto, pegou um táxi e pediu para se deixada nos limites da cidade, perto do acesso a Floresta Negra. A direita deste acesso, existia a trilha que levava ao monte Patus, de onde se tinha uma visão completa da cidade.

Após sair do taxi, começou a procurar. A feiticeira precisava de um quartel general.

Após olhar algumas casas, encontrou uma fechada. O dono devia estar viajando ou algo parecido. Ela deu a volta até os fundos da casa, retirou a varinha e com um pequeno movimento, derreteu a fechadura da porta com o poder de Hefesto \*.

*\* deus grego do Fogo, Metalurgia e Vulcões*

Se o dono voltasse nos próximos dias, o azar seria dele. Ninguém ficaria no caminho de Maga e sua vingança.

Dentro da casa, Maga Patalójika encontrou na cozinha diversos enlatados e algumas garrafas de água. Pelo menos a parte de alimentação estava garantida. Chegando na sala, viu o telefone.

- Perfeito – pensou ela.

A feiticeira pegou o telefone e discou 102.

- Informações – disse a voz.

- Ligue-me com o escritório de Patinhas MacPatinhas – pediu a feiticeira.

Tio Patinhas estava na sala de preocupações andando sem parar. De lá, escutou o telefone tocando. Pensou em ignorar, mas preferiu se distrair um pouco.

Andando até a mesa, atendeu:

- Sim?

- Ligação para o senhor, uma tal de Patalójika – disse a secretária Cotinha.

- Pode passar – respondeu ele com o coração acelerado.

- Olá muquirana – foi a frase ouvida, com uma voz rouca e estranha.

- Maga, onde estão meus espiões? – perguntou tio Patinhas rapidamente.

- Ah, eles? – respondeu a feiticeira – Estão em vários locais. Mas em forma de cinzas.

- Você não fez isto – retrucou tio Patinhas começando a se assustar.

- Não? Pense como quiser – foi a resposta sarcástica – Eu só estou ligando para avisar que a partir de amanhã cedo, você pode se preparar para sofrer. Eu não vou te atacar, apenas a sua querida cidade. E você não poderá fazer nada. Não será uma ótima sensação?

- Maga... – começou a falar tio Patinhas, um pouco antes de ela desligar.

- Esta louca não pode ter feito isto. E agora está aqui? – pensou tio Patinhas.

A feiticeira desligou o telefone e se preparou para descansar. Amanhã seria um grande dia, quando o maldito muquirana iria começar a pagar por toda a infelicidade que trouxe a ela.

Com estes pensamentos confortantes, Maga Patalójika deitou-se no sofá e adormeceu.

## **Há 24 meses, primeiro dia do Incidente...**

O dia amanhece em Patópolis.

Todos os seus habitantes levavam sua vida normalmente, seguindo para o trabalho ou realizando suas atividades corriqueiras.

Tio Patinhas não tinha dormido. Estava sentado na cadeira do escritório aguardando o ataque prometido.

Maga Patalójika acordou na casa invadida. Seguiu até o banheiro, lavou o rosto e engoliu água da própria torneira. Andou até a janela de sala e começou a pensar qual seria o alvo. A distância, enxergou a gigante estátua do fundador da cidade.

- Ali mesmo – pensou ela.

A feiticeira pegou sua varinha, se concentrou com o poder de Chronos \* e Athena \*\* e apontou em direção a estátua.

*\* deus Grego do tempo e pai de Zeus.*

*\*\* deusa Grega da guerra.*

Ao redor do monumento Cornélio Patus, diversos prédios de escritórios seguiam a sua rotina. As pessoas andavam na rua apressadas naquela manhã.

De repente, um barulho intenso que se aproximava começou. As pessoas olharam para cima e viram diversos meteoritos vindo em direção a estátua. O pânico tomou conta das ruas, com todos correndo para o mais longe possível.

Cerca de dois minutos depois, a estátua foi bombardeada. Uma sequência de oito meteoros do tamanho de geladeiras a atingiram em cheio. A cada golpe, uma parte da estátua caía. Ao final, apenas o pedestal do arquivo histórico estava de pé.

As ruas ao redor ficaram vazias, evitando muitas mortes. Já os carros, ônibus e demais itens existentes não tiveram a mesma sorte. Três quarteirões ao redor da estátua foram destruídos, junto com alguns desafortunados que não tiveram tempo de fugir.

Tio Patinhas escutou o barulho da estátua sendo atingida. Correu até a janela e teve tempo de ver o maior pedaço do monumento indo ao chão.

Imaginou quantas pessoas teriam morrido neste ataque. Mas o pior era saber que ela só estava começando.

Maga Patalójika assistiu a estátua caindo. Pelo menos a paisagem estava livre daquele monstro de concreto. O próximo alvo já tinha sido escolhido.

Estudando os mapas detalhados de Patópolis, ela decidiu queimar a área industrial, que era feia e poluía tudo.

Pegou sua varinha e concentrando-se novamente com o poder de Hefesto criou diversas bolinhas de fogo. Apontou para o local onde ficavam as fábricas.

Estas pequenas bolinhas cresceram a medida que voavam em direção ao alvo. Chegando as fábricas, caíram nos telhados e iniciaram incêndios.

Os alarmes tocaram em grande parte da área industrial. Os funcionários foram orientados a evacuar os prédios ao mesmo tempo em que os bombeiros foram chamados.

A partir da colina Mata Motor, tio Patinhas tinha uma visão privilegiada da cidade. A distância ele conseguia ver o clarão do incêndio na área industrial.

- Só pode ser ela de novo – pensou tio Patinhas.

Ele estava pensando em como resolver isto, quando o telefone tocou de novo. Ele correu e atendeu.

- Alô?

- Olá velho – era a voz dela novamente.

- Maga, por favor. Não faça mais nada, é a mim que você quer – implorou tio Patinhas.

- Pode ter certeza. Mas não quero que nada aconteça com você, senão minha vingança será muito rápida – respondeu a feiticeira.

- Você está matando inocentes só para me atingir – falou tio Patinhas.

- Inocentes? – falou a feiticeira rindo – Ninguém é inocente. Eu derrubei uma estátua construída pela sua vaidade e queimei fábricas poluentes e barulhentas. E ainda tive a benevolência de atacar devagar para as pessoas fugirem. Se alguém não conseguiu, azar.

Era o quê tio Patinhas temia. Ela só estava brincando com ele. Poderia ter dizimado tudo em segundos e matado centenas, mas havia permitido a fuga da maioria.

- Calma Maga, vamos conversar – pediu Tio Patinhas.

- Conversar? Claro que vamos, mas não agora – respondeu a feiticeira desligando.

Tio Patinhas suspirou - O quê vai acontecer se ela resolver atacar para valer? – foi o pensamento que o atormentaria o resto do dia.

Em sua casa, Donald estava dormindo quando a estátua caiu. O estrondo chegou a acordá-lo, mas ele voltaria a dormir em seguida. Seus sobrinhos ouviram o som, mas não souberam identificar de onde vinha.

A feiticeira estava satisfeita. Iria acuar o muquirana alguns dias, assustá-lo e ao final pegaria a moeda. E dependendo de seu humor, o mataria para finalizar sua vingança.

Ninguém a impediria de cumprir seus objetivos. Ela iria embora daquela cidade e teria paz.

Com este pensamento, seguiu até a cozinha para comer alguma coisa.

### **Há 24 meses, segundo dia do incidente...**

- No ar – gritou o câmara que apontava para a repórter em frente aos destroços da estátua.

- Brígida da TV Patópolis, canal 116 – começou a falar a pata alta e loira de 22 anos que havia estreado no telejornalismo ha uma semana atrás.

- Estamos aqui em frente do que podemos definir como a antiga estátua de nosso fundador. Ontem vários meteoros caíram do céu e derrubaram um dos maiores símbolos de nossa cidade. Os paramédicos ainda estão na dúvida do número de vítimas, pois existem muitas soterradas.

A repórter tinha como fundo os destroços, mas era possível ver a movimentação das ambulâncias.

- O observatório de Patópolis não consegue explicar esta queda de meteoros. O sistema de monitoramento não acusava nada para os próximos dias.

- Mas vamos falar agora com Carlito, que está ao vivo no local do grande incêndio. É com você, Carlito – finalizou a repórter.

- Obrigado Brígida – começou o repórter.

- Atrás de onde estou, podemos ver os restos do grande incêndio que começou ontem em seis locais simultaneamente. A maior parte da área industrial foi evacuada e estima-se nenhuma vítima fatal.

- Felizmente o incêndio começou pequeno, permitindo a fuga dos funcionários. Os bombeiros e a defesa civil não souberam explicar o motivo do fogo e preferem esperar o resultado da perícia para se manifestarem.

- É com você, Brígida – terminou o repórter.

- Obrigada Carlito – retomou Brigida.

- Em nota a imprensa, o prefeito não quis gravar uma entrevista. Ele citou que o mais importante agora era salvar as vítimas. Estes dois incidentes isolados ocorreram quase na sequência...

Havia sido a primeira citação a palavra “incidente”.

- Estaremos acompanhando de perto o trabalho de resgate... – continuou a repórter.

Tio Patinhas desligou a TV. Ele sabia que a feiticeira não havia acabado.

Por mais que ele tenha tentado, não conseguiu ajuda-la. Os médicos o avisaram que ela podia ter um surto a qualquer momento. Se ao menos ela o ouvisse.

Maga Patalójika estava sentada no sofá. Já era hora do segundo ataque. Ela se levantou, pegou a varinha e se concentrou de novo com o poder de Hefesto, Zeus \* e Boréas \*\*.

*\* deus Grego dos trovões e tempestades*

*\*\* deus grego do vento*

Novas bolinhas de fogo se formaram no alto da casa e voaram em direção ao centro da cidade. Desta vez, os incêndios começaram no alto de alguns prédios. Assim que o alarme tocou, as pessoas saíram pelas escadas de emergência.

No aeroporto de Patópolis, repentinamente nuvens fecharam o tempo e começou uma violenta tempestade elétrica. Todos os voos foram adiados e os aviões que se aproximavam foram redirecionados para Gansópolis.

Finalmente, um vendaval muito forte castigou toda a cidade. As pessoas viram roupas e lixo voando em todas as direções. Os ventos de mais de 80 Km/hora eram um grande incômodo, mas não causaram nenhum desastre.

Após estas pequenas brincadeiras, a feiticeira ligou novamente para o tio Patinhas.

No segundo toque, ele atendeu.

- Que prazer falar com você, muquirana – disse a feiticeira.

- Maga, precisamos conversar. Por favor me dê uma chance de falar com você – foi a resposta.

- Claro meu amigo. Mas ainda é muito cedo – a feiticeira respondeu de forma amigável – Hoje foi fogo, vento e trovões. Amanhã uma chuvinha vai limpar a cidade, tá bom?

- Maga você precisa parar enquanto é tempo – implorou o tio Patinhas.

- Quem sabe depois de amanhã, muquirana? – foi a resposta um pouco antes de desligar o telefone.

- O velho está ficando acuado e daqui a pouco vai fazer tudo que eu quiser – pensou a feiticeira.

Tio Patinhas estava ficando desesperado. Ela iria ficar com este jogo de gato e rato até quando? A cidade não poderia ficar a mercê deste tipo de loucura.

Ele tomou uma decisão.

Foi até o telefone e fez uma ligação muito importante. Após o terceiro toque, uma secretária atendeu e disse:

- Gabinete do prefeito.

- Diga ao prefeito que Patinhas MacPatinhas precisa falar com ele. E tem que ser agora – ordenou o quaquilionário.

### **Há 24 meses, terceiro dia do incidente...**

- Mais uma série muito estranha de incidentes ocorreram ontem em Patópolis – começou a repórter Brígida.

Donald e seus sobrinhos estavam assistindo as notícias.

- Estes eventos estranhos parecem coisa da Maga Patalójika – comentou Donald.

- Tem razão, tio – respondeu Huguinho.

- Será? – perguntou Luisinho.

- O tio Patinhas deve saber de alguma coisa – comentou Zezinho.

Donald também acreditava nisto, mas não quis insistir com seu tio. Ele não parecia nem um pouco a vontade de falar neste assunto.

- Quase na sequência, tivemos cinco incêndios em prédios do centro, felizmente sem vítimas. Em seguida nuvens fecharam o espaço aéreo do aeroporto, impedindo todos os pousos e decolagens. Centenas de passageiros foram redirecionados para o aeroporto de Gansópolis. Finalizando, um forte vendaval que durou mais de uma hora, assustou a população.

- A população começou a entrar em pânico. A maioria dos cidadãos não saiu de casa hoje, por medo destes eventos sobrenaturais. É esperado um pronunciamento do prefeito para os próximos minutos... – continuou a repórter.



Maga Patalójika estava se divertindo muito. Só de pensar na cara que Patinhas estaria fazendo a cada dia, ela gargalhava dentro da casa. Imaginar o sofrimento do muquirana estava fazendo muito bem para ela.

- Creio que hoje vou limpar um pouco esta cidade imunda – pensou a feiticeira.

Pegando sua varinha, a feiticeira se concentrou com o poder de Poseidon \* associado a Zeus e evocou uma chuva intensa na cidade inteira.

*\* deus Grego dos mares e oceanos*

Na prefeitura, uma coletiva de imprensa começou quase ao mesmo tempo que a chuva. O prefeito sabia que perguntariam muitas coisas, mas a única coisa que importava era passar uma mensagem.

O prefeito entrou na sala da coletiva e seguiu até sua cadeira. Dezenas de microfones estavam em frente a ela.

- Senhores repórteres, eu sei que vocês tem dezenas de perguntas a fazer, mas eu só farei um pronunciamento. Todo o resto é irrelevante – começou o prefeito.

- Por motivos que não posso explicar agora, acredito que estes eventos estranhos na cidade vão continuar acontecendo por um tempo e vão piorar. Então o que peço a todos os Patapolenses que estão me ouvindo é que saiam de suas casas. Vamos evacuar a cidade. Quem puder sair, vá para longe e só volte quando tudo se normalizar.

- Mas prefeito, assim o senhor vai deixar os cidadãos em pânico – gritou um repórter ao fundo.

- Meu amigo, eu prefiro um pequeno pânico a perda de vidas. Eu repito. Todos que puderem sair da cidade o façam imediatamente. Os pedágios estão liberados e ônibus circulares estarão a disposição 24 horas por dia com destino a Gansópolis.

- É apenas isto, senhores – finalizou o prefeito, ignorando as perguntas e protestos dos repórteres.

- Pronto Patinhas, cumpri nosso acordo – pensou o prefeito.

- Se você tiver razão quanto a bruxa, assim será mais seguro. Mas vou me precaver – finalizou o raciocínio.

O prefeito seguiu até seu gabinete e pediu a secretária:

- Ligue-me com o ministério do exército.

Nas horas seguintes, a maioria da população estava abandonando suas casas e saindo da cidade. Como os repórteres previram, o pânico foi instaurado com as

palavras do prefeito e muita gente estava fugindo. As rodovias de saída estavam congestionadas e os terminais de ônibus com fila.

O furgão da TV Patópolis estava acompanhando o trânsito em direção as rodovias.

- Aqui fala Brígida ao vivo na maior fuga que esta cidade já viu – começou a repórter.

- Após o pronunciamento do prefeito e de uma chuva inexplicável que começou de repente e causou diversos pontos de alagamento, a maior parte da população trancou suas casas e está tentando sair da cidade.

- Uma pequena parte acredita ser exagero das autoridades e permanece em casa.

- A chuva foi apenas mais um incidente que se soma aos outros fatos estranhos dos últimos dias.

- Para se referenciarmos a esta sequência de eventos, utilizaremos o nome “Incidentes de Patópolis”... – continuou falando a repórter.

Com o tempo, o nome “Incidentes de Patópolis” passaria ao singular “Incidente Patópolis” e em seguida “Incidente”. Assim seria conhecida e registrada na história esta trágica semana.

Tio Patinhas tinha razão quando avisou o prefeito. Tudo que ocorreu até o momento era apenas uma brincadeira. O pior ainda estava por vir.

E a evacuação da cidade, que também foi sua sugestão, salvaria milhares de vidas nos dias seguintes.

# Capítulo 10

## Traição

*"Onde há muito sentimento, há muita dor."  
Leonardo da Vinci*

## **Há 24 meses, quarto dia do incidente...**

Mais um dia amanhecia em Patópolis.

Após o pronunciamento do prefeito no dia anterior, boa parte da cidade estava vazia. Muitas pessoas ainda fugiam naquele momento em um processo que duraria o dia todo.

A feiticeira acordou cedo e o prazer que ela sentia de acuar o muquirana miserável era indescritível. Ela estava satisfeita.

Só para amaciá-lo mais um pouco, hoje seria outro dia chuvoso. Maga pegou sua varinha, concentrou-se no poder de Poseidon e fez chover na cidade inteira.

Em seguida foi até o telefone e ligou novamente para o escritório.

Tio Patinhas atendeu no primeiro toque.

- Maga, por favor, eu estou pedindo de novo para conversarmos – implorou ele.

- Claro Patinhas. É para isso mesmo que te liguei – respondeu a feiticeira – Eu quero conversar com você cara a cara e sozinha.

- E por que está chovendo de novo? – perguntou tio Patinhas.

- Ah, para a cidade ficar limpa – respondeu Maga com uma gargalhada – E vai chover o dia todo.

- Tudo bem, tudo bem. Eu me encontro para falar com você – disse tio Patinhas.

- Muito bom, mas você virá sozinho e sem fazer gracinhas. Fique tranquilo, não pretendo mata-lo, só vou queimar um pouco as suas suíças – falou a feiticeira rindo muito.

- Combinado. Mas apenas amanhã cedo. Hoje eu preciso fechar todos os meus negócios aqui – propôs tio Patinhas.

- Você quem sabe. Eu te espero na rua que dá acesso a Floresta Negra. Não sei o nome dela, mas estou em uma casa verde escura. É a única que tem esta cor. – disse a feiticeira.

- Ótimo – pensou tio Patinhas – Assim a cidade poderia terminar de ser evacuada hoje.

- Tudo bem Maga – ele disse – Amanhã cedo sem falta, eu estarei aí sozinho para conversarmos.

- Mal posso esperar muquirana – respondeu a feiticeira desligando.

Maga estava feliz. Após a satisfação destes últimos dias, ela realmente não pretendia matar o velho, só assustá-lo um pouco. E ao final, pegaria sua moeda e poderia ir embora para viver em paz.

Tio Patinhas estava mais aliviado. Ele se considerava culpado por esta situação na cidade e acabara de ganhar tempo para todos irem embora. Amanhã seria só entre os dois.

Mas agora ele precisava conversar com Donald. Digitou o número dele e aguardou.

- Alô? – foi a voz do outro lado.

- Olá sobrinho – respondeu tio Patinhas.

- Oi tio. Então, decidi me dizer alguma coisa? – perguntou Donald.

- Sim. Ontem eu pedi para vocês não abandonarem a cidade, por que se houvesse algum problema maior, poderiam vir para cá – respondeu tio Patinhas.

- Eu sei. Por mim teria caído fora, mas como o senhor garantiu que estava tudo bem, nós ficamos – comentou Donald.

- Perfeitamente. Agora quero que você, os meninos, Margarida e Dumbela venham aqui na caixa forte amanhã de manhã. Eu vou resolver este problema, mas quero vocês aqui em segurança – pediu tio Patinhas – Quando vocês chegarem eu explico tudo.

- Tudo bem, vamos aí amanhã cedo sem falta – respondeu Donald.

- Obrigado sobrinho. Ligue para Gastão e Peninha e peça a mesma coisa, tudo bem? – concluiu tio Patinhas.

- Tudo. Até amanhã então – despediu-se Donald.

- Até – finalizou tio Patinhas.

- Pronto. Agora tudo vai terminar bem – pensava ele.

Imerso em pensamentos, ouviu seu interfone tocar.

Andando até a mesa, pressionou o botão e disse:

- Sim, dona Cotinha?

- O prefeito, um general e alguns soldados estão aqui para falar com o senhor – foi a voz que saiu do aparelho.

- Mande-os entrar – respondeu o quaquilionario.

Tio Patinhas sentou-se tranquilo. Agora combinaria alguns detalhes com o prefeito e amanhã tudo se resolvia.

- Prefeito, que prazer ver o senhor – disse tio Patinhas assim que eles entraram.

- Pode esquecer o protocolo, Patinhas. Aqui comigo está o general Eagle e precisamos conversar – respondeu secamente o prefeito.

- Claro. Sentem-se por favor. – respondeu tio Patinhas.

- Sr. Patinhas, é um prazer poder ajuda-lo com os eventos dos últimos dias – começou o General – O prefeito me informou que tudo que está acontecendo vem de uma única pessoa. Apesar de não acreditar a princípio, decidi dar uma chance a esta explicação.

- É a mais pura verdade general – respondeu tio Patinhas – Uma feiticeira poderosíssima está fazendo tudo isso para roubar minha moedinha número um. É uma antiga obsessão dela.

- Sr. Patinhas, o senhor deve imaginar que sou um homem que só acredita na solução das armas. E agora vocês me dizem que uma mulher tem poder suficiente para causar pânico em uma cidade, controlando meteoros, chuva, vento, trovões, fogo e sabe-se lá o quê mais – falou o general

– Espero que vocês tenham certeza absoluta do que estão dizendo – concluiu ele.

- Temos sim, general. Eu posso confirmar tudo, pois já vi com meus próprios olhos – respondeu tio Patinhas.

- Está certo Sr. Patinhas. Como disse, vou dar uma chance a esta explicação – finalizou o general.

- Muito bem. Eu estava falando com ela agora mesmo. Nós marcamos um encontro para conversar amanhã cedo – falou tio Patinhas.

- E onde seria este encontro? – perguntou o prefeito.

- Em uma casa verde escura na rua da saída da cidade, aquela que dá acesso a Floresta Negra. – respondeu tio Patinhas.

- Excelente – disse o general – Vou mandar dez Seals \* para acabar de vez com esta feiticeira.

*\* Tropa de elite das Forças Armadas. Especializados em infiltração e assassinato.*

- O quê? – protestou tio Patinhas assustado – O senhor não pode fazer isto, eu prometi ir sozinho. Ela só quer conversar.

- Sr. Patinhas, vai confiar na palavra de uma louca assassina? – perguntou o general.

- Não é questão de confiar. Eu prometi que ia sozinho e vou. O problema é meu – falou tio Patinhas muito irritado.
- O problema seria seu se ela atacasse apenas sua caixa forte. Mas aparentemente, ela está inteirinha – respondeu cinicamente o prefeito – A partir do momento em que ela atacou a cidade, o problema passou a ser de todos nós.
- Prefeito, eu não vou permitir... – começou a falar tio Patinhas.
- Você aqui não permite nada, Patinhas – cortou o prefeito de forma grosseira – Como autoridade máxima do executivo desta cidade, quem resolve a melhor forma de tratarmos o problema sou eu.
- General, pode por favor conseguir uma escolta para a segurança do Sr. Patinhas? – perguntou o prefeito – E que ele não possa sair daqui até resolvermos tudo.
- O senhor não pode fazer isto – gritou tio Patinhas.
- Posso e vou. General? – pediu o prefeito.
- Soldados, montem guarda aqui na caixa forte para a segurança do Sr. Patinhas. E não deixem ele sair em hipótese alguma – ordenou o general para os três soldados que o acompanhavam.
- Sim senhor – foi a resposta simultânea dos três.

Tio Patinhas estava mudo. Estes idiotas iriam prendê-lo ao invés de deixá-lo resolver tudo. Ele tinha certeza que algo sairia errado.

Antes de ele conseguir verbalizar qualquer outro protesto, o prefeito e o general já saíam da sala.

- Não podiam ter feito isto comigo. Eu resolveria – pensou tio Patinhas revoltado.
- Mas agora, preciso manter a salvo minha família – concluiu o raciocínio.

Tio Patinhas correu até a mesa e pegou o telefone. Rapidamente digitou um número. Ao segundo toque, Donald atendeu.

- Alô? – falou desta vez com voz de sono.
- Sobrinho, pegue só o necessário e traga uma mala com roupas de dormir para você e os meninos. Eu quero vocês todos aqui hoje – ordenou tio Patinhas.
- Mas por...
- Por que estou mandando. Não questione e venha logo – cortou tio Patinhas com uma ordem mais convincente – E traga Dumbela e Margarida.

- Sim senhor – foi a resposta.

Em seguida tio Patinhas ligou para Peninha e Gastão e deu o mesmo ultimato.

Neste meio tempo, o general Eagle estava montando a operação para neutralizar Maga Patalójika.

- Exato, quero dez dos melhores Seals aqui amanhã as 06:00 horas – requisitou o general ao quartel - E venham bem armados. O alvo é uma louca assassina.

- Sim senhor – foi a resposta.

No meio da tarde, os parentes do tio Patinhas chegavam a caixa-forte. Os soldados tinham ordens de não deixa-lo sair, mas como ninguém disse nada sobre parentes entrarem, eles não falaram nada.

- Mas por que tudo isto, não devíamos passar aqui somente amanhã? – perguntou Donald.

- Quietos sobrinho – respondeu tio Patinhas.

- Meus filhinhos, venham cá – falou Dumbela para os meninos, esquecendo o motivo de estar lá.

- Ai mãe. Para – reclamaram os três, tentando evitar os beijos.

- O primo tem razão dessa vez – falou Gastão – Posso saber por que tive que sair do conforto de minha casa para dormir aqui em um quarto de hóspedes?

- É isso aí. O senhor não explicou nada – completou Peninha.

- Eu nem tive tempo de pegar a 4ª mala de roupas – comentou Margarida – E por que tem estes soldados aqui dentro?

- É possível todos FICAREM QUIETOS???? – gritou tio Patinhas no fim da frase.

Após o silêncio geral, ele retomou:

- Vocês estão aqui para sua segurança. Dependendo do que acontecer amanhã bem cedo, aqui será o único local seguro da cidade, entenderam? E eu não vou falar o quê pode acontecer. Se até o final do dia estiver tudo bem, vocês poderão ir embora.

- ATÉ LÁ FECEM O BICO!!!!!! - terminou tio Patinhas com um grito.

Após esta pequena explicação razoável, tio Patinhas entrou em seu escritório privativo e bateu a porta com uma pancada muito forte.

- O quê deu nele? – perguntou Margarida.



- Não sei. Nunca vi o tio tão nervoso desde que caí dormindo no maquinário de impressão da Patada e perdemos a produção do dia – comentou Peninha.

- Ah, eu não quero saber – comentou Gastão.

Donald estava quieto. Realmente algo grave estava acontecendo, mas o tio Patinhas não disse nada. Isto não era de seu feitio. E a presença dos soldados era preocupante.

Dumbela preferiu não falar nada. Não conhecia seu tio Patinhas tão bem quanto os outros.

Huguinho, Zezinho e Luisinho ficaram um pouco assustados com os gritos. Nunca tinham visto ele tão alterado.

Tio Patinhas estava fechado. Ele não conseguia imaginar um cenário bom no dia seguinte. Se o exército detivesse Maga Patalójika tudo estaria terminado. Não da forma que ele queria, mas acabaria mesmo assim. Mas se eles falhassem, o resultado poderia ser catastrófico.

O dia seguinte traria o desfecho de tantos anos de perseguição da feiticeira. Ele só tinha medo de que a cidade não saísse ilesa no processo. E estava certo.

### **Há 24 meses, quinto dia do incidente...**

**06:00 AM.** O general Eagle instruiu os Seals. Eles se prepararam para o ataque.

**07:00 AM.** O jornal da manhã entrou no ar. Brígida continuava a série de reportagens sobre os “Incidentes de Patópolis”. O dia anterior foi de chuva torrencial e a maior parte da cidade foi evacuada. Já era o quarto dia de eventos inexplicáveis.

**07:30 AM.** Maga Patalógika acordou, imaginando que sua vida finalmente faria sentido.

**07:45 AM.** A maioria dos integrantes da família Pato já estava acordada. Tio Patinhas continuava trancado no escritório e eles não sabiam ainda por que estavam lá.

**07:50 AM.** Os Seals começaram a cercar a casa verde escura onde estaria Maga Patalójika. Estavam todos vestidos de preto, com máscaras e fuzis. Além de uma infinidade de armas menores. O ataque estava marcado para as 08:00 hs em ponto.

Um pouco antes das 08:00 hs, Maga estava na cozinha imaginando o quanto faria o muquirana implorar por sua vida. Ela fingiria que ia mata-lo só para vê-lo se humilhar. Após ela se humilhar por décadas, era muito bom pensar na cena que ela guardaria com tanto gosto em sua memória.

Tomando um pouco de água, voltou a sala para esperar o velho miserável.

A informação da presença da feiticeira não havia sido confirmada. Com isto, o objetivo primário era acessar a casa e confirmar se o ocupante era o alvo.

Três Seals se encaminharam até a porta de entrada. Dois se posicionaram com um aríete em frente a porta e o terceiro aguardou com um fuzil engatilhado. Se ele visualizasse uma arma, abateria o ocupante no mesmo momento, senão apenas o derrubaria.

Com sinais, o primeiro avisou que iria chamar a atenção do ocupante e pediu a derrubada da porta em dez segundos.

Delicadamente, o soldado bateu na porta.

Maga Patalójika ouviu a porta e se encaminhou para abri-la. Ela estava sorrindo.

Quando estava quase chegando, os dez segundos se esgotaram. Os dois Seals derrubaram a porta e o terceiro entrou com o fuzil.

Maga se assustou e não reagiu, vendo aquele homem alto entrando armado.

O Seal viu que o alvo não estava armado. Ao invés de atirar, virou o fuzil e com a coronha a atingiu em cheio na cabeça.

Maga Patalójika caiu pesadamente no chão e a varinha escapou de sua mão. Ela estava atordoada com a dor e totalmente indefesa.

- DE PÉ – gritou o soldado.

- O quê? – perguntou Maga tonta com a dor.

- DE PÉ – gritou de novo.

Maga se levantou cambaleante.

- Você é a feiticeira Maga Patalójika? – perguntou o soldado.

- Sim – respondeu sem pensar.

O soldado a atingiu novamente com a coronha do fuzil, agora em cima do olho esquerdo. Maga caiu com o rosto voltado para baixo e bateu o bico no chão.

Além de atordoada, gemia de dor e não conseguia abrir o olho. Sentiu um gosto metálico na boca e cuspiu sangue fresco.

Maga não sabia o quê estava acontecendo. Não conseguia raciocinar. Tentou se apoiar para levantar um pouco. Uma última coronhada na altura do estômago a manteve no chão.

A feiticeira estava gemendo sem fôlego. Chorava no chão sem reação nenhuma.

Maga ficou de lado, tentando fazer a dor parar. O soldado que a estava surrando, deu-lhe um chute no ombro direito, o que a fez ficar com a barriga voltada para cima.

Durante este tempo, os demais Seals entraram na casa e confirmaram que ela estava sozinha.

- Esta é a louca assassina? – perguntou um dos soldados – Não esta armada e nem reagiu.

- Ordens são ordens – foi a resposta do soldado que entrou primeiro.

- Não creio que ela seja perigosa. Homens, a ameaça foi neutralizada – concluiu o primeiro.

Neste momento, toda a unidade relaxou e parou de apontar as armas para a feiticeira.

- Quem são vocês? – perguntou Maga Patalójika, com a voz rouca e gemendo.

- Somos a equipe que veio cuidar de você – respondeu o soldado da frente.

- Velho maldito, ele armou para me matar – pensou a feiticeira.

Mas curiosamente, ela não se importou. A vida faria sentido assim, pois ela finalmente se libertaria de tudo. Quem sabe na morte, ela alcançaria a paz.

- Tudo bem, vocês venceram – gemeu a feiticeira com um sorriso.

- Podem me matar – finalizou se apoiando no braço direito.

Outro chute no ombro a derrubou. Os Seals começaram a rir.

- Matar? – falou um soldado, ainda rindo – Se fossemos te matar, não estaríamos aqui conversando com você.

- Não entendo – balbuciou Maga com outro gemido de dor.

- Nossas ordens são claras. Nossa missão é te capturar para absorvermos seus segredos. Caso seja verdade que controla o vento, o fogo e a chuva, seus conhecimentos serão muito úteis para nós. E tiraremos esta informação de você de qualquer jeito – disse o soldado.

- Pior ainda. Ele me vendeu para ser torturada – pensou a feiticeira começando a chorar de raiva.

- Agora de pé. Estes carinhos que fiz em você foram para te amaciar. Assim você vê o quê te espera se não colaborar. Se quiser que a tratemos bem, basta ser boazinha – disse o soldado.

- BASTA SER BOAZINHA? – pensou Maga com ódio. O soldado não devia ter dito isso. Além de a subestimarem, repetiram a única frase que a fazia sentir um ódio imenso e imediato. Ela lembrava o homem que pôs a mão em sua perna a tantos anos atrás.

Maga ficou de pé e cambaleou um pouco para a esquerda. Fingindo uma tontura, caiu pesadamente no chão de novo.

- Ih, teremos que carregar esta tranqueira? – perguntou um soldado rindo.

Eles não notaram, mas ela caiu onde estava a varinha negra. Sem eles saberem, ela estava armada agora.

Foi muito difícil se concentrar com tanta dor, mas o ódio lhe deu foco. Naquele momento, ela odiava tudo e todos.

- De pé, “feiticeira” – falou o soldado de forma sarcástica. Os demais riram.

Enquanto se levantava com a varinha escondida entre a mão e seu vestido, ela odiava mais e mais.

Assim que ficou de pé, uma aura dourada se formou ao redor de todo o seu corpo.

Os soldados se assustaram.

- O quê era aquilo? – eles pensaram a medida que engatilhavam e apontavam seus fuzis.

A feiticeira mal se aguentava acordada. A dor que sentia impedia qualquer pensamento racional. Mas o ódio lhe dizia o quê fazer.

- Este é o último poder, aquele que nunca utilizei – disse a feiticeira com a voz rouca, erguendo a cabeça e fitando o soldado nos olhos – O poder de Apolo, o deus do Sol.

- Atirem – gritou o primeiro soldado.

Todos os Seals atiraram sem hesitar. Dez fuzis MK-17 foram esvaziados na feiticeira. Assim que ficaram sem munição, viram que ela continuava de pé. Todos os projéteis haviam derretido ao entrar em contato com a luz parada em torno dela.

- Inútil – disse a feiticeira – Esta aura é a defesa suprema.

Os Seals estavam imobilizados. Já haviam enfrentado todo tipo de inimigo, mas nunca um que não caiu após receber uma saraivada de tiros.

- Mas a melhor parte é que também serve para ataque – falou a feiticeira com um gemido.

Imediatamente dez raios de luz da largura de um lápis foram projetados pelo escudo. Cada um transpassou a cabeça de um soldado, entrando pelo olho. Em dois segundos estavam mortos. Em cinco, estirados no chão.

A aura desapareceu junto com a vida dos soldados e o ódio da feiticeira.

Ela caiu ajoelhada sem oferecer resistência. Seu olho esquerdo não abria, seu estomago doía muito e seu ombro estava quase deslocado. A cabeça zunia e o sangue escorria de seu bico.

Ainda ajoelhada, chorou descontroladamente. Deixou-se cair totalmente e chorou, chorou e chorou.

Quando não tinha mais lágrimas, sentou-se.

- Desgraçado traidor. Você prometeu vir sozinho – pensava ela com o ódio retornando.

- Tentou me vender para os militares onde eu teria um destino pior do que a morte.

- Traidor, traidor – balbuciava – Você pagará caro por esta traição.

- Você tentou salvar sua amada cidade, não é? Agora, veremos quem vai salvá-la.

- Esta maldita cidade vai queimar.

- QUEIMAAAAAAAAR!!!!!!! – gritou, rodeada com os corpos dos soldados.

# Epílogo

O monte Patus era o ponto mais privilegiado de visualização da cidade.

Próximo ao acesso da Floresta Negra, uma trilha sinalizada indicava aos visitantes, escoteiros e atletas no geral o caminho mais próximo em direção ao topo. Uma pessoa em forma alcançava o alto em cerca de trinta minutos. Alguém um pouco acima do peso em uma hora.

Deste topo, podia-se ver a área residencial a esquerda, a comercial no meio e a industrial um pouco longe a direita. Também podia-se ver as pessoas e carros na Avenida Cornélio Patus e em outras vias importantes.

A colina Mata-Motor ficava de frente, a uma distância bem razoável.

Quem estava subindo agora, gastou cinco horas para chegar lá. Estava cambaleando e com muita dor. Tropeçou e caiu diversas vezes no trecho, mas não parou.

Assim que alcançou o topo, conseguiu ver a cidade inteira de uma vez.

Não iria descansar. Sem perder tempo, começou a se concentrar para executar uma última tarefa. Seu derradeiro ato seria fulminante e sem qualquer chance de escapatória.

Patópolis era uma cidade secular. O pioneiro Cornélio Patus a fundou acreditando que ela resistiria ao tempo, independente de qualquer problema.

Ele estava enganado.

Patópolis deixaria de existir nos próximos minutos.

Karen

Uma órfã que teve seu destino decidido por estranhos.  
Deu um sentido a sua vida sendo a melhor no que faz  
para deixar alguém orgulhoso.

Pataji

Uma menina de rua que foi acolhida por uma estranha.  
Deu um sentido a sua vida lutando pelo sonho de  
quem a protegeu.

Incidente Patópolis

Uma sequência de circunstâncias que caminham  
para um desfecho trágico.

Duas mulheres e várias histórias.

Às vezes, o motivo de tudo está no começo.  
Está na origem.